





## Capítulo 1

# “O Sábado: Sinal de Aliança e Testemunho”

De todos os assuntos das escrituras, o mais mal compreendido e pouco explorado é a guarda do domingo. Criou-se um consenso de aceitação ao primeiro dia da semana como sendo o “Dia do Senhor”. As argumentações em favor da guarda do domingo estão atreladas diretamente com a ressurreição de Yeshua, argumentos desenvolvidos a partir de deduções teológicas criadas ao passar dos séculos, as vezes por desconhecimento histórico cultural, as vezes por deturpação de conceitos.

Foram anos estudando a fundo este assunto para compreender de fato como o mandamento de guardar o sábado, de repente foi substituído pela guarda do dia do Sol. Momento algum procurei ou procuro me apoiar em minhas crenças dentro do estudo deste tema, uma vez que eu, um ex-membro das testemunhas de Jeová, acreditava que a ressurreição houvesse ocorrido em um primeiro dia da semana. Meu objetivo inicialmente era entender como essa mudança ocorreu, e se de fato havia embasamento textual e histórico para isso. Com este objetivo não me limitei a procurar em materiais teológicos, argumentos prontos, tampouco me limitei a cultura judaica e cristã.

Meu objetivo não é ser um antissistema, nem me colocar como o diferente ou exclusivo. O que realmente busco é compartilhar anos de pesquisas e estudos sobre um tema que acredito ser de grande importância. No ocidente, a maioria dos materiais históricos e acadêmicos tende a se concentrar nos eventos ocorridos após o primeiro século de forma limitada, geralmente a partir da perspectiva romana ou bizantina,

deixando de lado outras culturas e civilizações que também tiveram um impacto profundo no desenvolvimento cultural e religioso.

Muitos ficariam surpresos ao descobrir que grande parte da cultura mundial, especialmente no ocidente, tem suas raízes no período persa da dinastia Sassânida e na rica herança cultural Árabe, que floresceu com a expansão do império Otomano. Estes períodos históricos são frequentemente negligenciados nas narrativas históricas, mas tiveram uma influência duradoura e fundamental em muitas das áreas que consideramos pilares da nossa civilização hoje.

Por exemplo, muitos não sabem que os textos de filósofos clássicos como Aristóteles, que até hoje são considerados a base do pensamento ocidental, só se tornaram amplamente acessíveis ao público europeu graças ao esforço dos estudiosos árabes durante a Idade Média. Através de suas traduções e preservação desses escritos, além das suas próprias contribuições intelectuais, os árabes desempenharam um papel essencial na preservação e transmissão do conhecimento para o ocidente. Sem o trabalho dos filósofos e cientistas árabes, muitas obras de Aristóteles, Galeno e outros grandes pensadores da Antiguidade teriam sido perdidas para a posteridade.

Além disso, é importante lembrar que o império Otomano, que se estendeu por mais de seis séculos, também exerceu uma influência significativa sobre as culturas, religiões e políticas do mundo. Ele foi um elo vital entre o oriente e o ocidente, não apenas nas trocas comerciais, mas também no intercâmbio de ideias e na integração de diferentes tradições culturais, linguísticas e filosóficas. O legado dessa interação entre o mundo árabe, persa e otomano é vasto, abrangendo desde a medicina, matemática, astronomia e arquitetura, até a música, literatura e política.

Neste mesmo espírito de questionamento e busca por

novas perspectivas, vamos abordar a ressurreição de Yeshua (Jesus). Não tenho pretensão de fazer críticas a quem no íntimo de sua fé preferir seguir acreditando em uma ressurreição dominical, como tem sido amplamente difundido pela tradição cristã ao longo dos séculos. Tampouco me proponho a ser um revolucionário reformista ou criador de um movimento acusatório, seja contra a Igreja, seja contra os tradutores das escrituras. Minha única pretensão é apresentar os resultados dos meus estudos e as evidências, ao meu ver irrefutáveis, que encontrei e que mudaram minha perspectiva sobre o tema.

Ao longo de minha pesquisa, percebi que há uma enorme distância entre a maneira como a ressurreição de Yeshua é interpretada nas tradições cristãs e o que os textos originais podem nos dizer sobre o evento. Durante meu estudo, encontrei uma série de elementos históricos e contextuais que sugerem que a tradição cristã moderna adaptou o relato para se alinhar com práticas e crenças de outros povos, não apenas helenística e Romana, absorvendo cultos e tradições de outros deuses e transformando Yeshua em uma espécie de Deus solar.

A própria cronologia dos eventos, quando observada à luz do calendário hebraico e das festividades Israelitas, aponta para uma ressurreição que não se encaixa na narrativa tradicional do "domingo de Páscoa". Existem fortes evidências tanto nos textos quanto em fontes extra bíblicas, de que Yeshua teria ressuscitado, de fato, no amanhecer do sábado, no início da contagem para pentecostes, bem diferente da visão dominical promovida posteriormente pelo cristianismo.

Através desses estudos e descobertas, espero oferecer uma nova perspectiva, não só sobre o evento da ressurreição, mas também sobre como a tradição e a história foram interpretadas de maneira diferente. Minha intenção não é alterar

a fé de ninguém, mas compartilhar as evidências e reflexões que mudaram meu ponto de vista.

Peço que antes de ler este livro deixe de lado suas convicções, não faça um pré-julgamento antes de analisar ponto a ponto cada argumento apresentado. Lembre-se, não estamos discutindo crenças, nem fé, mas aquilo que podemos chamar de fatos. Vamos analisar neste livro diversos textos bíblicos em variados manuscritos gregos, hebraicos, aramaico, siríacos e latim. Analisaremos todo o contexto histórico não apenas de Israel, mas das culturas em volta. Listarei cada argumento usado para defender a guarda do domingo e discutiremos sobre o tema contrapondo, quando necessário, dentro daquilo que o texto e as evidências nos permitem.

Espero que este livro seja uma ferramenta de análise crítica, que possa te auxiliar nos seus estudos sobre o tema, e te ajude a refletir sobre a importância do Sábado, mas para isso, temos de começar entendendo a origem deste dia considerado tão sagrado, e ao mesmo tempo entender a relação das festividades bíblicas com a ressurreição de Yeshua.

## *A ORIGEM DO SHABAT*

Basta uma leitura fria das escrituras para perceber como o sétimo dia sempre teve uma importância diferente dos demais. Antes mesmo do primeiro Judeu ou até mesmo Israel surgir nas páginas da bíblia, o sétimo dia é mencionado como algo reservado, um dia escolhido pelo Criador dos céus e da terra como um período de deleite. Em Gênesis 2:2-3 vemos que Deus cessou o seu trabalho e descansou, e abençoou aquele dia e o separou. O termo usado dentro deste texto é 'וַיִּשְׁבֹּת' (wai-yishbot) uma forma do verbo hebraico "שָׁבַת" (shabat), que significa "cessar", "parar" ou "descansar". A

própria palavra Shabat em si é um convite ao cessar o trabalho.

Quando a Torá foi escrita, o método de inscrição utilizado foi o proto-cananita, uma forma primitiva de escrita semítica que se originou por volta do segundo milênio A.E.C<sup>1</sup>. Esse sistema de escrita era composto por um conjunto de letras cujo significado individual se assemelhava ao de hieróglifos egípcios, onde cada símbolo ou letra carregava não apenas um som, mas também um significado visual e conceitual. Isso significa que, em vez de ser apenas um sistema fonético como o alfabeto moderno, cada letra da escrita proto-cananita representava um objeto ou conceito que, ao ser combinado com outras letras, formava uma palavra com um significado mais complexo e multifacetado.

Por exemplo, a letra Aleph (א), a primeira letra do alfabeto semítico, é simbolizada por uma figura de boi. Para os povos semitas, o boi representava atributos como força, virilidade, poder e autoridade. O boi não era apenas um animal, mas também um símbolo de liderança, resistência e capacidade de trabalho árduo. Esses significados associados a cada letra não só davam uma identidade fonética, mas também traziam um componente visual e simbólico profundo para a construção do significado das palavras na Torá. E o que significa a palavra Shabat שבת?

A letra Shin (ש) era representada por um desenho de dentes ou uma chama e simbolizava algo como "consumir", "destruir" ou "pressão". Também poderia representar algo relacionado à proteção, já que os dentes defendem e protegem.

A letra Bet (ב) era representado por uma tenda, e simbolizava a ideia de um lar, que é o local onde as pessoas vivem,

---

<sup>1</sup> AEC Antes da Era Comum.

se protegem e interagem.

A letra Taw ת é a última letra do Alef-Bet<sup>2</sup> e possui significados e simbolismos profundos. Está associada às ideias de “marca”, “sinal” ou “pacto”. No contexto bíblico, ela é mencionada como um símbolo que pode representar proteção ou identificação, como em Ezequiel 9:4, onde um sinal é marcado na testa dos que são fiéis para protegê-los. Na escrita antiga, o Taw era representado por um símbolo que se assemelhava a uma cruz ou um “X”, remetendo à ideia de uma marca ou um sinal de conclusão. Essa forma pictográfica expressa a ideia de algo selado, finalizado ou completado, como a assinatura de um contrato.

Essas três letras formam juntas a palavra Shabat, que ao analisar seu significado, além da ideia de descanso temos o seguinte:

*“Cessar (ou transformar) para habitar em um lugar de proteção na aliança”.*

Também podemos entender da seguinte forma:

*“O descanso que transforma e protege dentro do lar, marcado pelo pacto”.*

A importância aqui não está na interpretação em si, mas na ideia de um dia específico para descanso separado pelo próprio Deus. Foi algo importante a ponto de ser registrado, selado. O texto não apenas diz que Deus descansou, mas que abençoou este dia e o fez santo(separado).

Nos mandamentos dados por Deus a Israel no monte Sinai estava presente a guarda do Sábado. Embora o texto de Êxodo capítulo 20 da bíblia hebraica baseada nos codex Alepo e Leningrado tragam a expressão: *“Lembra-te do dia de*

---

<sup>2</sup> Alfabeto hebraico



*Sábado para o santificar*”, atestamos dentro do pentateuco samaritano e da septuaginta que a palavra correta é “*Guarda o dia de Sábado para fazê-lo Santo*” a palavra Shamor שְׁמֹר (Guarda) está presente no texto samaritano. E podemos ver na própria bíblia hebraica a confirmação quando lemos Deuteronômio 5:12:

שְׁמֹר אֶת - יוֹם הַשַּׁבָּת לְקַדְּשׁוֹ כַּאֲשֶׁר צִוָּךְ יְהוָה אֱלֹהֶיךָ

Shamor et-Yom Há-shabat Le-kadisho Ca-asher tziukha YHWH Elo-heikha

"Guarda o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou YHWH teu Deus."

Certamente também em Êxodo o mandamento é para guardar o sábado, não apenas lembrar. Isso era também um sinal de aliança de Deus com Israel, pois lemos:

*"Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito, e que o YHWH teu Deus te tirou dali com mão forte e braço estendido; por isso YHWH teu Deus te ordenou que guardasses o dia de sábado."* Dt 5:15

Este sinal de aliança não era para ser observado apenas pelos filhos de Israel, mas também por todo aquele que quisesse fazer parte do povo:

*"Mas o sétimo dia é o sábado de YHWH teu Deus; não farás nenhum trabalho nele, nem tu, ... nem o estrangeiro que está dentro de tuas portas"* Dt 5:14

Guardar o shabat não era uma mera opção, era um requisito para quem quisesse fazer a vontade de YHWH. Os mandamentos entregues a Israel seriam um estatuto perpétuo:

*"Portanto, os filhos de Israel guardarão o shabat, para observar o shabat pelas suas gerações, por um pacto perpétuo. Este é um sinal entre mim e os filhos de Israel para sempre; pois em*

*seis dias YHWH fez céus e terra, e no sétimo dia ele descansou, e revigorou-se.” Êx 31:16-17*

Ao longo de toda a história de Israel, o Shabat foi um marco fundamental da aliança com YHWH, representando mais do que um simples costume cultural ou uma prática religiosa ocasional. O Shabat era um dia de deleite, uma pausa das preocupações cotidianas, mas também um tempo dedicado à aproximação com YHWH, com a família e com a congregação. Era um momento de santificação e renovação, onde o povo de Israel se reunia para refletir sobre a grandeza de Deus, renovar seu compromisso com Ele e viver em comunidade. Para Israel, o Shabat era, portanto, uma expressão visível da aliança divina, um lembrete semanal do relacionamento especial entre YHWH e Seu povo.

Enquanto o Shabat em Israel representava a bênção e a santificação de um dia especial, outros povos também observavam períodos de descanso, como o šapattu na Babilônia, que ocorria em dias de Lua cheia. Porém, a motivação desses povos era diferente. Eles observavam o šapattu com o objetivo de apaziguar seus deuses e evitar infortúnios, baseados em superstições e temores de que o trabalho nesse dia pudesse atrair o mal. Em um texto babilônico, é dito:

*“O šapattu é o dia de descanso, em que o rei e o povo não realizam atividades importantes e reverenciam os deuses para que não recaia sobre nós o mal.”<sup>3</sup>*

O descanso do šapattu estava mais ligado ao medo de consequências negativas e à tentativa de manipular forças divinas para evitar o azar, enquanto, para Israel, o Shabat era uma celebração da relação com o Criador e um sinal da aliança estabelecida entre Deus e Seu povo. A diferença entre

---

<sup>3</sup> “Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament” (ANET) de James B. Pritchard

o Shabat de Israel e os descansos de outros povos estava no significado profundo que ele carregava: não era um dia marcado por temores, mas por uma experiência de consagração e relacionamento com YHWH. Como declarado em Ezequiel 20:12:

*"Também lhes dei os meus sábados como sinal entre nós, para que soubessem que eu, o YHWH, fiz deles um povo santo."*

O Shabat, portanto, não era apenas uma prática de descanso, mas uma lembrança constante de que Israel havia sido separado por Deus para ser seu povo, e que esse dia de descanso era um sinal visível da aliança entre YHWH e a nação. Esse dia representava não apenas um intervalo na semana, mas uma afirmação de identidade e fé, onde o povo reconhecia a soberania de Deus sobre o tempo e sua história.

Além do sétimo dia, que era o sábado semanal (Shabat), existiam outras festividades e períodos sagrados que Israel deveria observar, e essas também eram consideradas formas de Shabat. O conceito de Shabat não se limitava apenas ao descanso semanal, mas abrangia uma série de momentos específicos ao longo do ano, em que o povo de Israel era chamado a se abster de trabalho e se dedicar ao descanso e à adoração. Entre essas festividades, destacam-se as grandes celebrações, como a Páscoa (Pessach), o Pentecostes (Shavuot) e a Festa dos Tabernáculos (Sucot), que, além de sua importância na adoração, também eram marcadas por um descanso especial, um "Shabat", no qual o trabalho era proibido.

Havia também outras observâncias de Shabat de maior duração, como o Shemitá, o sábado do sétimo ano. De acordo com a Torá, a cada sete anos, a terra deveria descansar, e os campos não poderiam ser cultivados, permitindo que o solo se recuperasse. Esse era um tempo de perdão de dívidas e de liberdade para os servos. O Jubileu, (ou Yovel),

ocorria a cada quinquagésimo ano, e representava um Shabat ainda mais especial, onde não apenas a terra descansava, mas também as propriedades eram devolvidas aos seus donos originais, e os escravos eram libertos. O Jubileu simbolizava uma restauração completa e uma nova oportunidade para o povo de Israel, representando misericórdia e perdão.

Entender a variedade de sábados e suas diferentes implicações é crucial para uma análise mais profunda de eventos significativos na Bíblia, como a ressurreição de Yeshua (Jesus). A ressurreição de Yeshua não ocorreu apenas no “Shabat” semanal como veremos, mas em um contexto que envolvia a observância de outras festas e períodos sagrados, o que torna a compreensão desses “Shabat” mais complexa e significativa.

Entre a relação de YHWH com seu povo nunca houve outro dia tão importante quanto os Sábados, e é por isso que você deveria se perguntar: “Faz sentido o sábado ter sido substituído pelo domingo?”.



## Capítulo 2

# As Festividades e Seus Significados

Quando falamos das festividades bíblicas muitos tem em mente os ritos judaicos e suas tradições, como se fosse algo reservado a religião judaica. Bem, o judaísmo manteve a pratica de guardar as festividades ordenadas por Deus, mas de modo algum, essas festividades não são exclusivas do judaísmo. Não pretendo neste livro mostrar as evidências de que essas festividades já eram guardadas pelos patriarcas de Israel, o foco aqui está nas primeiras ordenanças a respeito delas.

A primeira festividade ordenada nas escrituras se encontra no êxodo. Após cerca de quatrocentos anos de escravidão o povo de Israel seria liberto por YHWH por intermédio de Moisés. Desde as primeiras vezes que Moisés e Arão falaram com Faraó, o tema é sempre o mesmo:

*"... Assim diz o YHWH Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto." Êx 5:1*

Depois das recusas de Faraó, e nove pragas que atingiram o Egito, YHWH dá então instruções do que os filhos de Israel deviam fazer para que a décima praga não os atingissem, e assim fossem libertos da servidão. Tratava-se da festividade de Pessach (páscoa), um símbolo de libertação e preservação. A décima praga mataria todos os primogênitos dos que estavam no Egito, e aqui começa o simbolismo profundo de Pessach.

YHWH ordenou que cada família separasse um cordeiro de um ano de idade, e que o sacrificassem no décimo quarto dia, á tarde ao do pôr do sol.

Deviam separar o sangue do cordeiro e usar para

marcar as ombreiras de suas portas, e isso seria um sinal:

*"Porque passarei por toda a terra do Egito nesta noite, e ferirei todos os primogênitos na terra do Egito, tanto do homem como do animal. E contra todos os deuses do Egito executarei o juízo: Eu sou o YHWH. E o sangue vos será um sinal sobre as casas em que estiverdes. E quando eu vir o sangue, passarei sobre vós, e a praga não estará sobre vós para vos destruir, quando eu ferir a terra do Egito. E este dia vos será por memorial, e fareis dele uma festa ao YHWH por todas as vossas gerações: fareis dele uma festa por ordenança eterna." Êx 12:12-14*

O sangue na porta serviria como um sinal de preservação dos primogênitos, e deveria ser memorial eterno. Um detalhe interessante é que Israel é chamado de primogênito de YHWH:

*"E tu dirás a Faraó: Assim diz o YHWH: Israel é meu filho, o meu primogênito," Êx 4:22*

Para aqueles que estão familiarizado com o estudo das Duas Casas de Israel ficará fácil entender a relação da Pessach com o sacrifício de Yeshua, para aqueles que não conhecem o estudo das Duas Casas de Israel farei um breve resumo, e caso queiram conhecer melhor sobre este assunto com todas as referências bíblicas e históricas podem ler o livro 'Duas Casas de Ysrael – Origem e Identidade' onde abordo este assunto de maneira mais aprofundada.

Abraão recebe uma promessa, de que sua descendência seria como o pó da terra, e que nele todas as famílias da terra seriam abençoadas, essa expressão no texto se refere a mistura de povos, na pratica todas as famílias da terra teriam os genes de Abraão. Abraão gerou Isaque, que gerou Jacó e Jacó gerou as doze tribos de Israel. Antes de morrer, Jacó abençoou os filhos de José, Manassés e Efraim, e disse que estes levariam o seu nome, Israel, e que seriam como seus filhos gerados por ele. Jacó diz que Efraim seria maior que

seu irmão, e se tornaria uma plenitude de gentios.

Quando a nação de Israel sai do Egito e se tornam um Reino, a infidelidade de Salomão resultou na divisão deste reino, formando então dois, ou melhor, as duas casas de Israel. Ao Norte estavam dez tribos, lideradas pela tribo de Efraim, essa era a casa de Israel. Ao Sul estavam duas tribos e parte dos levitas liderados por Judá, essa era a casa de Judá. Esses reinos passaram a transgredir os mandamentos, servir outros deuses e a fazer aliança com os povos vizinhos, o que as escrituras descrevem como a prostituição de Israel.

YHWH decidiu se divorciar da casa de Israel, devido sua infidelidade, e prometeu espalhar a casa de Israel entre as nações, e fez com que Efraim se misturasse com os gentios. Por ter recebido a carta de divórcio e servido a outros deuses, a casa de Israel não podia mais voltar para a aliança, ao seu primeiro marido YHWH. (Jer 3:1; Dt 24:3,4)

Mas o próprio YHWH disse que resgataria a casas de Israel e que faria com eles e com a casa de Judá uma nova aliança. (Jer 31:31; Isa 43:1-6) Como Israel não poderia voltar ao primeiro marido e YHWH segue seus próprios mandamentos, só havia um modo de possibilitar um novo casamento, uma nova aliança, a morte do marido, pois morrendo o marido a mulher está livre da lei do casamento. (Rm 7:1-4)

Dentro do contexto de Pessach que é símbolo de libertação, tem a preservação do primogênito, que neste caso é o pecador Efraim. (Jer 31:9)

Efraim é aquele filho pródigo citado por Yeshua, que volta ao Pai e que é recebido com festa e o Pai sacrifica por ele o novilho cevado. Judá por outro lado é o irmão mais velho, que sempre esteve ao lado do pai.

Este rápido resumo é para que possamos voltar no



tema da festividade.

No décimo quarto dia, ao pôr do sol, sacrificariam o cordeiro, marcariam as ombreiras de suas portas com o seu sangue e assim comeriam o cordeiro junto com pães sem fermento e ervas amargas. No décimo quinto dia iniciava uma nova celebração, a festa de pães ázimos. Durante sete dias deviam comer apenas pães sem fermento, em memorial a libertação do Egito. O primeiro dia faziam uma assembleia, e no sétimo dia também. Nenhum trabalho se realizaria nestes dias, portanto, eram Shabat.

Em Levítico há o mandamento de uma terceira festividade, a chamada Bikurim, ou primeiros frutos. É importante novamente ressaltar que Shabat, não se refere apenas ao sétimo dia da semana, mas também as convocações. O mal entendimento deste ponto gera uma interpretação errada de Bikurim. Isso porque o texto diz que dever-se-ia contar desde o dia seguinte ao Shabat sete sábados, até o dia seguinte ao sétimo sábado. Aqui está a primeira distorção do mandamento que irão usar em defesa do domingo, dizer que se contaria o dia imediato ao sábado semanal.

Vamos analisar agora o contexto todo do mandamento e como historicamente era guardado.

Como vimos, a Pessach era um shabat, e o primeiro dia de pães ázimo também:

*"... aos quinze dias deste mês é a festa dos pães ázimos de YHWH; sete dias comereis pães ázimos. No primeiro dia tereis santa convocação; nenhum trabalho servil fareis;" Lv 23:6-7*

O texto hebraico de levítico 23:15 diz que do dia imediato ao Shabat se contariam sete Sábados:

"וּסְפַרְתֶּם לָכֶם מִמַּחֲרַת הַשַּׁבָּת מִיּוֹם הַבִּיאָכֶם אֶת - עֹמֶר הַתְּנוּפָה  
שִׁבְעַ שַׁבָּתוֹת תְּמִימֹת תִּהְיֶינָה

U-sefartem lakhem mi-makhorat há-shabat mi-yom hevi-akhem  
et-omer há-tenufah sheba shabbatot temimot tihyenah

Seriam contados sete sábados, aqui se referindo ao sétimo dia.

O texto grego da Septuaginta verte este texto assim:

*“E contareis para vós a partir do dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o feixe da oferta movida, sete semanas inteiras”*

O uso da palavra “εβδομαδας” (Ebdomadas) não substitui o conceito de Shabat. A septuaginta foi uma cópia da Torá (Pentateuco) para povos não israelitas, precisamente para o Rei Ptolomeu. Os gregos não tinham um conceito de semanas de sete dias, portanto considerar Ebdomadas como sendo semanas é uma aplicação errada. O que era Ebdomadas?

O conceito de "hebdomada" (ou "ebdomada") na Grécia antiga se referia a um período de sete dias, mas não era utilizado no calendário comum. O termo “εβδομας” para os gregos antigos, tinha significados simbólicos e religiosos atrelado ao número sete, indo de um dia considerado sagrado a outro, não necessariamente o sétimo dia. Hebdômada é um termo que tem origem no grego antigo, sendo formado pela junção dos termos “hepta”, que significa sete, e “hodós”, que significa caminho. Dessa forma, hebdômada pode ser traduzido literalmente como “sete caminhos”. Expressão utilizada durante as Panatéias, festas religiosas que duravam sete dias.

Em obras literárias e filosóficas, o número sete aparece como símbolo de completude. Exemplos famosos incluem "Sete Maravilhas do Mundo Antigo" e os "Sete Sábios da

Grécia", que eram figuras que representavam a sabedoria e a excelência intelectual da época.<sup>4</sup>

A semana grega antiga, diferentemente da semana moderna de sete dias, não tinha uma estrutura fixa de dias. O calendário grego era baseado em ciclos lunares e geralmente dividido em meses de 29 ou 30 dias, mas esses meses não eram organizados em semanas como conhecemos

Os gregos dividiram o mês em três partes, cada uma com cerca de dez dias, chamadas de "dekades". Foi apenas mais tarde, sob a influência do Império Romano e da propagação das tradições judaico-cristãs, que uma semana de sete dias se tornou uma prática comum, diferente de quando a septuaginta foi escrita. O texto grego da septuaginta tenta usar a ideia grega de ciclo completo ao qual os gregos estariam familiarizados, que seria contado de um dia sagrado a outro. Deixando claro para o leitor não judeu que era um intervalo de um dia sagrado (Shabat) a outro, já que o fato de os judeus tratarem o sétimo dia como um dia sagrado era conhecido de outros povos. Como relatado por Heródoto<sup>5</sup> (484 AEC – 425 AEC), Diodoro Siculo<sup>6</sup> (90–AEC - 30 AEC.) e Filo de Alexandria<sup>7</sup> (20 AEC–50 EC), além de Tácito e Josefo.

Portanto interpretar que os escribas da Septuaginta interpretaram este texto como Semana no lugar de Shabatot para dizer que Sábado significava semana está fora da realidade. Apenas fizeram uma separação do Sábado festivo do sábado do sétimo dia, usando assim Ebdomadas para indicar a contagem do Shabat semanal.

Quando os cristãos romanos passaram usar o termo

---

<sup>4</sup> "Uma História da Filosofia Grega" de WKC Guthrie; "História da Filosofia" de Bertrand Russell

<sup>5</sup> Histórias (Livro 2, § 104)

<sup>6</sup> Biblioteca Histórica (Livro 40, § 3)

<sup>7</sup> Sobre os Especialistas em Leis (De Specialibus Legibus, Livro 2)

hebdomadas de origem grega como sendo o conceito de semana, muito depois da escrita da Septuaginta, é que está palavra passou a ser compreendida como uma semana de sete dias. Porém, a definição de hebdomadas era a semana contada de um sábado a outro, uma referência ao sétimo dia da semana, algo que podemos constatar no dicionário latim da vulgata

*Hebdomadas: semana, sete dias; semana judaica, um sábado após o outro; reunião semanal judaica, rotina de deveres, grupo de sete; fim do período de 7 dias; febre com período de 7 dias; cada 7º dia;*<sup>8</sup>

Falando agora da semana Israelita, chamada de Shabua não eram apenas sete dias em aleatoriedade, se referia ao período do primeiro dia, Yom Rishon, até o shabat, o sétimo dia, de acordo com o relato da criação. Quando a torá diz para contar sete Shabatot (sábados), está se referindo da contagem do sétimo dia, separando de dias festivos. Em Deuteronômio fica ainda mais explícito:

*"Sete semanas contarás; começarás a contar as sete semanas a partir do momento em que começares a pôr a foice no grão." Dt 16:9*

E quando começava a pôr a foice no grão? O historiador Flavius Josefo explica:

*No décimo sexto dia do mês, que é o segundo dos Asmos, começa-se a comer os grãos que foram recolhidos e nos quais ainda não se tocou. Como é justo testemunhar a Deus gratidão pelos bens de que lhe somos devedores, oferecem-se as primícias da cevada, deste modo: faz-se secar no fogo um feixe de espigas e delas se tira o grão, que é limpo. Depois é oferecida sobre o altar a medida de um ômer, da qual lá se deixa um punhado — o resto é para os sacerdotes. Em seguida, é permitido a todo o povo fazer a ceifa, quer em geral,*

---

<sup>8</sup> Latin-English inflected, Christian Casey.

*quer em particular. E, nesse tempo de primícias, oferece-se a Deus um cordeiro em holocausto.*<sup>9</sup>

O que está de acordo com o texto da Torá:

*"E vós oferecereis naquele dia em que moverdes o molho um cordeiro de um ano, sem defeito, por uma oferta queimada ao YHWH. ... E para vós contareis desde o dia seguinte do shabat, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete shabats serão".* Lv 23:12,15

Então à partir do dia imediato ao shabat de pães ázimos, no décimo quinto dia do mês de Aviv iniciaria uma contagem de sábados. Seriam sete sábados totalizando quarenta e nova dias, e no quinquagésimo dia, no Yom Rishon seria a festa das semanas (Shabuot/Pentecostes).

Neste intervalo de um Sábado a outros separava os primeiros grãos de cada colheita, para que fossem oferecidos no dia da oferta. Então no quinquagésimo dia é Shabuot/Pentecostes. Em um paralelo com o Yovel (Jubileu), os sete sábados de anos representava o perdão de dívidas, também em pentecostes no primeiro século a casa de Israel entre os Gentios receberam a manifestação da Ruach Hakodesh (espírito santo) como sinal de remissão, como declarado pelos profetas (Joel 2:25-28; Atos 2:17-19)

*"Então o YHWH me revelou: "Ó filho do homem, eis que estes ossos são toda a Casa de Israel. Porquanto eles costumam murmurar: 'Nossos ossos secaram, e a nossa esperança mirrou; estamos aniquilados!' Contudo, profetiza e prega-lhes: Assim diz Yahweh, o Eterno e Soberano Deus: Ó meu amado povo, eis que abrirei as vossas sepulturas! Eu mesmo vos farei sair dos vossos túmulos e vos conduzirei de volta à terra de Israel. E no dia em que Eu vos libertar do vosso lugar de*

---

<sup>9</sup> História dos Hebreus – Flávio Josefo pg. 137

*morte e vos fizer sair, compreendereis que Eu Sou Yahweh, ó povo meu! E derramarei dentro de cada um de vós o meu Espírito, e vivereis;” Ez 37:11-14*

Sendo assim a Pessach, além da libertação do Egito e preservação do primogênito representou que na morte de Yeshua a casa de Israel se livraria da morte e seria liberta da condição que se encontrava. Os pães ázimos representava estar livre das doutrinas que os afastavam da verdade, e os primeiros frutos representavam aqueles primeiros discípulos a receber não apenas as palavras de Yeshua, mas também o Ruach Hakodesh. (Tiago 2:18)

Essas festividades estão ligadas diretamente ao resgate e remissão da casa de Israel que estava fora da aliança, preparando assim as duas casas, Israel e Judá para as próximas festas, Yom teruá (Dia do Alarido/trombetas), Yom hakpurim (dia das expiações) e Sukot (Tabernáculos), todas elas citadas nos acontecimentos descritos em Apocalipse. Essas que ainda aguardamos o seu cumprimento, que resultará na união das duas casas de Israel novamente em uma.<sup>10</sup>(Ezequiel 15:27)

A guarda dominical nunca esteve associada a nada na Torá nem nos profetas, os primeiros discípulos continuavam a guardar o shabat, e as comunidades primitivas também. Essas festividades eram mandamentos perpétuos para Israel, tinham significado profundo na libertação de Israel e continuam tendo. A má interpretação da ressurreição de Yeshua foram usados para absorver costumes de outros povos, povos que cultuavam deuses solares. Não apenas distorceram o dia da ressurreição, como criaram a imagem de um Messias que aboliu os mandamentos. Como o objetivo deste livro é falar

---

<sup>10</sup> Para entender melhor como cristãos e judeus fazem parte das duas casas de Israel, recomenda-se a leitura do livro 'Duas casas de Israel origem e identidade- Yosef chaym', e os documentários 'Crise de Identidade – Jin Stanle' e 'Duas casas de Israel – Caminho Israelita' no youtube

especificamente do Sábado e da adoção do domingo, não abordarei com profundidade a validade dos mandamentos da Torá.

No próximo capítulo vamos abordar os relatos sobre a ressurreição de Yeshua e analisar os argumentos usados para defender que ele tenha ressuscitado no primeiro dia da semana, e ponto a ponto vamos analisar o que os textos e os fatos nos revelam.





## Capítulo 3

# Shabat o verdadeiro dia do Senhor

Ao nos depararmos com os relatos da ressurreição de Yeshua não haveria motivos para se duvidar que a ressurreição ocorreu no amanhecer de um sábado. Porém alguns conceitos foram criados sobre os textos de forma a mudar sua interpretação.

A partir daqui vamos analisar os argumentos em favor do domingo de maneira minuciosa, dos mínimos detalhes aos mais importantes que realmente fazem diferença nos textos. Iremos usar não apenas os manuscritos gregos, mas também os manuscritos siríaco aramaicos pois sabemos que sua antiguidade atesta terem sido de fato as cópias mais antigas. Não se trata de dar uma primazia a um manuscrito ou outro, mas quanto mais testemunhas, melhor, além do fato de que o aramaico é a principal chave dentro deste assunto.

## No Terceiro Dia

A primeira distorção quando se trata da ressurreição é a afirmação de que Yeshua ressuscitou após três dias e três noites no sepulcro. A base para este argumento é Mateus 12:40, em que Yeshua fala sobre o sinal de Jonas:

*Mt 12:40: "Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra."*

Sempre que vamos trabalhar com elementos textuais precisamos de mais de uma “testemunha” por assim dizer. Outros trechos ou citações que corroborem com um texto específico. Essa afirmação de três dias e três noites se encontra de fato em todos os manuscritos dos quais temos acesso, e cita o sinal de Jonas em outros dois textos, Mateus 16:4 e

Lucas 11:29, sem citar três dias e três noites. A questão é que todos os outros textos sobre a ressurreição, incluindo os relatos do dia da ressurreição nos mostram que ela ocorreria ao terceiro dia, e não após três dias, como você pode ver a baixo

Mt 16:21: *“Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, e dos principais sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia.”*

Nos textos gregos encontraremos “τρίτη ἡμέρα” Triton Hemera, terceiro dia. A palavra Hemera está no singular, usado para a parte clara do dia.

O dia, usado do dia natural, ou do intervalo entre o nascer e o pôr-do-sol, como diferenciado e contrastado com a noite.

De modo semelhante o texto siríaco traz o seguinte:

ܠܠܝܬܐ ܕܬܠܝܬܐ walyawmā daṭlāṭā, que também está no singular, não como três dias, mas como terceiro dia.

Isso se repete em todos os outros textos referente a ressurreição:

Mt 17:23:	"E matá-lo-ão, e ao terceiro dia ressuscitará."
Mt 20:19:	"e ao terceiro dia ressuscitará."
Mc 9:31:	"e matá-lo-ão; e, morto ele, ressuscitará ao terceiro dia."
Mc 10:34:	"... nele, e o matarão; e, ao terceiro dia, ressuscitará."
Lc 9:22:	"... e seja morto, e ressuscite ao terceiro dia."
Lc 18:33:	"... matarão; e ao terceiro dia ressuscitará."
Lc 24:7:	"... seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite."
At 10:40:	"A este ressuscitou Deus ao terceiro dia, e fez que se manifestasse,"
1Co 15:4:	"E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, "

Em todos estes textos as palavras “τρίτη ἡμέρα” Tri-ton Hemera e ܠܠܬܝܬܐ ܠܡܝܬܐ walyawmā daṭlātā são usadas no singular, como terceiro dia.

Alguns textos usam a expressão “Após três dias”, mas todos se referindo a zombaria que fizeram dele, exceto pelo texto de Marcos 8:31, em que o texto grego traz: μετὰ τρεῖς ἡμέρας

Meta treis Hemeras, após três dias, sendo Hemeras Plural. Neste Caso o codex Palimpsesto Siríaco traz novamente:

ܠܠܬܝܬܐ ܠܡܝܬܐ walyawmā daṭlātā, terceiro dia.

A prova Cabal de que ocorreu fato no terceiro dia, e não após três dias está no relato da ressurreição. Assim que as mulheres chegam ao Túmulo e o encontraram vazio, dois anjos aparecem ao lado delas e dizem:

Lc 24:5-7: " *Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galileia, Dizendo: Convém que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite.*"

ܠܠܬܝܬܐ ܠܡܝܬܐ wəlaṭlātā yawmiyn, aqui embora no plural, o texto não diz após três dias, e a forma expressada significa terceiro dia, algo que pode ser atestado nas traduções da peshita de Murdock, Etheridge e Lamsa.

O texto segue dizendo que no mesmo dia Yeshua aparece no caminho de Emaus para dois discípulos. Eles sem saber que era o próprio Yeshua começam a relatar o que havia ocorrido naqueles dias, e dizem o seguinte:

Lc 24:21: "E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia

*desde que essas coisas aconteceram."*

O texto nos informa que aquele era o terceiro dia. Em grego “ τρίτην ταύτην ἡμέραν ” Triton tauton hemeran, terceiro este dia. O texto siríaco traz: ܠܡܥܬܐ ܠܬܠܬܐ ܝܠܡܝܢ ܠܡܥܬܐ wha t’lat’a yawmīn hā, eis que três dias, eis que de fato isso tudo foi.

A mesma forma escrita no versículo 7 de Lucas 24.

Quando recorremos aos textos siríacos da Peshito Tanak<sup>11</sup> vemos que esta forma de expressão é usada para terceiro dia, ou dentro de três dias, e quando se refere a algo que ocorre após três dias aparece a expressão ܠܬܠܬܐ ܝܠܡܝܢ ܠܡܥܬܐ bāṭar t’lata Yawmin, “Após três dias”. Como os testemunhos da ressurreição não usam a expressão bāṭar se refere mesmo ao terceiro dia. E como atestado nos manuscritos gregos: Triton Hemera, terceiro dia.

Como a maioria dos testemunhos textuais, incluindo do dia da ressurreição nos mostram que foi ao terceiro dia isso nos ajudará a compreender melhor o dia da ressurreição. É como um quebra cabeça, cada pequeno detalhe fará toda a diferença na análise dos textos.

## Shabat ou Semana?

O segundo argumento que vamos analisar se refere a interpretação de que a palavra mia sabatou nos textos gregos, e had b’shaba nos textos siríacos se referem não a sábados, mas a primeiro dia da semana. Esta parte do estudo é um pouco extensa, pois há vários argumentos que precisaremos analisar. Também teremos de contextualizar o período histórico em que essa interpretação passou a ser validada, e

---

<sup>11</sup> Versão aramaico siríaco do antigo testamento

entender o porquê ela foi validada. Esse é o passo inicial para entender quando foi disseminado o domingo no lugar do sábado.

Iniciaremos pelo argumento do uso da palavra Sabatou como sendo semana.

Alguns dos argumentos usados para dizer que Sabatou é usado como referência a semana é o registro da Septuaginta de Levítico 23:15 que usa a palavra Ebdomadas ἐβδομάδας para a contagem de sábados, no lugar da palavra Shabatot (Sábados). Como já vimos anteriormente, Ebdomadas não era usado como semana literal no período em que a Septuaginta foi escrita, mas se referia a contagem de dias sagrados, que no caso dos gregos era uma festa de sete dias sagrados, já que os gregos não utilizavam a semana de sete dias. Portanto utilizar o argumento de que neste texto a palavra semana foi usada no lugar da contagem de sábados é má interpretação do conceito, pois tratava-se da contagem dos shabats.

Outro argumento é de que no texto de Lucas 18:12 a palavra Sabatou do grego, e Shabatah do aramaico siríaco teriam sido utilizadas como semana. Mas qual o fundamento para afirmar isso? Bem, vamos analisar o texto e entender o porquê dizem que se refere a semana, depois vamos explicar o que de fato o texto diz. Lemos o seguinte:

*"Jejuo duas vezes na semana, e dou o dízimo de tudo quanto ganho."*<sup>12</sup>

No texto grego a palavra traduzida como semana é

---

<sup>12</sup> Bíblia Almeida Corrigida

Sabatou

"νηστεύω δις τοῦ σαββάτου, ἀποδεκατῶ πάντα ὅσα κτῶμαι."

nistéuo dis toú sabatou, apodekató pánta ósa któmai.

No texto siríaco o texto traz a palavra bashabtah

ܒܫܒܬܗ

Por qual motivo entendem que a palavra Sabatou neste texto se refere a semana?

O argumento usado é que não teria como jejuar duas vezes no sábado, portanto faria mais sentido se esse jejum fosse duas vezes na semana. Parece fazer sentido, o problema é que isso é desconhecimento nítido de como eram os ciclos de jejuns e como as escrituras separaram períodos.

Na cultura semita existe uma separação entre a parte clara e a parte escura de um mesmo dia, por isso há um destaque quando algum evento se refere aos dois turnos, dia e noite. Por exemplo, em Lucas 4:2 diz que o Diabo tentou Yeshua quarenta dias, e neste período Ele não comeu nada, sem mencionar os períodos de jejum, enquanto que em Mateus 4:2 diz que Yeshua jejuou por quarenta dias e quarenta noites, separando por turnos o acontecimento. Essa cultura pode ser vista em outros textos:

Jz 20:26: *"Então todos os filhos de Israel, o exército todo, subiram e, vindo a Betel, choraram; estiveram ali sentados perante o Senhor, e jejuaram aquele dia até a tarde; ..."*

2Sm 1:12: *"... prantearam, choraram e jejuaram até a tarde por Saul e por Jônatas, seu filho..."*

Et 4:16: *"Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem na capital, Susã, e jejuai por mim, e não comais, nem bebais por três dias, nem de noite nem de dia; ..."*

Dn 6:18: *"Depois, o rei se foi para o seu palácio e passou a noite em jejum; ..."*

O ato de jejuar podia ser dividido em turnos, dando destaque quando havia de jejuar dia e noite. Como no texto de Lucas trata-se de um Fariseu se gabando de seus atos, é compreensível que ele diga que jejuava duas vezes no Sábado, ou seja, ele não come durante o dia todo, jejuava dia e noite. Não há uso histórico da palavra Sabatou para semana, tampouco da palavra Shabtah, uma vez que o texto siríaco do Tanak (Antigo testamento) verte semana como **ܫܒܬܐ** shabwaayn, cognato da palavra hebraica Shavua (Semana), o que torna ilógico crer que a palavra Shabtah do siríaco e Sabatou do grego estejam se referindo a semana, e sim ao dia de sábado já que ambas palavras ocorrem no singular, tanto nos manuscritos siríacos quanto gregos. Sendo assim a tradução correta deste texto seria:

Lc 18:12: *"Jejuo duas vezes no sábado, e dou o dízimo de tudo quanto ganho."*

A importância de se interpretar de maneira correta este texto é porque usam este texto como respaldo para a má tradução dos textos que relatam a ressurreição de Yeshua. Nos quatro evangelhos encontraremos as palavras Sabatou, Sabaton para o grego e Shabá para o texto siríaco. Essas palavras tem causado polêmica devido ao uso como primeiro dia da semana para os falantes de aramaico siríaco na atualidade, mas veremos em capítulos posteriores que este costume foi uma adaptação tardia, nos séculos III e VI. Por enquanto vamos aos textos da ressurreição para entendermos o uso da palavra Sabatou e Shabá.

Primeiramente temos que compreender o período em que ocorre a morte de Yeshua. Como expliquei anteriormente não apenas o sétimo dia é um shabat, mas também os

períodos festivos, e Yeshua é morto no dia quatorze de Nisã no dia da Pessach (Páscoa). O dia seguinte seria o primeiro dia de Hag hamatzot (pães ázimos) que também era considerado um shabat. (Lv 23:6-7) Isso é citado em João 19:31, quando os fariseus pedem que os corpos sejam retirados, pois era preparação e o dia seguinte era o sábado. A páscoa iniciava ao pôr do sol do dia quatorze, até o pôr do sol era o período de preparação, e dia seguinte era o primeiro dia de pães ázimos, por isso não queriam que o corpo de Yeshua ficasse pendurado até a noite, pois, após o pôr do sol era o shabat de Pessach:

*Jo 19:31: "Como era a Preparação, os judeus, para que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado - porque esse sábado era um grande dia! - pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e fossem retirados."*

Como sabemos que essa preparação não se tratava da sexta-feira, mas sim da preparação para a Pessach? O próprio texto de João responde:

*Jo 19:14: "Ora, era a preparação da páscoa, e cerca da hora sexta. E disse aos judeus: Eis o vosso rei."*

Entender este ponto é importante, pois não se tratava do sábado semanal, mas sim do sábado festivo, sendo o dia seguinte o primeiro dia de pães ázimos marcado como um dia de descanso.

## Ressuscitou no Sábado

Quando lemos o relato da ressurreição nos textos mais antigos não há dúvida de que a ressurreição ocorreu em um dia de sábado, principalmente se interpretarmos que a profecia de Daniel se refere ao dia da morte de Yeshua. Embora o texto de Daniel mencione setenta e duas semanas, um relato específico é interpretado por muitos como referência ao dia



da morte de Yeshua. Não creio eu pessoalmente, que seja uma referência direta a morte do Messias, mas ao considerar que Yeshua ressuscitou no dia de sábado essa interpretação faria ainda mais sentido. Me refiro ao texto de Daniel 9:26,27:

*Dn 9:26-27: "E depois de sessenta e duas semanas será cortado o ungido, e nada lhe subsistirá; e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até o fim haverá guerra; estão determinadas assolações. E ele fará um pacto firme com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício..."*

Muitos consideram que essa metade da semana seria o dia da morte de Yeshua, já que deduzem que após a sua morte os sacrifícios não eram mais necessários. Seria então uma quarta-feira, e partir da ressurreição sabemos que Ele foi morto em uma quarta, ficando três noites sepultado, contando da noite de quarta até a noite de sexta, e o dia de quinta e sexta, ressuscitando no terceiro dia, no amanhecer do dia de sábado.

Como já salientei, não vejo essa profecia relacionada ao dia da morte, mas sim, podemos atestar que a morte ocorreu em uma quarta-feira, pois como já abordados anteriormente, Yeshua disse que ressuscitaria ao terceiro dia, e não após três dias.

Vamos analisar agora os textos que mencionam a ressurreição em seus mínimos detalhes, começando pelo relato escrito no evangelho segundo Mateus.

## Relato segundo o Evangelho de Mateus

Em Mateus capítulo 28 as traduções em português vertem da seguinte forma o texto:

*Mt 28:1: "No fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram*

*ver o sepulcro.* <sup>13</sup>

O texto grego, porém, traz o seguinte:

"Ὅψὲ δὲ σαββάτων, τῇ ἐπιφωσκούσῃ εἰς μίαν σαββάτων ἦλθεν Μαριὰμ ἡ Μαγδαληνὴ καὶ ἡ ἄλλη Μαρία θεωρῆσαι τὸν τάφον."

Opsè dè sabbatôn, tē epiphōskousē eis mian sabbatôn ēlthen Mariam hē Magdalēnē kai hē allē Maria theōrēsai ton taphon.

Como pode observar a palavra Sabbatôn aparece duas vezes no texto, ambos na forma plural, pois como já vimos naquela semana haviam mais de um Shabat, sendo a noite de Pessach e o primeiro dia de ázimos sábados.

O termo Opsè dè Sabbatôn significa: depois dos sábados; a palavra Opsè pode ser usada para tarde, entardecer e tardiamente e depois, seguido pela palavra Sabbatôn, que é plural. Em seguida a palavra epiphōskousē que significa clarear, amanhecer, o que dá sentido a palavra Opsè significar depois.

As palavras Eis Mian Sabbatôn significam: em um Sábado; isso porque "Eis" significa: em, até, para; e Mian significa um ou primeiro. Vamos discorrer melhor sobre isso.

A palavra "μίαν" (mian) é a forma acusativa singular feminina do numeral grego "εἷς" (heis), que significa "um". Em grego antigo, os numerais de um a três concordam em gênero, número e caso com o substantivo que acompanham. Nesse caso, "μίαν" está concordando com "σαββάτων" (plural de "σάββατον", que significa "sábado").

No contexto de Mateus 28:1, a tradução de "μίαν" (mian) como "um" pode parecer inicialmente confusa, pois estamos tratando de um plural "σαββάτων" (sábados). No entanto, o uso de "μίαν" aqui é uma forma idiomática do grego que indica "um dos sábados" ou o "primeiro sábado da

---

<sup>13</sup> Almeida Revista e Atualizada

contagem”. O termo “μὴν” é utilizado para se referir ao primeiro de uma série de eventos, e neste caso, ao primeiro sábado da contagem de sete sábados que culminava no Pentecostes (ou Shavuot).

Como “μὴν” funciona aqui:

“μὴν” é um numeral ordinal que indica “o primeiro” em uma sequência, não sendo uma simples referência ao número “um” isoladamente.

“σαββάτων” (sábados) está no genitivo plural, mas a tradução de “μὴν” ainda é coerente com o significado de “um” no sentido de “um dos sábados” ou “o primeiro dos sábados” da contagem dos sete sábados.

A expressão “εἰς μὴν σαββάτων” pode ser entendida como “no primeiro sábado da contagem”, ou “no primeiro dos sete sábados”, dado o contexto judaico da contagem dos sábados como já abordamos anteriormente, assim sendo a tradução literal do texto grego de Mateus ficaria do seguinte modo:

Tradução literal:

*«Depois, porém, do(s) sábados, ao começar a iluminar (ou ao nascer da luz) em um (ou primeiro) sábados, veio Maria Madalena e a outra Maria ver o túmulo.»*

Análise palavra por palavra:

Ὅψε (Opsè)	«Tarde» ou «no final do dia» (geralmente implica no fim do dia, perto do nascer do Sol).
Δε (dè)	«mas» ou, «porém» (uma conjunção que adiciona um contraste ou transição).
Σαββάτων (sabbatôn)	«do(s) sábados» (genitivo plural de «sábado», referindo-se ao(s) sábado(s)).
Τῇ ἐπιφωσκούσῃ (tê epiphôskousê)	«ao começar a iluminar» ou «ao nascer da luz» (referindo-se à primeira luz da manhã).
Εἰς (eis)	«em» ou «para» (usado para

	indicar movimento ou direção, no caso, para o tempo).
Μίαν (mian) x	«em» ou «para» (usado para indicar movimento ou direção, no caso, para o tempo).
Σαββάτων (sabbatôn)	«do(s) sábados» (novamente, genitivo plural de «sábado»).
ἦλθεν (êlthen)	«veio» (verbo «vir», no aoristo, indicando uma ação passada).
Μαριάμ (Mariam)	«Maria» (nome próprio).
ἡ Μαγδαληνῇ (hē Magdalēnē)	«a Madalena» (adjetivo que indica Maria Madalena).
Καὶ (kai)	«e» (conjunção de adição).
ἡ ἄλλη (hē allē)	«a outra» (indica a outra Maria).
Μαρία (Maria)	«Maria» (nome próprio).
Θεωρῆσαι (theôrēsai)	«ver» (infinitivo de «ver», no sentido de observar ou olhar).
Τὸν τάφον (ton taphon)	«o túmulo» (acusativo singular de «túmulo»).

Podemos constatar no texto grego que a ressurreição ocorreu após os sábados festivos, em um sábado, ou no primeiro sábado da sequência de sete até pentecostes.

Vejamos agora como o texto siríaco transcreve este texto:

ܕܒܪܐܡܫܐ ܕܝܢ ܒܫܒܬܐ ܕܢܗܟܗ ܗܕ ܒܫܒܬܐ ܐܬܬ ܡܪܝܡ ܡܥܕܠܝܬܐ ܘܡܪܝܡ ܐܗܪܬܐ ܕܢܗܐܝܝܢ ܩܒܪܐ

“Baramsha din b-Shabta d-nagha had b-Shaba atat Maryam Magdalyta u-Maryam ahrta d-n,hazin qab,ra ”

Na noite do sábado, quando começou a amanhecer um [ou primeiro] dos sábados, vieram Maria Madalena e a outra Maria para ver o sepulcro ”

A expressão ܗܕ ܒܫܒܬܐ (had b-Shabba) pode ser desmembrada e analisada da seguinte forma:

1. **א** (*had*) – Significa "um" ou "primeiro". No contexto hebraico e aramaico, essa palavra pode ter a implicação de "primeiro" quando usada em uma sequência ou contagem, como na contagem dos sábados em direção a Pentecostes (Shavuot). Em algumas traduções, é entendida como "primeiro" no sentido ordinal<sup>14</sup>, mas em textos relacionados à contagem sabática, é apenas "um".
2. **ב שבת** (*b-Shabba*) – Significa "nos sábados" ou "dos de sábados". É composta por:
  - **ב** (*b*) – Uma preposição que significa "em" ou "durante", “entre”.
  - **שבת** (*Shabba*) – Refere-se a "sábados".

Quando combinada com **א** (*had*), a expressão completa **א ב שבת** (*had b-Shabba*) é interpretada como "um [dia] dos sábados". No contexto da contagem até Pentecostes, essa frase é usada para indicar o primeiro sábado da contagem, onde cada sábado é contado até o sétimo, que corresponde ao Pentecostes, conforme Levítico 23.

Portanto, **א ב שבת** (*had b-Shabba*) não significa "primeiro dia da semana", como algumas traduções modernas podem sugerir, mas sim "um sábado" ou "o primeiro dos sábados" na sequência da contagem de sete sábados (49 dias) até Pentecostes.

## O Plural Enfático de "Shabba

---

<sup>14</sup> Genesis 2:11 contexto hebraico ou Siríaco é um exemplo de *had* usado como primeiro, embora no hebraico primeiro seja *Rishon* e em Siríaco *qaḏmāy*

No siríaco, a palavra "Shabta" significa "sábado", mas quando aparece como "ܫܒܬܐ" (*Shabba*), ela está no plural enfático. Em linguística, o plural enfático não é apenas uma simples forma de indicar quantidade; ele carrega uma carga de ênfase e intensidade, o que dá à palavra um significado mais profundo do que apenas "sábado" no sentido comum<sup>15</sup>.

O plural enfático "Shabba" em vez do singular "Shabta" é frequentemente utilizado para destacar a importância de um evento ou período específico dentro de um ciclo, como os sábados na tradição judaica, especialmente em contextos litúrgicos.<sup>16</sup> Assim, a expressão "ḥad b-Shabba" pode ser traduzida como "um [dos] sábados" ou "um sábado especial", com a ideia de um sábado que se destaca dentro da sequência dos sábados, tal como no contexto da contagem dos sete sábados que antecedem o Pentecostes.

Análise palavra por palavra:

ܒܪܡܫܐ ( <i>baramsha</i> )	"entardecer " ou "à noite". Composta por "ܕ" ( <i>b'</i> , "em/durante") + "ܪܡܫܐ" ( <i>ramasha</i> , "noite/entardecer").
ܕܝܢ ( <i>din</i> )	"então" ou "mas". Uma partícula que conecta ou introduz uma ideia subsequente.
ܒܫܒܬܐ ( <i>b-Shabta</i> )	"no sábado". Composta por "ܕ" ( <i>b'</i> , "em") + "ܫܒܬܐ" ( <i>Shabta</i> , sábado/Sabbath").
ܕܢܗܓܐ ( <i>d-nagha</i> )	"quando clareava" ou "quando amanhecia". Formada por "ܕ"

<sup>15</sup> Lexicon Brockelmann p750  
<sup>16</sup> Essa forma é encontrada em Marcos 1:21, Lucas 4:31 e Lucas 13:9 do texto siríaco, onde diz que Yeshua ensinava aos sábados, indicando uma sequência contínua. Diferente da peshita essas formas são encontradas nos manuscritos Palimpsesto e Curetoniano.

	(d', "de/que") + "ܢܐܓܗܐ" ( <i>nagha</i> , "clarear/amanhecer"). Palavra polissêmica que pode significar anoitecer ou amanhecer.
ܐܬܐ (had)	"um" ou "primeiro". Neste contexto, pode se referir ao primeiro de uma sequência (como "primeiro dos sábados").
ܬܪܬܝܢܐ (b-Shabba)	– “nos sábados” ou “dos sábados”. Novamente, "ܐܬܐ" (b', "em") + "ܬܪܬܝܢܐ" ( <i>Shabba</i> , "sábados"), que aqui pode significar o primeiro sábado da contagem até Pentecostes.
ܐܬܐ (atat) –	"veio" ou "chegou". Verbo feminino singular, indicando que uma mulher (ou grupo de mulheres) veio.
ܡܪܝܡ (Maryam) –	"Maria". Nome próprio.
ܡܓܕܠܝܬܐ (Magdalyta) –	"a Magdalen" ou "de Magdala". Um título ou adjetivo que se refere a Maria Madalena.
ܡܪܝܡ (u-Maryam) –	"e Maria". "ܐܬܐ" (u', "e") + "ܡܪܝܡ" ( <i>Maryam</i> , "Maria").
ܐܬܐ (ahrta) –	"outra" ou "diferente". Refere-se a uma outra Maria distinta da anterior.
ܕܢܗܝܝܢ (d-n,ħazin) –	"para ver". Composta por "ܕ" (d', "de/que") + "ܢܗܝܝܢ" ( <i>n,ħazin</i> , "ver/olhar").
ܩܒܪܐ (qab,ra) –	"o sepulcro" ou "a tumba".

No texto siríaco de Mateus 28:1 assim como no texto grego, verificamos que elas foram ao túmulo quando estava amanhecendo o primeiro dos sábados, ou um dos sábados.

Importante destacar que o início do dia vem antes do sol nascer, no início da alvorada. (Ne 4:21; Js 6:15; 1Sm 9:26; Jn 4:7; Gn 34:24; Jó 38:12;) A hora da alvorada no Oriente Médio pode variar dependendo da localização específica e da época do ano. Em geral, a alvorada (primeira luz do dia, antes do nascer do sol) ocorre entre 4:30 às 5:30 na primavera, que

é quando Pessach ocorre.

Vamos agora analisar os evangelhos de Lucas e João, deixaremos Marcos por último por se tratar de um dos mais importantes testemunhos de que a ressurreição ocorreu no shabat.

## Relato segundo Evangelho de Lucas

Da mesma forma que o relato do evangelho segundo Mateus, o evangelho segundo Lucas nas bíblias atuais traduz como primeiro dia da semana. A estrutura do texto é um pouco diferente, pois agora o texto relata que as mulheres prepararam especiarias e repousaram no shabat. Usam deste relato para defender o domingo, mas novamente, como o período da Pessach tinha mais de um Shabat festivo pelo fato do primeiro dia de pães ázimos ser considerado um Shabat, então analisaremos a partir da crucificação este relato.

*Lc 23:53-56: "E, havendo-o tirado, envolveu-o num lençol, e pô-lo num sepulcro escavado numa penha, onde ninguém ainda havia sido posto. E era o dia da preparação, e clareava o sábado. E as mulheres, que tinham vindo com ele da Galileia, seguiram também e viram o sepulcro, e como foi posto o seu corpo. E, voltando, elas, prepararam especiarias e ungentos; e no sábado repousaram, conforme o mandamento."*

Como fica evidente no texto, eles acabavam de tirar o corpo do madeiro ainda no dia 14 de Nisã, dia da morte. O dia da preparação como já expliquei anteriormente se refere a preparação para Pessach, que ocorria antes do pôr do sol. Após o pôr do sol era a comemoração da páscoa, ou seja, um shabat.

A palavra clarear o sábado é polissêmica, é usada tanto para o anoitecer quanto a primeira luz do dia, pois significa literalmente clarear tanto no grego quanto no siríaco.

A palavra grega ἐπέφωσκεν (transliterada como epephōsken) é um exemplo de vocábulo polissêmico, cujo uso em diferentes contextos pode ter significados opostos. De



maneira geral, ἐπέφωσκεν deriva do verbo ἐπιφώσκω, que significa “brilhar sobre”, “iluminar” ou “surgir” em relação à luz. No entanto, a interpretação mais precisa dessa palavra depende do contexto literário em que é empregada.

A palavra aramaica-siriaca ܢܓܗ (nagha) é polissêmica, significando tanto "amanhecer" quanto "anoitecer", dependendo do contexto. Ela está associada à transição entre luz e escuridão, com uso frequente em textos para descrever o início ou fim do dia. A interpretação do termo requer análise contextual, destacando a flexibilidade e profundidade da linguagem aramaica-siriaca em expressar nuances de luz de forma literal.

Ao avançarmos na análise demonstrarei porque no relato da ressurreição estas palavras tem sentido de amanhecer. Porém focando neste texto em que o corpo de Yeshua foi retirado da cruz sabemos que era anoitecer, pois ainda era o dia de preparação, parte clara do dia 14 de Nisã, e ao anoitecer seria a festa de Pessach, onde se comia o cordeiro conforme êxodo 12.

Note que as mulheres prepararam os unguentos e no shabat repousaram. Aqui temos dois Shabatot, primeiro a noite do dia 14 que era um shabat, e o dia seguinte, dia 15 que era o primeiro dia de pães ázimos (hag hamatzot). Elas não descansaram no sábado semanal.

No versículo seguinte, logo no início do capítulo 24, inicia então o relato sobre a ressurreição de Yeshua, as traduções modernas vertem o texto do seguinte modo:

*Lc 24:1-3: “No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram à tumba, levando os aromas que tinham preparado. Encontraram a pedra do túmulo removida, mas, ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus.”<sup>17</sup>*

---

<sup>17</sup> Bíblia de Jerusalém, 2002

Quando analisamos os manuscritos gregos e aramaios, novamente notamos que se trata de um sábado, e aqui no texto grego de Lucas, que é um grego muito mais erudito do que os outros evangelhos gregos fica ainda mais evidente que se trata de um sábado de uma sequência de sábados.

“τῇ δὲ μιᾷ τῶν σαββάτων ὀρθρου βαθέως ἐπὶ τὸ μνήμα ἦλθον φέρουσαι ἃ ἡτοίμασαν ἀρώματα.”

Tê de mia tōn sabbatōn orthrou batheōs epi to mnēma ēlthon pherousai hā hētoimasan arōmata.

A frase "τῇ μιᾷ τῶν σαββάτων" é frequentemente traduzida como "no primeiro dia da semana", mas, levando em consideração o uso do plural "τῶν σαββάτων" (dos sábados), só pode ser compreendida como "em um dos sábados". Essa expressão se refere a um dos sábados contados na contagem de sete sábados até o Pentecostes, conforme instruído em Levítico 23:15-16.

O plural genitivo "τῶν σαββάτων" enfatiza que "mia" (um) está ligado a um sábado específico dentro de uma sequência de sábados. O uso do plural genitivo "σαββάτων" reforça essa ideia de que a frase se refere a um ciclo de sábados especiais.

Análise palavra por palavra:

τῇ (“tē”):	Artigo definido feminino, dativo, singular, indica substantivo feminino no caso dativo
δὲ (“de”):	Partícula conjuntiva, significa “mas” ou “então”, conecta a frase com o contexto anterior
μιᾷ (“mia”):	Numeral feminino, dativo, singular, refere-se a “um(a)” no gênero feminino
τῶν (“tōn”):	Artigo definido genitivo, plural, indica posse ou relação com o substantivo seguinte
σαββάτων (“sabbatōn”):	Substantivo neutro, genitivo, plural, indica “sábados”, usado no contexto de “um dos sábados” até Pentecostes
ὀρθρου (“orthrou”):	Masculino, genitivo, singular, significa “alvorada” ou “amanhecer”



āythay hway mdam d-tyab w-atay hway ‘amhayn nashé akh-ranyathā.”<sup>18</sup>

A tradução deste texto seria:

*“Em um dos sábados (ou primeiro dos sábados), na grande alvorada, de manhã, elas foram ao sepulcro e trouxeram o que haviam preparado, e outras mulheres vieram com elas.”*

Como já analisamos antes, a palavra shaba está no plural enfático de shabta, e a palavra bhad pode ser entendida como: ‘no um’, ‘no primeiro’, como já expliquei anteriormente sobre a forma ordinal na qual had é usada. No manuscrito Curetoniano estas palavras estão unidas de maneira composta, b’hadbshaba.

Análise palavra por palavra:

1. ܒܗܕ ܒܫܒܐ (bħd-bšbā)	“No primeiro sábado” ܒܫܒܐ (bħd) significa “um”, “primeiro” e ܒܫܒܐ (bšbā) significa “sábado”, então a expressão indica “no primeiro sábado” ou “um dos sábados”.
2. ܕܝܢ (dīn)	"Este" ou "então" Refere-se ao tempo presente ou algo imediato.
3. ܒܫܦܪܐ (bšaprā)	"Na alvorada " ou "manhã" ܒܫܦܪܐ é a palavra para "manhã" ou "amanhecer".
4. ܪܒܐ (rabā)	"Grande" Adjetivo indicando algo de grande importância ou magnitude.
5. ܐܬܝܝܬܐ (’atī)	"Veio" ou "chegou, trouxe" Verbo que significa "chegaram".
6. ܗܘܝܐ (hūy)	"ser, for, tornar-se"

<sup>18</sup> Este texto é do codex Sinaitico Palimpsesto Siríaco, que neste texto especificamente é idêntico ao Curetoniano, mas diferente da Peshita

	Verbo no passado, indicando estado ou condição.
7. ܠܒܝܬ (l-bayt)	"Para a casa" ou "na casa" ܠ é uma preposição que significa "para" ou "na", e ܒܝܬ (bayt) significa "casa".
8. ܩܒܪܐ (qbrā)	"Túmulo" ou "sepultura" Refere-se a um lugar de sepultamento.
9 ܐܝܬܝܝܐ (w- 'aytī)	"chegar", "vir, trazer" Construção verbal indicando que alguém chegou ou trouxe algo.
10. ܗܘܝܐ (hūy)	"ser, for, tornar-se" Outra forma do verbo "ser/estar" no passado.
11. ܡܕܡܐ (mdām)	"Um pouco de", "algo"
12. ܕܬܝܒ (d-tyb)	"preparado, preparar, providenciar" ܕܬܝܒ (tyb) significa "preparado", e ܕ (d-) é uma preposição que pode indicar "de" ou "relacionado à".
13. ܐܝܬܝܐ (w- 'atī)	"chegar, vir, levar" o verbo "levar", no passado.
14. ܗܘܝܐ (hūy)	"ser, for, tornar-se" particípio ativo para marcar progressividade ou imperfeição no passado
16. ܢܫܐ (nšā)	"Mulheres" ܢܫܐ (nšā) é o plural de "mulher".
17. ܗܪܢܝܬܐ ( ' ħarnīṭā)	"Outras" ܗܪܢܝܬܐ (ħarnīṭā) significa "outros" ou "diferentes", indicando algo adicional

b'shapra significa alvorada e amanhecer. No texto siríaco da Peshito Tanak, em Genesis 1:5 ela é usada para manhã no termo “houve tarde e manhã, primeiro dia”, na sua forma variante šaprā ܫܦܪܐ.

Mais um texto que evidencia que a ressurreição ocorreu ao amanhecer do sábado, no terceiro dia.

## Evidência da contagem de sábados no texto grego de Lucas:

Quando nos referimos as contagens dos sete sábados para pentecostes (Shavuot), muitos acreditam que não há registro textual disso nos evangelhos. É normal que pensem assim, pois as traduções omitem a evidência dessa contagem. Os manuscritos mais antigos do texto grego de Lucas evidenciam uma contagem de sábados. Vamos analisar agora o texto destes manuscritos, e ver comentários de alguns estudiosos sobre o tema.

Em Lucas 6:1 nas bíblias traduzidas lemos:

Lc 6:1: *“Certo sábado, ao passarem pelas plantações, seus discípulos arrancavam espigas e as comiam, debulhando-as com as mãos.”*

Acontece que nos manuscritos gregos dos Codex ‘Alexandrinos’, ‘stephanus’, ‘Receptus’, ‘Ephraimi Rescriptus’, ‘Bezae Cantabrigensis’ e ‘Bizantino’ encontramos o texto dessa forma:

"Ἐγένετο δὲ ἐν σαββάτῳ δευτεροπρώτῳ διαπορεύεσθαι αὐτὸν διὰ τῶν σπορίμων καὶ ἔτιλλον οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ τοὺς στάχυας καὶ ἥσθιον ψόχοντες ταῖς χερσίν"

Egeneto de em sabbatō deuteroprōtō diaporeuesthai auton dia tōn sporimōn kai etillon hoi mathētai autou tous stachuas kai ēsthion psōchontes tais chersin.

Aqui encontramos a expressão σαββάτῳ δευτεροπρώτῳ (Sabbatō deuteroprōtō) que significa Sábado segundo-primeiro.

A tradução do texto grego é:

*"Aconteceu que, em um sábado segundo-primeiro, ele passava pelos campos de cereal, e seus discípulos colhiam as*

*espigas e comiam, esfregando-as com as mãos."*

O termo sábado segundo primeiro é uma referência ao segundo dia em que se comia pães ázimos que também era o primeiro dos sete sábados. O segundo dia a se comer pães ázimos que era um shabat naquela semana caiu em um dia de sábado. Isso é comentado por alguns estudiosos:

**Comentário de Benson-** *No segundo sábado após o primeiro — A expressão original aqui, εν Σαββατω δευτεροπρωτω , diz o Dr. Whitby, “deveria ter sido traduzida como No primeiro sábado após o segundo dia, ou seja, de pães ázimos; pois, após o primeiro dia da Páscoa (que era um sábado, Êxodo 12:16 ), contareis para vós (disse Deus) sete sábados completos, Levítico 23:15 , contando aquele dia como o primeiro da semana, que foi, portanto, chamado, δευτεροπρωτον , o primeiro sábado deste segundo dia de pães ázimos; (o 16º dia do mês;) o segundo foi chamado δευτεροδευτερον Epifânio diz expressamente: Os discípulos de Nosso Senhor fizeram o que está registrado aqui, τω σαββατω , τω μετα την ημεραν των αζυμων , no sábado seguinte ao [segundo] dia dos pães ázimos*

**Comentário de Jamielson-Fausset-Brown -** *Segundo sábado após o primeiro — uma expressão obscura, ocorrendo aqui apenas, geralmente entendida como significando o primeiro sábado após o segundo dia dos pães ázimos.*

Além dos manuscritos gregos também é possível encontrar este relato na vulgata Clementina:

*Luc 6:1: “Factum est autem in sabbato secundo, primo, cum transiret per sata, vellebant discipuli ejus spicas, et manducabant confricantes manibus.”*

Lucas foi o escritor dos evangelhos mais preocupado com uma previsão histórica, como ele mesmo afirma que coletou relato de várias testemunhas para registrar os acontecimentos da forma como ocorreram. Os pães ázimos eram comidos no dia 14 de Nisã, junto com o cordeiro, o dia seguinte era um shabat, coincidentemente caiu em um Sábado semanal e Lucas fez questão de registrar isso.

# Relato Segundo o Evangelho de João

Da mesma forma como relatado em outros evangelhos, o relato segundo João tem uma estrutura narrativa semelhante, e as traduções modernas traduzem assim:

Jo 20:1: “No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro, e vê que a pedra fora retirada do sepulcro.”

Aqui mais uma vez vemos que as traduções modernas usam primeiro dia da semana para o texto, e novamente, tanto o texto grego quanto o siríaco se referem a um dos sábados, ou primeiro dos sábados.

“Τῇ δὲ μιᾷ τῶν σαββάτων Μαρία ἡ Μαγδαληνὴ ἔρχεται πρῶτῃ σκοτίας ἔτι οὔσης εἰς τὸ μνημεῖον καὶ βλέπει τὸν λίθον ῥιζόμενον ἐκ τοῦ μνημείου.”

Tê de mia tōn sabbatōn Maria hē Magdalēnē erchetai prōi skotias eti ousēs eis to mnēmeion kai blepei ton lithon ērmenon ek tou mnēmeiou.

Novamente a expressão μιᾷ τῶν σαββάτων (Mia Town Sabbatōn) como um dos sábados, como nos outros textos uma referência a contagem dos sábados de pentecostes.

A tradução literal de João 20:1 é:

No (em) primeiro (um) dos sábados, Maria Madalena vem de manhã cedo, enquanto ainda estava escuro, ao túmulo, e vê a pedra removida do túmulo.”

Análise detalhada do texto:

Τῇ (tē):	à/na (artigo definido feminino singular dativo, usado para indicar tempo ou localização).
Δὲ (de):	mas/então (partícula de conexão, frequentemente usada para transição).



Μιᾶ (mia):	primeira (feminino singular dativo de “εἷς”, que significa “um/uma”).
Τῶν σαββάτων (tōn sabbatōn):	dos sábados (plural genitivo de “σάββατον”, sábados
Μαρία (Maria):	Maria (nome próprio).
ἡ (hē):	a (artigo definido feminino singular nominativo).
Μαγδαληνῇ (Magdalēnē):	Madalena (adjetivo ou sobrenome, indicando que Maria era de Magdala).
ἔρχεται (erchetai):	vem (verbo na terceira pessoa singular do presente médio/passivo indicativo).
Πρῶτῃ (prōi):	de manhã cedo (advérbio de tempo).
Σκοτίας (skotias):	escuridão/trevas (substantivo feminino singular genitivo de «σκοτία»).
ἔτι (eti):	ainda (advérbio).
Οὔσης (ousēs):	sendo/estando (participio presente feminino singular genitivo de «εἶμι», usado para descrever o estado da escuridão).
Εἰς (eis):	para/dentro de (preposição que indica movimento).
Τὸ (to):	o (artigo definido neutro singular acusativo).
Μνημεῖον (mnēmeion):	sepulcro/túmulo (substantivo neutro singular acusativo).
Καὶ (kai):	e (conjunção).
Βλέπει (blepei):	vê (verbo na terceira pessoa singular do presente ativo indicativo).
Τὸν (ton):	a/o (artigo definido masculino singular acusativo).
Λίθον (lithon):	pedra (substantivo masculino singular acusativo).
ἠρμένον (ērmenon):	removida/tirada (participio perfeito masculino singular acusativo de «αἶρω»).
ἐκ (ek):	de/fora de (preposição que indica origem ou separação).
Τοῦ (tou):	do (artigo definido neutro singular genitivo).
Μνημείου (mnēmeiou):	túmulo/sepulcro (substantivo neutro singular genitivo

Assim como nos outros evangelhos, o evangelho segundo Joao relata que ainda estava escuro, amanhecendo um dos sábados, ou o primeiro dos sábados. O evangelho segue ainda dizendo que no mesmo dia, no um dos sábados, Yeshua se encontrou com seus discípulos:

Jo 20:19: “Chegada, pois, a tarde, naquele dia, o primeiro dos sábados, e estando os discípulos reunidos com as portas cerradas por medo dos judeus, chegou Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco.”

A estrutura do texto grego e siríaco segue a mesma forma textual dos outros relatos.

בכח כהנא דהוה דהוה דהוה דהוה  
דלחיה דהוה דהוה דהוה דהוה  
דהוה דהוה דהוה דהוה דהוה  
דהוה דהוה דהוה דהוה דהוה

W'bāh b'yawmā haw d'ḥad b'shabbā athr d'hawwū talmīdhā w'aḥīdīn hawwū tra'yāhūn men d'ḥaltā d'yahūdā athā Yeshū' qam b'yanthāhūn w'amar lahūn shlamā 'amkhūn.

Análise Palavras por palavra:

בכח (b'yawmā) –	“no dia” (b- = “em”, yawmā = “dia”)
הוה (haw) –	“aquele” (pronome demonstrativo)
דהוה (d'ḥad) –	“de um” (d- = “de”, ḥad = “um”)
בכח (b'shabbā) –	“dos sábados” (b- = “de”, shabbā = “sábados”)
דהוה (athr) –	“lugar”

ܐܘܪܝܬܐ (d'hawwū) –	“onde estavam” (d- = “onde”, hawwū = “estavam”)
ܬܠܡܝܕܐ (talmīdhā) –	“discípulos”
ܐܘܪܝܬܐ (w'aḥīdīn) –	“e reunidos” (w- = “e”, aḥīdīn = “reunidos”)
ܐܘܪܝܬܐ (hawwū) –	“estavam”
ܬܪܝܬܐ (tra'yāhūn) –	“as portas deles” (tra = “portas”, -yahūn = “deles”)
ܥܕܐ (men) –	“por causa de” (ou “de”)
ܕܠܬܐ (d'ḥaltā) –	“do medo” (d- = “de”, ḥaltā = “medo”)
ܕܝܗܘܕܝܐ (d'yahūdḥāyā) –	“dos judeus” (d- = “de”, yahūdḥāyā = “judeus”)
ܐܬܬܐ (athā) –	“veio”
ܝܫܘܥ (Yeshū') –	“Jesus”
ܩܡܐ (qam) –	“levantou-se”
ܒܝܢܬܐ (b'yanthāhūn) –	“no meio deles” (b- = “no”, yanthā = “meio”, -hūn = “deles”)
ܐܡܪܐ (w'amar) –	“e disse” (w- = “e”, amar = “disse”)
ܠܐܬܐ (lahūn) –	“a eles” (la- = “a”, -hūn = “eles”)
ܫܠܡܐ (shlamā) –	“paz”
ܐܡܟܬܐ (amkhūn) –	“esteja convosco” (am = “com”, -khūn = “vós”).

No texto de Lucas como vimos, diz que foi ao terceiro dia, em João diz que naquele mesmo dia ele encontrou os discípulos, no primeiro (um) dos sábados.

Não há divergência em nenhum dos relatos, todos seguem em conformidade, de que no amanhecer de um dos sábados elas foram ao túmulo. Seguindo perfeitamente o período em que foram escritos os evangelhos, segue perfeitamente a cronologia das festividades que antecedem pentecostes. Após analisar o relato segundo Marcos, a prova definitiva, então analisaremos como ocorreram as mudanças interpretativas devido a evolução linguística, dada a adoção de

costumes e vocabulário de outros povos.

Vamos analisar agora o texto de Marcos para que não reste dúvidas de que o relato fala de um dia de sábado, e não primeiro dia da semana.

## Relato segundo Marcos

O evangelho de Marcos é uma testemunha muito importante quando se trata do relato da ressurreição. Aqui é importante destacar os testemunhos textuais de Marcos 16, que em muitos manuscritos terminam no versículo 8, de forma abrupta. Por isso muitos dizem que do versículo 9 em diante teria sido um enxerto no texto. Essa afirmação é no mínimo absurda, pois é possível encontrar menção a parte final de Marcos 16 em textos como o de Justino Mártir (Século II), Irineu de Lyon (Século II), Tertuliano (Século II-III), Hipólito de Roma (Século III), Augustinho de Hipona (Século IV). Também é relatado no Codex Khabouris, Alexandrinos e Ephraemi Rescriptus.

A discussão sobre o final longo de Marcos ser ou não posterior não mudará em nada o que vamos abordar aqui, pelo contrário, sendo posterior ou não o testemunho textual servirá como meio de prova de que a ressurreição ocorreu no primeiro sábado da contagem para pentecostes.

A ressurreição é citada por duas vezes, primeiro no versículo 1 do capítulo 16, em seguida no capítulo 9.

*Mc 16:1-2: “Ora, passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo. E, em um dos sábados foram ao sepulcro muito cedo, ao levantar do sol.”*

Da mesma forma como em Mateus, Lucas e João o texto mantém a estrutura de Mia Sabbatôn e Had beshabat. No versículo 1 podemos notar que após o Sábado elas compraram aromas para ungi-lo. Como já analisamos

anteriormente a noite de Pessach era um Shabat, e o dia seguinte, o décimo quinto dia do mês era também um shabat de pães ázimos. Então passado pães ázimos, no dia dezesseis, uma sexta feira, elas foram comprar aromas para ungir o corpo de Yeshua, e bem cedo ao iniciar o shabat semanal elas foram ao sepulcro.

Como o texto de Marcos também usa μια των σαββατων no plural, não é necessário fazer neste trecho uma análise palavra por palavra, pois quero focar no versículo 9, este sim tem algo a ser analisado:

Mc 16:9: *“Ora, havendo Jesus ressurgido cedo no primeiro dos Sábados apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios.*

Diferentemente dos outros textos gregos que usaram Mia Tou Sabbatôn, literalmente um dos Sábados, o versículo 9 utiliza a expressão πρωτη σαββατου, literalmente ‘primeiro sábado’, escrito na forma singular da palavra, atestando que sim, aquele sábado era o primeiro.

“αναστας δε πρωι πρωτη σαββατου εφανη πρωτον μαρια τη μαγδαληνη παρ ης εκβεβληκει επτα δαιμονια”

Anastas de prōi prōtē sabbatou ephanē prōton Maria tē Magdalēnē par hēs ekbeblēkei hepta daimonia.

Análise detalhada do texto:

ἀναστὰς (anastas):	«Tendo ressuscitado» (particípio aoristo ativo, nominativo singular masculino).
Δὲ (de):	«Mas» ou «e» (conjunção de continuidade ou contraste).
Transliteração: de	
Tradução:	

Πρωῖ (prōi):	«De manhã» (advérbio de tempo).
Πρώτη (prōton):	«Primeiro» (adjetivo feminino, dativo singular).
Σαββάτου (sabbatou):	«sábado» (substantivo masculino, genitivo singular).
ἐφάνη (ephanē):	«Apareceu» (verbo aoristo passivo, terceira pessoa do singular).
Πρῶτον (prōton):	«Primeiro» (advérbio de ordem).
Μαρία (Maria):	«Maria» (nome próprio feminino, dativo singular).
Τῇ (tē):	«A» (artigo feminino, dativo singular).
Μαγδαληνῇ (Magdalēnē):	«Madalena» (nome próprio feminino, dativo singular).

Não restam dúvidas de que a ressurreição ocorreu de fato no primeiro sábado da contagem de sete. O texto siríaco do Codex Khabouris e da peshita mantém a expressão b’had B’Shaba **ܒܗܕ ܒܫܒܐ** enquanto o texto grego de Marcos usa como explicativo que era o primeiro sábado, talvez por ser um texto destinado àqueles que não tinham tanto contato com a cultura semita. Seja como for, este testemunho é importante para a contraprova de que não se referia ao primeiro dia da semana. Analisaremos no próximo capítulo a relação desses sábados traduzidos como primeiro dia da semana com Pentecostes, o que deixará ainda mais evidente que se refere a contagem dos sete sábados.

Um detalhe importante está no texto de Marcos 2:27, onde traduzem como “O sábado foi feito para o homem e não

*o homem para o sábado*”. Mas no texto aramaico siríaco antigo, o palimpsesto, vemos a expressão ܠܕܢܝܬܐ ܒܪ ܢܫܐ *bar nasha*, que significa filho do homem, uma expressão usada para o Messias. O texto completo está assim:

*E disse-lhes: O sábado foi criado para o filho homem, portanto, o Senhor do sábado é o Filho do homem. Marcos 2:27,28 Sinaiticus Palimpsesto.*





## Capítulo - 4

# Os Discípulos guardavam o dia de Sábado

Somos bombardeados constantemente com a tradição de que os primeiros discípulos passaram a guardar o domingo no lugar do sábado, mas basta uma análise simples do livro de atos para percebermos que isso está longe da realidade. Muitos dos chamados “pais da igreja” relatam sobre aqueles que estariam judaizando na igreja, seguindo costumes judaicos e guardando o sábado. Neste capítulo vamos analisar qual era o costume dos apóstolos e das primeiras comunidades, e também analisaremos os testemunhos dos pais da igreja através de uma análise histórica afim de saber o que é confiável nestes relatos e o que não é.

Não basta crer nas tradições estabelecidas, a verdade histórica sempre deve ser analisada através dos acontecimentos e testemunhos muitas vezes externos. A fonte primária dos relatos é aquela na qual os apóstolos estão envolvidos, neste caso iniciaremos pelos textos do livro de atos e depois pelo uso da palavra traduzida como primeiro dia da semana na carta aos coríntios.

## A Comunidade Apostólica guardava o Sábado

No livro de Atos podemos acompanhar o início do ministério apostólico, iniciando logo na sequência da ressurreição de Yeshua.

Os apóstolos estavam reunidos para a festa de pentecostes, isso após a contagem dos sete sábados. Ali vamos ver

a manifestação do Espírito Santo e o início do ministério dos discípulos.

No livro de Atos seremos apresentados pela primeira vez ao Apóstolo Paulo, que era antes perseguidor, mas tornou-se um dos apóstolos de Yeshua. Paulo sempre é usado nas doutrinas Cristãs como se fosse defensor da graça e alguém contrário a Torá (Lei), isto está longe da verdade, mas o foco aqui é sobre a guarda do Shabat. Na narrativa de Atos veremos várias vezes Paulo indo as sinagogas no dia de Sábado, onde ouviam e também falavam:

*At 13:42,44: "E, saídos os judeus da sinagoga, os gentios rogaram que no sábado seguinte lhes fossem ditas as mesmas coisas. ... E no sábado seguinte ajuntou-se quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus."*

Aqui vemos que não apenas judeus, mas toda a cidade, gentios<sup>19</sup> se reuniam aos sábados para aprender.

As reuniões da comunidade primitiva se davam aos sábados, não no dia de domingo, e não era unicamente nas sinagogas que se reuniam:

*At 16:13: "E no dia de sábado saímos fora das portas, para a beira do rio, onde se costumava fazer oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que ali se ajuntavam"*

Não há referência a uma reunião aos domingos, sempre aos sábados, e como o próprio texto de Atos nos diz, Paulo tinha Costume de ir a sinagoga aos sábados (Atos 17:2).

Um dos argumentos mais sem nexos se refere ao conselho de Paulo na sua carta aos Colossenses:

*Cl 2:16: "Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou dos sábados,"*

Claro que o conselho se refere àqueles que guardam os

---

<sup>19</sup> A expressão gentios se refere as ovelhas perdidas da casa de Israel. Para mais detalhes leia o livro 'As Duas Casas de Ysrael – Origem e Identidade'.

sábados, que ninguém os julgasse por isso, pois aqui como em Gálatas, Paulo está falando contra o Miqsat Ma'ase Ha-torá<sup>20</sup>, que eram mandamentos de homens que os judeus colocavam à cima dos mandamentos de Deus.

Em Atos capítulo 20 vemos uma referência traduzida como primeiro dia da semana, também em 1Coríntios 16, textos que usam como argumento para a defesa de uma reunião no domingo. Vamos analisar ambos os textos e ver o que eles têm em comum.

## Atos 20

Após o tumulto em Éfeso, Paulo despede-se dos discípulos e viaja para a Macedônia, onde encoraja os crentes. Ele segue para a Grécia, onde permanece três meses. Ao saber de um complô contra sua vida, volta pela Macedônia, acompanhado por diversos colaboradores, e se encontra com outros discípulos em Trôade. Neste relato veremos que ele sai de Filipos na macedônia após os dias de pães ázimos, e viaja durante cinco dias até chegar em Trôade. As traduções relatam que no primeiro dia da semana eles estavam reunidos, mais uma vez por conta do uso da palavra had b'shabat. Vamos analisar primeiramente o versículo 7 e seu contexto:

*At 20:6-7: "E nós, depois dos dias dos Pães sem Fermento, navegamos de Filipos e, em cinco dias, nos encontramos com eles no porto de Trôade, onde ficamos por mais sete dias. No primeiro dia da semana nos reunimos com a finalidade de partir o pão, e Paulo pregou ao povo. Planejando seguir viagem no dia seguinte, continuou falando até a meia-noite."*

Quando analisamos este texto fora de seu contexto parece uma evidência que se reuniram em um domingo, mas quando analisamos o todo do texto vemos uma relação que só passa a fazer sentido quando entendemos a contagem dos sete sábados até pentecostes, pois no versículo 16, após uma

---

<sup>20</sup> O 4QMMT Importante obras da Lei, encontrado em Qunram nos mostra contra o que Paulo estava falando.

seqüência de eventos nos dias que se seguiram lemos o seguinte:

*At 20:16: «Porquanto, Paulo havia decidido não aportar em Éfeso, para não se demorar na província da Ásia, pois tinha muita pressa de chegar a Jerusalém, se possível, antes do dia de Pentecoste.»*

Observe que os eventos narrados tem relação direta com pentecostes. A narrativa se inicia com Paulo ficando 3 meses na Grécia, viajando novamente para a Ásia menor após pães ázimos, consequentemente após a Pessach (páscoa). Sua viagem até Trôade, onde encontraria seus companheiros, segundo o relato levou cinco dias, num total de doze dias, e ele passa ali em Trôade sete dias, totalizando dezenove dias depois da Pessach. Ou seja, pelo menos dois sábados da contagem dos sete haviam se passado faltando ainda cinco sábados até pentecostes, então lemos no versículo 7:

*At 20:7: «No primeiro dia da semana nos reunimos com a finalidade de partir o pão, e Paulo pregou ao povo. Planejando seguir viagem no dia seguinte, continuou falando até a meia-noite.»*

Quando analisamos este texto no grego e no siríaco temos o seguinte:

«Ἐν δὲ τῇ μιᾷ τῶν σαββάτων συνηγμένων ἡμῶν κλάσαι ἄρτον, ὁ Παῦλος διελέγετο αὐτοῖς μέλλων ἐξιέναι τῇ ἐπαύριον, παρέτεινεν τε τὸν λόγον μέχρι μεσονυκτίου.»

Em de tē mia tōn sabbatōn synēgmenōn hēmōn klasai arton, ho Paulos dielegeto autois mellōn exienai tē epaurion, pareteinen te ton logon mechri mesonyktiou.

A tradução literal seria:

*Durante, porém um dos sábados, estando nós reunidos para partir o pão, Paulo discutia com eles, estando prestes a partir no dia seguinte, e prolongou o discurso até a meia-noite.*

Análise detalhada do texto:

1. Ἐν (en)	Preposição que significa “em”, “durante” ou “no contexto de”.
2. δὲ (de)	Conjunção que geralmente significa “mas”, “porém” ou “e então”.
3. τῇ (tē)	Artigo definido singular dativo, traduzido como “a” ou “na”.
4. μιᾷ (mia)	singular dativo de “εἷς” (um/uma), que significa “primeiro” ou “um”.
5. τῶν σαββάτων (tōn sabbatōn)	Literalmente “dos sábados”.
6. συνηγμένων (synēgmenōn)	Particípio perfeito passivo no genitivo plural de “συνάγω” (reunir, juntar).
7. ἡμῶν (hēmōn)	Pronome pessoal no genitivo plural, “de nós” ou “nosso”.
8. κλάσαι (klasai)	Infinitivo aoristo ativo de “κλάω” (partir, quebrar).
9. ἄρτον (arton)	Substantivo masculino singular acusativo, “pão”.
10. ὁ Παῦλος (ho Paulos)	“O Paulo” (Paulo).
11. διελέγετο (dielegeto)	Verbo imperfeito médio de “διαλέγομαι” (discutir, ensinar, dialogar).
12. αὐτοῖς (autois)	Pronome pessoal no dativo plural, “a eles”.
13. μέλλων (mellōn)	Particípio presente ativo no nominativo singular masculino de “μέλλω” (estar prestes a planejar).
14. ἐξίέναι (exienai)	Infinitivo presente ativo de “ἐξέρχομαι” (sair).
15. τῇ ἐπαύριον (tē epaurion)	“No dia seguinte”.
16. παρέτεινέν (pareteinen)	Verbo aoristo ativo de “παράτεινω” (estender, prolongar).
17. τε (te)	Conjunção “e”.
18. τὸν λόγον (ton logon)	“A palavra” ou “o discurso”.
19. μέχρι (mechri)	Preposição que significa “até”.
20. μεσονυκτίου (mesonyktiou)	Genitivo singular de “μεσονύκτιον” (meia-noite).

O texto relata que durante um dos sábados eles estavam reunidos para partir o pão, não era uma reunião qualquer, era uma reunião durante a contagem de Omer. Na tradição cultural de Israel, a contagem do Ômer estava profundamente ligada ao ciclo agrícola e ao significado espiritual do pão como símbolo da provisão divina. Conforme descrito em Levítico 23:10-16, o Ômer era oferecido a YHWH como as primícias da colheita de cevada, marcando o início de um período de quarenta e nove dias até Shavuot, a Festa das Semanas. Esse período refletia a dependência de Israel em relação a Deus, que proporcionava as condições para o crescimento das colheitas. Ao final desse ciclo, em Shavuot, os israelitas ofereciam dois pães feitos com o trigo recém-colhido, demonstrando gratidão pela conclusão da colheita e pela fidelidade divina.

Contar o Ômer não era apenas uma prática agrícola, mas um exercício espiritual. Cada dia contado reforçava a confiança de que Deus sustentava seu povo. Isso se conecta à oração registrada em Deuteronômio 8:3, que lembra que “o homem não vive só de pão, mas de tudo o que procede da boca do Senhor”. O pão, como resultado do trabalho humano sobre os grãos da colheita, simbolizava a parceria entre o esforço humano e a bênção divina.

O ato de partir o pão, mencionado em várias passagens bíblicas, como em Isaías 58:7, Gênesis 19:3, Rute 2:4, e nas práticas comunitárias descritas no Novo Testamento, carregava um significado de união e dependência de Deus. Durante a contagem do Ômer, esse gesto tinha ainda mais profundidade, apontando para a provisão diária de Deus e a antecipação da colheita de trigo em Shavuot.

Assim, a contagem do Ômer e o ato de partir o pão se complementavam como expressões da fé israelita. Ambos simbolizavam a confiança no Senhor, que sustenta tanto o corpo quanto o espírito. Como destacado em Salmos 104:14-

15, Deus é quem “faz crescer o alimento da terra” e dá o pão que fortalece o coração humano, lembrando constantemente que todo sustento vem d’Ele. Não era uma cultura nova criada pelo cristianismo aos domingos. E neste contexto Paulo estava reunido com eles durante um dos sábados da contagem até pentecostes, como se segue em Atos 20:16 “*pois tinha muita pressa de chegar a Jerusalém, se possível, antes do dia de Pentecoste.*”

O texto siríaco da mesma forma diz que era um dos sábados:

*E no dia de had bshaba (um dos sábados), quando estávamos reunidos para partir o pão (Eucaristia)<sup>21</sup>, Paulo conversava com eles, pois estava prestes a partir no dia seguinte, e prolongou seu discurso até a meia-noite.”*

Aqui notamos novamente a relação direta com pentecostes, com uma pequena alteração na estrutura textual, não se trata de um primeiro sábado, de um dos sábados, isso devido o uso da preposição D’ antes da palavra had. Sendo assim o texto usa “de um” no lugar de “no um” (primeiro), conforme analisaremos na tabela.

Análise detalhada do texto:

ܠܠܐܝܬܐ (wab-yawmā)	Wa: conjunção, “e”. B: preposição, “no/em”. substantivo, singular, masculino, determinado, “dia”.
ܕܗܕܐ (d-ḥad)	D: partícula relativa, “de”. ḥad: numeral, singular, “um”.
ܕܫܒܬܐ (b-shabbā ‘)	B: preposição, “do/em”. Shabbā’: substantivo, plural masculino, determinado, “sábados”.
ܕܟܕܐ (kad)	Kad: conjunção subordinativa, “quando”.

<sup>21</sup> O texto siríaco não traduz a palavra Eucaristia que não está presente nos textos gregos, evidentemente porque era uma palavra comum mesmo entre os falantes de aramaico

חֲנִישִׁי נָן (k-nishiy-nan)	verbo, primeira pessoa do plural, “nos reunimos”.
דִּנְשֵׁי (d-neşşe ‘)	partícula relativa, “para”. : verbo no infinitivo, “partir”.
עֻקָּרִיסְתִּיָּא (eukaristiyā ‘)	substantivo, singular, feminino, determinado, “eucaristia”. “Ação de graças”

Aqui não há necessidade de analisar o texto todo, apenas este trecho é o suficiente. Note que diferente dos evangelhos aqui a expressão had b’shaba inicia com a preposição D-  
 דִּנְשֵׁי que literalmente significa de, indicando que era dia de um dos sábados, no lugar na expressão b’had, que significa em um. Esse detalhe sutil diferencia a palavra had de primeiro para o numeral um. Este é um ponto importante, pois aqui não está se referindo ao primeiro dos sábados, mas há um sábado dessa mesma contagem rumo a Shavuot (pentecostes).

## 1Corinthios 16

De maneira semelhante a Atos 20, o texto de 1 Coríntios 16 é traduzido pelas bíblias modernas como primeiro dia da semana, como se segue:

1Co 16:1-3: “Quanto à oferta para o povo de Deus, fazei vós também da mesma forma como orientei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós separe o que puder, de acordo com a sua renda, e a guarde para que não se façam coletas quando eu chegar. Então, quando estiver entre vós, enviarei com carta de recomendação os homens que aprovardes para levarem a vossa contribuição para Jerusalém.”

Aqui é importante analisarmos o contexto do que Paulo estava falando. Paulo faz referência à coleta de dinheiro destinada aos irmãos em Jerusalém, que estavam enfrentando dificuldades econômicas, possivelmente devido a uma



grande fome que afetou a região como mencionado em Atos 11:28,29.

Mas não podemos ignorar que a intenção de levar essas ofertas até Jerusalém está atrelado ao mandamento se não comparecer diante de YHWH de mãos vazias, já que em pentecostes era mandamento subir a Jerusalém (Dt 16:16,17) Nas festividades de pães ázimos, shavuot (pentecostes) e sucot deviam comparecer a Jerusalém e não de mãos vazias. Agora imagine esse cenário: Os irmãos em Jerusalém estavam passando dificuldades, aproximava-se Pentecostes, e a melhor oferta possível era a ajuda aos necessitados. Este evento está atrelado ao evento de Atos 20. Analise o restante do texto:

1Co 16:5-8: *“Depois de passar pela Macedônia, por onde tenho de atravessar, irei até vós. Provavelmente, eu permanecerei convosco durante algum tempo, ou até mesmo passe o inverno entre vós, a fim de que possais cooperar comigo, para onde quer que eu tenha de ir. Porquanto, desta vez, não vos quero ver apenas de passagem; pelo contrário, anelo ficar algum tempo convosco, se o Senhor o permitir. Contudo, permanecerei em Éfeso até o Pentecoste;”*

Esses eventos que Paulo se refere ocorre pouco antes da sua partida de Éfeso rumo a Trôade por causa da confusão.

At 18:19-21: *“E chegou a Éfeso, e deixou-os ali; mas ele, entrando na sinagoga, disputava com os judeus. E, rogando-lhe eles que ficasse com eles por mais algum tempo, não consentiu nisso. Antes se despediu deles, dizendo: É-me de todo preciso celebrar a festividade que vem (Pentecostes) em Jerusalém; mas querendo Deus, outra vez voltarei a vós. E partiu de Éfeso.”*

Veja que Paulo diz que ficaria em Éfeso até o pentecostes, e isso estará de acordo com o pedido feito a congregação em corinto, para que separassem conforme houvessem prosperado na semana os recursos que seriam levados até Jerusalém, na festividade de pentecostes. Novamente vemos a relação de mia tow Sabbatôn e had b'shaba com a contagem de

sábados até pentecostes. De modo algum o texto se refere a primeiro dia da semana. No texto siríaco encontramos o seguinte:

ܠܗܕ ܗܕ ܕܒܫܒܒܐ ܕܐܢܫܐ ܐܢܫܐ ܡܢܟܗܘܢ ܒܒܝܬܗ ܢܗܘܘܐ  
ܨܐܝܡ ܘܢܐܬܐ ܗܘܐ ܡܕܡ ܕܡܐܬܐ ܒܕܝܐܘܗܝ ܕܠܐ ܡܐ ܕܝܬܐܝܬ ܗܘܕܝܢ ܢܗܝܘܐܢ ܓܝܒܝܬܐ ...»

“B’khol ḥad b’shabbā anāsh anāsh menkhun b’bayteh nehewe sa’em w’nāṭar haw medem d’māṭe b’edayawhi d’la mā d’etayt hawdeyn neheywan gebyātā ...”

Aqui a palavra had b’shaba não possui preposição, e o texto se inicia com B’khol, que significa todo, que junto a palavra had b’shaba forma a expressão ‘em cada um dos sábados’. Isto dá muito mais sentido ao texto, pois no dia de shabat não havia trabalho, portanto os trabalhos iniciavam no domingo e terminavam na sexta., então em cada shabat daqueles sete eles reservariam de acordo com o que houvessem prosperado na semana, o que faz ainda mais sentido levando em conta a contagem de Ômer, que basicamente era reservar uma porção do que havia produzido. (Deuteronômio 16:9-10)

A tradução literal do texto é:

*Em cada um dos sábados, homem a homem, em sua própria casa, reserve e guarde algo do que chegar às suas mãos, para que, quando eu chegar, não hajam coletas (obrigações).*

Análise detalhada do texto:

1. ܕܠܗܕ (b-kul)	b-: preposição "em" ou "a cada". kul: "todo", "cada".
2. ܗܕ (ḥad)	Significa "um".
3. ܕܒܫܒܒܐ (b-shabba)	shabba: plural de "sábado"
4. ܐܢܫܐ (enosh)	Substantivo: "homem", "pessoa", "ser humano".

5. ܐܢܫܐ (enosh)	Repetição para ênfase.
6. ܡܢܚܝܢܐ (menkhun)	khun: pronome plural "vocês".
7. ܒܒܝܬܗ (b-bayteh)	bayteh: "sua casa".
8. ܢܗܘܐ (nehwe)	Verbo no subjuntivo, "seja", "esteja".
9. ܨܠܥܐ (sa'em)	Verbo: "colocar", "preparar".
10. ܘܢܐܬܐܪ (u-națar)	națar: verbo "guardar", "vigiar", "manter".
11. ܗܘܐ (haw)	Pronome demonstrativo "esse", "aquele".
12. ܡܕܡܐ (medem)	Substantivo: "algo", "qualquer coisa".
13. ܕܡܬܐ (d-mate)	d-: pronome relativo "que". mate: verbo "chegar", "alcançar".
14. ܒܝܕܗܝ (b-idawhy)	idawhy: "mão dele".

Novamente não há necessidade de analisar o texto inteiro. Em mais um texto vemos que had b'shaba se referia aos sábados da contagem para pentecostes, não há aqui referência a domingo ou primeiro dia da semana. No texto grego, o qual não será necessário analisar o versículo todo, traz a expressão Κατὰ μίαν σαββάτου (Katá Mian Sabbatou) que significa 'de acordo com um sábado'. A palavra Sabbatou aqui está no singular neutro. Essa é a maior discrepância de quem diz que Mian town Sabbatôn significa primeiro dia da semana, pois tentam aplicar isso tanto no plural quanto no singular. Quando entendemos se refere a contagem de sábados este problema acaba, pois é possível distinguir quando um texto se refere no plural Sábados ou no singular, sábado. Fora dos evangelhos estes textos são os únicos a mencionar Had b'shaba ou mian Sabbatou. Não é possível incluir apocalipse pois quando o mesmo foi copiado para o aramaico siríaco a expressão bhadb'shaba foi utilizada no lugar da palavra 'dia do Senhor' sendo está uma adaptação tardia do uso da

palavra, como veremos em capítulos posteriores. Em relação aos textos não há dúvida de que se referiam a contagem de sábados para pentecostes, pois como veremos a seguir as primeiras comunidades nazarenas<sup>22</sup> guardavam o sábado.

---

<sup>22</sup> Nazarenos era o termo oriental para se referir ao grupo que no ocidente ficou conhecido como cristãos.



## Capítulo – 5

# Ainda Guardavam o Sábado.

Ao fazer uma análise histórica das primeiras comunidades de discípulos, a chamada igreja primitiva, é possível constatar que o sábado não deixou de ser guardado, nem foi substituído por um outro dia. Também é possível notar o que classifico como uma “conspiração dominical”, já que houve uma manobra gigante para instrumentalizar a fé como ferramenta de poder. Durante mais de um milênio foi expressamente proibido questionar a autoridade da Igreja, quer fosse a romana ou a igreja oriental. Não era possível sequer questionar os relatos dos pais da igreja, mesmo com tantas incongruências históricas e factuais. O papel desta obra não é fazer um ataque às igrejas cristãs nem apontar como inimigos os que confiam nessas instituições, pelo contrário, entendendo o modo como YHWH usou a igreja para reunir as ovelhas perdidas da casa de Israel que estavam no meio dos ídolos, não cabe a mim condenar o passado. Mas tendo em mente que hoje em dia a informação é mais acessível do que nunca, não existe hora melhor para resgatar a verdade enterrada sobre as narrativas históricas.

O primeiro documento usado para defender a guarda do domingo é a epístola de Barnabé, que embora seja parte do Codex Sinaíticus (IV A.E.C), aparece em citações de Clemente de Alexandria, e devido suas características é defendido por muitos que foi uma carta escrita originalmente entre o ano 70 e 130. Mas o que essa epístola tem a dizer sobre o Sábado ou sobre o Domingo?

A carta trata de uma série de instruções sobre alguns mandamentos e conceitos da fé, sobre como Yeshua cumpriu o que fora dito pelos profetas. No capítulo 5 fala estritamente do Sábado, iniciando pelo mandamento entregue a Moisés e abrangendo a criação do mundo. O texto segue dizendo que

YWHW consumaria o mundo em seis mil anos, e o sétimo milênio seria um sábado de descanso, e compara assim a volta do Messias a esse sábado de descanso no qual depois de julgar todas as coisas fará tudo novo, em um oitavo dia, que representa dentro da perspectiva israelita o shemini atseret, o dia de restauração, representado na festa de tabernáculos no oitavo dia de festa. E é aqui que por confundirem conceitos, os defensores do domingo usam este texto como argumento, por conta da seguinte citação:

*“Porém, se este agora não é o caso, ele o santificará verdadeiramente no repouso, quando nós formos capazes disso, isto é, quando tivermos sido justificados e tivermos recebido o objeto da promessa, quando não houver mais iniquidade, e o Senhor tiver renovado tudo. Então, poderemos santificá-lo, tendo sido primeiro nós mesmos santificados. Ele finalmente lhes disse: “Não suporto vossas neomênias e vossos sábados”. Vede como ele diz: não são os sábados atuais que me agradam, mas aquele que eu fiz e no qual, depois de ter levado todas as coisas ao repouso, farei o início do oitavo dia, isto é, o começo de outro mundo. Eis por que celebramos como festa alegre o oitavo dia, no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, depois de se manifestar, subiu aos céus.”*

- Barnabé capítulo 5

O capítulo todo fala em um contexto de milênios e da restauração futura, o escrito diz: “quando tivermos sido justificados”. De modo algum está se referindo ao dia presente, como também de modo algum está aludindo a dia da semana, afinal a semana guardada desde a antiguidade pelos povos semitas possuem sete dias, e não oito dias como as semanas romanas. A menção a ressurreição não está se referindo a um dia da semana específico, mas ao que representou a ressurreição, “a justificação” por intermédio de sua morte. Veja que ele se refere a uma festa alegre no oitavo dia. Tal festa no oitavo dia se refere a festividade de Sukot:

*Lv 23:34-36: “Fala aos filhos de Israel, dizendo: Desde o dia quinze desse sétimo mês haverá a festa dos tabernáculos ao Senhor por sete dias. No primeiro dia haverá santa*

*convocação; nenhum trabalho servil fareis. Por sete dias oferecereis ofertas queimadas ao Senhor; ao oitavo dia tereis santa convocação, e oferecereis oferta queimada ao Senhor; será uma assembleia solene; nenhum trabalho servil fareis.”*

O oitavo dia de Sucot é o último dia de Festa do ano, representa a consumação de tudo e o início de um novo ciclo, representado nas profecias como Deus habitando entre os homens:

*Ez 37:27: “Meu tabernáculo permanecerá com eles; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.”*

*Ap 21:3: “Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles.”*

Embora o autor da epístola de Barnabé cometa algumas distorções, como espiritualizar o mandamento de não comer animais impuros, ele demonstra conhecimento amplo da Torá (mandamentos) e das festividades. Utilizar este texto que fala de um oitavo dia comparando com o primeiro dia da semana (domingo) é uma análise tendenciosa de quem defende o domingo.

Existem diversos testemunhos de que as primeiras comunidades guardavam o sábado, e também evidências abundantes de que isso passou a ser reprimido e incriminado tanto pelo estado Romano quanto pelas lideranças que apareceram evocando para si autoridade sobre as congregações.

Antes de abordarmos as claras contradições nas obras dos “pais da igreja” vamos analisar referências de que o Sábado era guardado inicialmente. Apenas dois lugares específicos são citados como guardando o dia do Sol no lugar do sábado, estes lugares eram Roma e Alexandria, dois lugares envoltos na inserção pagã e que foram a força motriz dessa substituição do sábado. Na ‘História Eclesiástica’ de Sócrates o Escolástico vemos a seguinte afirmação:



*“Pois embora quase todas as igrejas em todo o mundo celebrem os mistérios sagrados no sábado de cada semana, os cristãos de Alexandria e de Roma, por conta de alguma tradição antiga, deixaram de fazer isso”*<sup>23</sup>

Importante ressaltar que Sócrates é do século IV, e seria comum ele dizer que o Domingo era o dia de descanso se isso fosse algo comum desde o primeiro século.

Atanásio nos conta que eles realizavam assembleias religiosas no sábado, não porque estavam infectados com o judaísmo, mas para adorar Jesus, o Senhor do sábado. Epifânio diz o mesmo.<sup>24</sup>

Neste momento da história já somos informados sobre dois dias da semana sendo guardados, o sábado e o domingo. Todos estes escritos são tardios, sendo citados muitas vezes em obras de Sócrates o Escolástico, Eusébio de Cesareia e outros autores posteriores. As cópias dos textos originais, porém são posteriores aa próprias citações.

Arquelau, um bispo do terceiro século em sua disputa com Mani sobre quem falaremos posteriormente, afirmou o seguinte:

*“Novamente, quanto à afirmação de que o sábado foi abolido, negamos que Ele o tenha abolido claramente; pois Ele próprio era também Senhor do sábado.”*<sup>25</sup>

Embora Arquelau não defendesse de fato a guarda do sábado como mandamento irrestrito ele reconhece que o mesmo não foi abolido.

Atanásio do III século também escreveu:

*“No dia de sábado nos reunimos, não estando infectados com o judaísmo, pois não nos apegamos a falsos sábados, mas*

---

<sup>23</sup> História Eclesiástica 5:22

<sup>24</sup> Antiquities of the Christian Church, Vol. II. Book XX, chap 3, Sec. 1 66.1137

<sup>25</sup> Acta Archelai, Patrologia latina de Migne, Vol 10

*viemos no sábado para adorar Jesus, o Senhor do sábado*<sup>26</sup>

No século II, Justino Mártir, escrevendo em Roma, faz uma distinção entre dois grupos distintos de pessoas que observavam o sábado. Ele menciona aqueles que insistiam para que os gentios também guardassem o sábado e outros que, embora o observassem, não pressionavam os demais a fazer o mesmo. Isso demonstra que havia praticantes da guarda do sábado em Roma nesse período, ainda que fossem uma minoria:

*“Nós, porém, que temos a Cristo como nosso líder, sabemos que Ele nos libertou de todas as leis do Antigo Testamento, e que a verdadeira observância do sábado consiste no descanso em Deus. Alguns de nossos irmãos, que ainda observam o sábado, não tentam impor essa prática aos gentios; mas há outros que, errando, insistem para que todos também o observem.”*<sup>27</sup>

No apócrifo Evangelho de Tomé, datado de meados do segundo século, Jesus teria dito:

*“Se você não jejuar do mundo, não encontrará o reino; se você não guardar o Sábado como o Sábado, você não verá o Pai”*<sup>28</sup>

O Martírio de Policarpo menciona que quando foram o capturar para leva-lo preso ele estava reunido em um dia de Sabá.(Shabat)

*“E aconteceu que, enquanto estavam reunidos no ‘dia do sabá’ (ou ‘dia de sabá’, em algumas traduções), ao amanhecer, o chefe da polícia fez anunciar que Policarpo deveria ser levado à arena.”*<sup>29</sup>

O autor do Martírio de Policarpo é anônimo, diferente da maioria dos escritos mencionados ou produzidos pelos “pais da igreja”, também por isso não sofreu influência em

---

<sup>26</sup> Homilia de Semente, Sec.1

<sup>27</sup> Diálogo com Trifão, Cap 47

<sup>28</sup> Evangelho de Tomé 27

<sup>29</sup> Martírio de Policarpo 8:1

suas cópias. De acordo com um documento primitivo, provavelmente modificado no século IV, Policarpo, discípulo do apóstolo João, guardava o Sábado:

*“E no Sábado, quando a oração se fazia muito tempo de joelhos, ele, como era seu costume, levantou-se para ler; e todos os olhos estavam fixos nele ... E no Sábado seguinte ele disse: ‘Ouçam a minha exortação, amados filhos de Deus. Admostei-os quando os bispos estavam presentes e, mais uma vez, exorto-os a caminharem decorosa e dignamente no caminho do Senhor.’”*<sup>30</sup>

O historiador Alphonse Mingana, em sua obra *The Early Spread of Christianity*, afirma que: ‘Por volta do ano 225 E.C., havia várias dioceses ou associações da Igreja Oriental que observavam o Sábado, desde a Palestina até a Índia.

Também é possível constatar que o Domingo não era um dia sagrado quando estudamos a comunidade nazarena. Os primeiros discípulos foram de fato chamados de nazarenos (Atos 24:5).

Para se ter ideia, até hoje no oriente médio os cristãos são conhecidos como nazarenos. Nas perseguições aos cristãos é comum marcarem suas casas com a letra Árabe Nun.

A prova de que não observavam o domingo é reforçada pelo testemunho de Epifânio sobre os nazarenos, uma seita de cristãos judeus considerados "ortodoxos". Epifânio explica:

*"a seita surgiu após a fuga de Jerusalém, quando os discípulos se refugiaram em Pella, seguindo as instruções de Cristo e deixando a cidade devido à ameaça iminente do cerco. Assim, a seita teve início quando esses discípulos estavam na região da Peréia. Foi daí que surgiu a heresia dos nazarenos."*

Esses nazarenos, cuja presença no século IV é confirmada até por Jerônimo, evidenciam ser os sucessores diretos

---

<sup>30</sup> Pionius, *Life of Polycarp*, 1889, de JB Lightfoot, *The Apostolic Fathers*, Volume 3.2, pp. 488-506.

da comunidade cristã primitiva de Jerusalém, que se refugiou em Pella. M. Simon descreve bem sua identidade, afirmando que "eles se caracterizam principalmente por seu apego profundo às práticas judaicas. Se foram rotulados como hereges pela Igreja "oficial", isso se deve simplesmente ao fato de que mantiveram práticas que já estavam se tornando obsoletas. Eles representam, mesmo que Epifânio recuse essa ideia, os herdeiros diretos da comunidade primitiva, a qual era chamada pelos judeus de nazarenos."

Os nazarenos, como muitos estudiosos afirmam, são de fato os "herdeiros diretos da comunidade primitiva de Jerusalém", então seria de se esperar que eles (e não os ebionitas) tivessem preservado as práticas originais dos primeiros discípulos. Vale a pena examinar o que Epifânio diz sobre eles, especialmente em relação ao seu dia de culto. Apesar da tentativa de retratá-los como "hereges" em seu extenso relato sobre suas crenças, não há nada que se possa considerar herético em suas práticas.

Depois de associá-los aos judeus por usarem os mesmos livros do Antigo Testamento (o que não seria uma hereesia), ele acrescenta:

*"Os nazarenos não diferem essencialmente dos judeus, pois seguem as mesmas leis e costumes prescritos pela Torá, exceto pelo fato de acreditarem em Cristo. Eles creem na ressurreição dos mortos e que Deus criou o universo. Pregam que Deus é um e que Jesus Cristo é seu Filho. São eruditos na língua hebraica e leem as escrituras. Portanto, eles se distinguem dos judeus por acreditarem em Cristo, e dos cristãos verdadeiros por continuarem a praticar rituais judaicos, como a circuncisão, o sábado, entre outros."*<sup>31</sup>

A conclusão que chegamos é a mesma do Dr.TH Morer,

---

<sup>31</sup> Epifânio de Salamina, Panarion, Livro 29, seção 1-2/7-8

que escreveu:

*“Os cristãos primitivos tinham grande veneração pelo Sabbath, e passavam o dia em devoção e sermões. E não há dúvidas de que eles derivaram essa prática dos próprios apóstolos, como parece por várias Escrituras para esse propósito.”*<sup>32</sup>

Mas a pergunta que fica é: Quando e como substituíram o sábado pelo Domingo, e por qual motivo isso ocorreu?

## Primeiras menções ao domingo e problemas históricos textuais

Todas as referências ao dia de domingo como sendo a ressurreição do Messias surgiram a partir de escritos atribuídos aos “pais da igreja”. A primeira referência conhecida vem dos escritos de Justino Mártir. Justino Mártir viveu durante os reinados de vários imperadores romanos, mas sua vida e ministério coincidem especialmente com os períodos de Adriano (117–138 E.C.) e Antonino Pio (138–161 E.C.). Ele foi martirizado por volta de 165 E.C., durante o reinado de Marco Aurélio (161–180 E.C.), que governava juntamente com Lúcio Vero naquele período. Entender o contexto da época e de quais imperadores governaram naquele período é a chave para entender os textos atribuídos a Justino.

Durante o reinado do imperador Adriano (117–138 E.C.), os judeus enfrentaram uma repressão severa e abrangente, especialmente após a Revolta de Barkhoba (132–135 E.C.), que se proclamou o Messias. A revolta foi um esforço desesperado do povo judeu para restaurar sua independência e reconstruir o reino de Israel. O conflito teve como

---

<sup>32</sup> Dialogue on the Lord's Day, p. 189. Londres: 1701. Por Dr. TH Morer (Igreja da Inglaterra)

principal estopim a decisão de Adriano de reconstruir Jerusalém como uma cidade romana, renomeando-a Êlia Capitolina e erguendo um templo dedicado ao deus Júpiter sobre as ruínas do antigo Templo judaico. Para os judeus, tais ações foram interpretadas como uma profanação de seu local mais sagrado e uma tentativa de apagar sua identidade religiosa e cultural.

A revolta durou três anos e foi marcada por uma resistência feroz, mas os romanos, liderados pelo general Júlio Severus, acabaram esmagando os rebeldes. As consequências foram devastadoras: centenas de milhares de judeus foram mortos, suas cidades e aldeias foram destruídas, e os sobreviventes foram escravizados ou exilados. Após a vitória, Adriano buscou erradicar qualquer possibilidade de novos levantes, implementando medidas severas para dismantelar a cultura e a religião judaica. Entre essas medidas, estava a proibição do sábado, prática central da fé judaica, que consistia no descanso semanal e na realização de rituais religiosos.

Adriano via o sábado como um dos principais símbolos da identidade judaica, capaz de fortalecer a coesão comunitária e a fidelidade à Torá. Por isso, ele considerou que eliminá-lo seria essencial para enfraquecer a resistência judaica. Além disso, proibiu a circuncisão, que ele considerava uma prática bárbara e contrária aos costumes romanos, e também tornou ilegal o estudo da Torá e a posse de seus manuscritos. Para completar, os judeus foram expulsos de Jerusalém e autorizados a retornar à cidade apenas uma vez por ano, no dia de lamentação pela destruição do Templo.<sup>33</sup>

Essas medidas não apenas visavam suprimir a religião judaica, mas também forçavam a assimilação dos judeus à cultura romana, apagando suas tradições e vínculos espirituais. É neste contexto que a figura de Justino Mártir aparece.

Como já vimos as únicas regiões que não guardavam

---

<sup>33</sup> The Jews Under Roman Rule: From Pompey to Diocletian, BRILL, 2001, p. 432

o sábado eram Roma e Alexandria. Imagine que em Alexandria havia uma disputa entre judeus e gregos, e essas disputas eram constantes, o que também gerou uma perseguição a qualquer figura relacionada aos judeus, e um alto espírito antijudaico naquela cidade. Tanto em Roma quanto em Alexandria o ambiente era extremamente hostil para qualquer um que manifestasse qualquer aproximação com as práticas dos judeus, incluindo a guarda do sétimo dia. É notável então, que justo no segundo século se inicie a defesa do domingo e ao mesmo tempo uma propaganda de autoridade da Igreja, algo não visto em todo novo testamento. Uma literatura inteira antijudaica foi produzida no século II, condenando os judeus social e teologicamente. Está além do escopo deste estudo examinar essa literatura. A seguinte lista de autores e/ou escritos significativos, que difamaram os judeus em maior ou menor grau, pode servir para conscientizar o leitor sobre a existência e intensidade do problema:

- 1.A Pregação de Pedro,
- 2.A Apologia perdida de Quadrato,
- 3.A Apologia de Aristides,
- 4.A Disputa entre Jason e Papiscus sobre Cristo,
- 5.O Diálogo de Justino com Trifão
- 6.Contra os Judeus de Milcíades (infelizmente perdida),
- 8.Contra os Judeus de Apolinário (também perdida),
- 9.Sobre a Páscoa de Melito,
- 10.A Epístola a Diogneto,
- 11.O Evangelho de Pedro,
- 12.Contra os Judeus de Tertuliano.

Isso gera questionamentos com respeito as cartas de Justino e sua história. E são nessas cartas que vemos a seguinte afirmação sobre o dia que os cristãos guardavam:

*“Reunimo-nos todos no dia do sol, porque é o primeiro dia após o Sábado dos judeus, mas também o primeiro dia em que Deus, extraíndo a matéria das trevas, criou o mundo e, neste mesmo dia, Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dentre os mortos”<sup>34</sup>*

Note que há algumas referências importantes nessa citação que nos levam ao contexto histórico da época. A primeira referência é ao “dia do sol”, um símbolo de adoração romana, dia de celebração do Sol Invictus e de Mitra, deidade Sassânida adotada pelos soldados Romanos. A segunda referência é de que era o dia após o sábado dos judeus, fazendo uma separação explícita entre o dia guardado pelos cristãos e o dia guardado pelos judeus uma forma de se desvincular de qualquer associação que pudesse ser feita entre os cristãos e as práticas judaicas. E por último pela primeira vez uma referência a ressurreição ter ocorrido neste dia.

A “Primeira e Segunda Apologia de Justino Mártir” são dois primeiros escritos que foram feitos pelo apologista cristão Justino Mártir em meados do século II EC. Essas apologias foram dirigidas ao imperador romano e aos funcionários do governo, na tentativa de defender a fé cristã contra acusações de imoralidade, ateísmo e atividades subversivas. Vemos uma preocupação de Justino não apenas em defender a sua fé, mas também em obter conciliação com o governo:

*“Somos vossos melhores ajudantes e aliados para a manutenção da paz, pois professamos doutrinas, como a de que não é possível ocultar de Deus o malfeitor, o avaro, o conspirador ou o homem virtuoso, e que cada um caminha para o castigo ou salvação eterna, conforme o mérito de suas ações. com efeito, se todos os homens conhecessem isso, ninguém escolheria por um momento a maldade, sabendo que caminharia para sua condenação eterna pelo fogo, mas se contaria de todos os modos e se adornaria com a virtude, a fim de conseguir os bens de Deus e livrar-se dos castigos. De fato, aqueles que agora, por medo das leis e dos castigos por vós*

---

<sup>34</sup> Apologia 1,67 Justino Mártir



*impostos, ao cometer seus crimes procuram escondê-los, porque sabem que sois homens e que, por isso, é possível ocultá-los de vós...”*<sup>35</sup>

*“Portanto, nós somente a Deus adoramos, mas em tudo o mais nós servimos a vós com gosto...”*<sup>36</sup>

As Apologias de Justino Mártir foram escritas durante o governo de Antônio Pio, seu intuito era rebater acusações feitas contra os cristãos. Não há, entretanto, nenhuma prova histórica sobre uma perseguição aos cristãos por parte do império. Desde a época do imperador Adriano não era política do governo perseguir cristãos. O próprio Eusébio de Cesareia relata que naquele período todos os “bispos” eram hebreus.<sup>37</sup> Neste período Eusébio menciona uma carta do imperador Adriano ordenando que não houvesse perseguição aos cristãos.<sup>38</sup> O mesmo com os imperadores que se seguiram, no qual Antônio Pio era o governante nos dias de Justino:

*“Escreve, pois, também ele e diz que até agora conservam-se cartas de Marco, o imperador mais sábio, nas quais ele mesmo atesta que, estando seu exército a ponto de perecer na Germânia e por falta de água, salvou-se pelas orações dos cristãos. E segue dizendo Tertuliano que o imperador ameaçou inclusive com a pena de morte aos que tentassem acusar-nos. A tudo isso o mesmo autor acrescenta o seguinte: ‘Que tipo de leis são estas então, ímpias, injustas e cruéis, seguidas somente contra nós? Vespasiano não as observou, apesar de ter vencido os judeus; Trajano teve-as em parte como nada, ao impedir que se perseguissem os cristãos, e Adriano, apesar de ocupar-se com muita curiosidade com muitas coisas, não as sancionou, como tampouco o que é chamado Pio.’”*

39

---

<sup>35</sup> I Apologia, Justino Mártir 12:1-3

<sup>36</sup> Ibidem 17:3

<sup>37</sup> História Ecclesiastica, Eusébio Livro VI, 5:1-5

<sup>38</sup> Ibidem Livro IV, 9

<sup>39</sup> Ibidem V, 6,7

Não havia uma perseguição aos cristãos, pelo contrário, havia uma proteção do império. Neste contexto entendemos uma adaptação do cristianismo ao império predominante.

Existe ainda a possibilidade destes relatos nos textos de Justino serem uma inserção posterior:

*“Irineu de Lyon, como Justino Mártir, é frequentemente visto como um defensor do cristianismo ortodoxo, mas a falta de fontes independentes e as contradições em seus próprios escritos levantam questões sobre sua historicidade. Ele pode ser mais uma construção teológica do que uma figura histórica genuína.”<sup>40</sup>*

Expor aqui todas as contradições que envolvem os pais da igreja não será viável, uma vez que o nosso foco é a substituição do sábado, mas destacaremos os pontos de maior importância dentro deste tema afim de entender os acontecimentos envoltos na adoção do domingo.

## As Cartas de Ignácio

Outra fonte muito utilizada para defender a guarda do domingo são as cartas de Ignácio de Antioquia. Este personagem é um dos mais mal trabalhados dentro da historicidade, indícios de um apelo a autoridade forçado para a igreja e seus dogmas. Como por exemplo na carta aos magnésios 4:1:

*“Convém pois não se chamar-se apenas cristão, mas o ser também; assim existem pessoas que falam do bispo, mas*

---

<sup>40</sup> Robert M. Price, *The Incredible Shrinking Son of Man: How Reliable Is the Gospel Tradition?* (Prometheus Books, 2012), p. 248.

*fazem tudo sem ele. Estes tais não me parecem estar de consciência boa, porque suas reuniões não são legítimas, conforme o mandamento.”*

Diversos trechos das cartas de Ignácio apelam a uma autoridade dentro da igreja e uma aversão a guarda do shabat:

*“Assim os que andavam na velha ordem das coisas chegaram à novidade da esperança, não mais observando o sábado, mas vivendo segundo o dia do Senhor, no qual nossa vida se levantou por Ele e por Sua morte, embora alguns o neguem. Mas é por esse mistério, que recebemos a fé e por ele é que perseveramos, para sermos de fato discípulos de Jesus Cristo nosso único mestre. 2 Como, pois, poderemos viver sem Ele, a quem mesmo os Profetas, discípulos pelo Espírito, esperavam como Seu mestre? E foi por isso que Ele, em quem esperavam na justiça, os ressuscitou dos mortos, pela Sua presença.” Mag 9:1-3*

Pela primeira vez o Domingo é referido como o dia do Senhor. É importante saber que existem as versões curtas e versões longas destas cartas. Nas quais existe um apelo incessante a autoridade dos bispos e um antijudaico explícito.

O mais antigo manuscrito grego completo das cartas de Ignácio é o Codex Athous (também conhecido como Codex Barberini), que data do século XI. Antes disso apenas citações sobre as cartas e seus conteúdos existiam, a maioria posterior ao século V. A versão mais antiga preservada está um texto siríaco do século IV, que contém a carta a Policarpo e nenhuma das referências sobre guardar o Domingo ou não judaizar. Até os defensores da patrística não descartam a ideia de que as cartas não foram escritas por Ignácio e tiveram papel religioso de fornecer respaldo a autoridade dos bispos da igreja:

*“A coleção de cartas atribuídas a Inácio de Antioquia é uma das mais evidentes candidatas a ser alterada por escritores posteriores, com adições feitas para promover a autoridade episcopal. O mesmo pode ser dito para outros textos atribuídos aos Pais, como as*

A maior prova de que essas cartas são criações de conspiradores para outorgar poder as figuras centrais da igreja e se afastar dos judeus está na própria história de como estas cartas foram escritas.

De acordo com Eusébio de Cesareia em sua *História Eclesiástica* (Livro 3, capítulo 22), Inácio foi o segundo bispo de Antióquia, sucedendo Evódio, que fora designado por Pedro, o apóstolo, para liderar a igreja na cidade. Evódio faleceu por volta do ano 69, e Antióquia, uma cidade helenística e multicultural, era um dos centros mais importantes do cristianismo no mundo romano, especialmente fora de Jerusalém, com uma significativa presença de judeus e pagãos.

Durante uma viagem do imperador Trajano a Antióquia, Inácio foi preso e levado para Roma entre os anos 98 e 107, onde foi encadeado e transportado por navio. Seus seguidores, ao souberem do destino de seu bispo, seguiram-no e aguardaram sua chegada no porto. Durante a viagem, Inácio aproveitou o tempo para escrever diversas cartas, conhecidas como as epístolas aos efésios, aos romanos, aos esmirniotas, aos filadélfios, aos magnésios, aos trálios e a Policarpo de Esmirna, e é neste relato que estão alguns dos maiores problemas. Eusébio cita que Inácio foi o terceiro bispo de Antioquia, enquanto Orígenes diz que ele foi o segundo.<sup>42</sup> Todo o evento ocorre em uma condenação feita pelo Imperador Trajano, uma perseguição a fé de Ignácio, porém cartas históricas do próprio imperador Trajano desmentem que houvesse perseguição e condenação a morte a cristãos. Plínio, o Moço recebeu o cargo de governador da província de Ponto-Bitínia (atual Turquia) no governo de Trajano (98 – 117). Em uma carta preservada até hoje sobre o nome “Epístola 96”, Plínio pede orientações ao imperador sobre o que fazer com alguns

---

<sup>41</sup> Bart D. Ehrman, *Forgery and Counterforgery: The Use of Literary Deceit in Early Christian Polemics* (Oxford University Press, 2013), p. 105.

<sup>42</sup> *História Eclesiástica*; Eusébio de Cesareia: 36.2; Hom, VI, em Luc. Par.1

cristãos.

*“Nunca participei em Roma de nenhum processo contra os cristãos. Desconheço por isso qual é o crime do qual os acusam, quais punições merecem, qual procedimento deve regular o inquérito e quais limites devem colocar-se a eles. Assim, tive as mais sérias dúvidas sobre se devem estabelecer-se diferenças entre as idades dos réus ou se, pelo contrário, os mais jovens, por mais tenra que seja sua idade, em nada se diferenciam dos mais velhos; sobre se deve conceder-se a absolvição à retratação, ou pelo contrário, àquele que tenha sido cristão em nada lhe beneficia a renúncia; por fim, se o castigo é pelo mero nome de cristão, inclusive na ausência de quaisquer tipos de crimes, ou se o que se castiga são os crimes associados ao dito nome.”*

Plínio, em seu relato, evidencia que, até o momento de sua atuação como Questor, não havia qualquer legislação especificamente voltada contra os cristãos ou o Cristianismo. Em sua função, era esperado que tivesse conhecimento de qualquer norma nesse sentido, mas, ao ascender a outros cargos, inclusive o de governador, continuou a não ter notícia de qualquer lei que criminalizasse os cristãos. Se tal legislação existisse, ele certamente estaria ciente, dado seu conhecimento das leis romanas. A ausência de uma proibição legal pode ser comparada à estrutura do direito contemporâneo, que, fundamentado em princípios semelhantes ao Direito Romano, também só prevê punições para ações explicitamente ilegais.

Plínio também se exime de responsabilidade ao demonstrar incerteza quanto à forma de punição a ser aplicada aos cristãos, mencionando que havia indivíduos de diferentes idades envolvidos e que, caso exigisse uma retratação, isso não teria impacto, visto que ele acreditava que renunciar à fé cristã não alteraria a essência da questão. Ele ainda se vê incapaz de identificar os crimes pelos quais os cristãos poderiam ser processados, pois, até aquele momento, não existia uma infração reconhecida nas leis romanas relacionada diretamente à fé cristã. Embora, como Questor e Tribuno, Plínio

tivesse a obrigação de conhecer a legislação vigente, ele adota uma postura de incerteza e deixa a decisão final para o imperador Trajano, sugerindo uma forma de se distanciar da responsabilidade de julgar a situação. A carta continua:

*“apareceu fixado em um lugar público uma denúncia anônima contendo um grande número de nomes. Aos que negaram ser ou terem sido em algum momento cristãos, como invocaram aos deuses de acordo com a norma ditada por mim, fizeram uma oferenda de incenso e vinho diante de tua imagem, que com este propósito eu havia ordenado trazer junto às estátuas dos deuses, e também maldisseram o nome de Cristo, o que segundo se diz, não se pode forçar de modo algum aos que são verdadeiramente cristãos, a estes cri que devia deixá-los em liberdade. Outros, cujos nomes foram revelados por um delator, reconheceram inicialmente ser cristãos, mas logo negaram, dizendo que, na verdade, haviam sido cristãos, mas que deixaram de sê-los. Alguns afirmam que faz três anos, outros dizem que faz muitos anos, inclusive alguns há mais de vinte anos. Uma vez cumpridos esses ritos, tinham o costume de retirar-se e voltar a se reunir mais tarde para celebrar com comida, composta, ao contrário do que foi dito, de alimentos normais e inocentes, mas que já haviam deixado estas práticas desde que meu edito, seguindo tuas ordens, proibiu a todos os tipos de associações. Por esta razão, considereei necessário investigar quanto há de verdade em tudo isso e, assim, submeti à tortura duas escravas as quais os cristãos denominam de ministras. Mas não encontrei nada além de uma tola e extravagante superstição. Por tudo isso, adiando de momento a instrução da causa, apressei-me a consultar-te. Na verdade, pareceu-me que o assunto merecia uma consulta a ti, em especial pelo número dos acusados, pois muitas pessoas de todas as idades, de toda condição e tanto de um como de outro sexo já foram processadas, e ainda muitas outras serão. E o contágio desta superstição não se estendeu unicamente pelas cidades, mas que também se propagou pelos povos e campos. Acredito, contudo, que a enfermidade pode ser detida e curada.”*

Plínio, em sua correspondência, descreve como seguiu as diretrizes de Trajano para suprimir a formação de associações, uma prática proibida em Roma, mas que se aplicava a

qualquer tipo de reunião, não sendo uma medida específica contra os cristãos. O objetivo era evitar tumultos, sediciosos ou até mesmo insurreições contra o Império. Para cumprir essa determinação, Plínio relata ter utilizado a tortura em duas escravas para extrair informações, uma prática que ele considera necessária, dado que não poderia acusar um cidadão romano sem provas concretas ou sem a devida autorização do imperador, a quem consulta pedindo orientação. O processo contra um cidadão romano era um terreno delicado, pois, caso fosse mal conduzido, poderia resultar em complicações se o acusado solicitasse uma audiência direta com o imperador. De fato, cidadãos romanos podiam exercer esse direito, como exemplificado pelo caso de Saulo de Tarso.

Embora os governadores tivessem considerável autoridade, sua atuação era, muitas vezes, limitada pela prudência, já que a manutenção do favor de autoridades superiores era fundamental para evitar consequências negativas. Ao contrário, a vida dos escravos estava longe de ser protegida pela mesma rede de direitos, o que facilitava a utilização de métodos como a tortura para obter informações sem grandes repercussões. Plínio, ao final, minimiza a importância do Cristianismo, classificando-o como uma superstição que não representava uma ameaça significativa e que, portanto, poderia ser facilmente controlada. Essa visão reflete a perspectiva de alguém que não antevê grandes riscos no movimento cristão, sem a capacidade de prever sua futura disseminação.

A resposta do Imperador Trajano a Plínio é:

*“Meu caríssimo [Plínio] Segundo, seguiste o procedimento que devias ao analisar as causas dos processos daqueles que foram denunciados diante de ti como cristãos. Na verdade, não se pode estabelecer uma norma geral que imponha, por assim dizer, alguns critérios absolutamente rígidos. Os cristãos não devem ser perseguidos. Se forem denunciados e a culpa provada, devem ser castigados. No entanto, aquele que nega ser cristão e o demonstre de fato, isto é, venerando aos nossos deuses, embora se suspeite de ter sido cristão no passado, deve obter a absolvição por sua retratação. Quanto às*

*denúncias anônimas que podem aparecer fixadas em lugares públicos, não devem servir a nenhum tipo de acusação, pois é uma prática detestável e imprópria de nosso tempo.”*

Trajano, ao responder a Plínio, envia uma típica mensagem de chefe, elogiando o trabalho do governador, mas destacando uma ressalva importante: ele deve abster-se de perseguir os cristãos. Esse detalhe é crucial, pois reflete a postura pragmática do imperador em relação à questão religiosa. A mensagem de Trajano deixa claro que o problema não estava no fato de alguém ser cristão em si, mas na eventual instabilidade causada por atitudes extremas ou pela proliferação de rumores infundados. Além disso, Trajano instrui Plínio a desconsiderar denúncias anônimas, uma orientação que demonstra sua astúcia política. O imperador percebeu rapidamente que muitas dessas acusações eram fruto de intrigas e vinganças pessoais, em que indivíduos usavam a acusação de cristianismo como uma forma de se vingar de antigos rivais.

Esse comportamento de Trajano reflete uma visão pragmática e realista, em que ele não vê nos cristãos uma ameaça existencial, mas uma série de disputas locais que poderiam ser facilmente controladas sem recorrer a medidas drásticas. Se os romanos tivessem realmente o desejo de erradicar os cristãos, como muitas vezes é alegado, poderiam muito bem ter implementado ações muito mais severas para esmagar a seita desde cedo. A decisão de Trajano de não perseguir os cristãos e de ignorar denúncias sem fundamento sugere que, de fato, não havia um desejo imperial de exterminar o cristianismo, mas, sim, uma preocupação mais pragmática com a ordem pública e com a estabilização das relações sociais.

Essa perspectiva desafia a narrativa de Eusébio de Cesareia, que apresenta uma versão mais severa da perseguição cristã, e coloca em dúvida a veracidade de suas fontes. Se Eusébio realmente acreditava que as perseguições aos cristãos eram orquestradas de forma sistemática, ele ou foi mal-



informado ou, mais provavelmente, repetiu relatos que não foram devidamente verificados. A falta de uma investigação rigorosa e a aceitação de histórias de perseguição sem uma análise crítica enfraquecem a credibilidade de Eusébio, principalmente considerando que, como historiador, ele tinha acesso a fontes diretas e poderia ter checado as informações. Esse episódio, portanto, revela a falibilidade de Eusébio e questiona a autenticidade de suas narrativas, mostrando que ele talvez tenha transmitido uma versão distorcida ou amplificada dos eventos, em vez de um relato factual e equilibrado.

Não havia razão para levar Inácio de Antioquia a Roma, visto que, mesmo nos processos conduzidos por Plínio, o Jovem, o imperador Trajano não se envolveu diretamente, uma vez que o governador já havia resolvido as questões conforme suas orientações. Pedro e Paulo foram presos e julgados em Roma, simplesmente porque estavam lá, não sendo algemados em Jerusalém e enviados para Roma. Paulo, por ser cidadão romano, tinha certos privilégios, como a possibilidade de receber visitas, o que não era o caso de Inácio de Antioquia.

A história contada sobre Ignácio e suas cartas são mais uma criação feita em cima do nome de alguém que provavelmente em seu tempo era muito influente entre as congregações primitivas, e que ao usarem sua figura real atrelada a autoridade da igreja e com ordens de não judaizar facilitaram o advento de uma nova instituição. O escritor Eusébio foi um dos principais responsáveis pela transição da fé cristã em uma instituição imperial, sendo que a sua própria biografia é repleta de furos e inconsistências.

Mas indo ao cerne da questão, Eusébio roteirizou uma história na qual o imperador Constantino fosse um herói, e que através dele a autoridade da igreja ficasse sobre as mãos de Roma. Vamos analisar bem como isso ocorreu.

## Eusébio de Cesareia

Eusébio de Cesareia é uma figura central na história do Cristianismo primitivo, mas sua obra e seu legado geram

controvérsias, especialmente quando se examina sua relação com o imperador Constantino e a possível parcialidade em suas narrativas. Conhecido como o "Pai da História Eclesiástica", Eusébio escreveu a *História Eclesiástica*, um trabalho sobre Cristianismo primitivo, mas que apresenta uma clara tendência apologética, particularmente em relação ao império romano e à figura de Constantino. A influência de Eusébio, ao longo da história da Igreja, é inegável, mas sua postura em relação ao império e ao imperador suscita questões sobre sua imparcialidade como historiador.

Um dos pontos mais controversos da biografia de Eusébio é a incerteza em torno de sua data de nascimento e da precisão histórica de seus relatos. Embora tenha nascido por volta de 260 E.C., a falta de fontes diretas que confirmem essa data gera uma lacuna temporal significativa em sua vida. Além disso, suas obras não são completamente isentas de dúvidas quanto à autenticidade de algumas fontes e à maneira como ele apresenta certos acontecimentos. Eusébio, por vezes, se apoia em relatos orais ou de segunda mão, o que pode ter comprometido a objetividade de sua narrativa. Sua *História Eclesiástica*, embora valiosa, revela uma abordagem que, por vezes, não questiona certos eventos ou figuras, refletindo um viés em favor de certos interesses.

A relação de Eusébio com Constantino é um dos aspectos mais problemáticos de sua obra. Eusébio, que escreveu sobre as tais cartas de Inácio em 296, estando na Palestina, viu Constantino I, que visitava essa província com Diocleciano. Estava em Cesareia quando Agápio era "bispo". Tornou-se amigo de Pânfilo de Cesareia, com quem teria estudado as Escrituras, com a ajuda da Hexapla de Orígenes e de comentários compilados por Pânfilo,<sup>43</sup> na tentativa de escrever uma versão crítica do Antigo Testamento.

Por volta de 313 E.C., Eusébio de Cesareia assumiu o

---

<sup>43</sup> Louth, "Nascimento da história da igreja", 266; Quasten, 3,309.

cargo de bispo da cidade de Cesareia Marítima, marcando um momento significativo na história da Igreja e sua relação com o Império Romano. Nesse mesmo período, Constantino Magno, proclamado Augusto por suas tropas em 25 de julho de 306, estava consolidando seu poder no império. A ascensão de Constantino, no entanto, foi permeada por questionamentos sobre a legitimidade de seu governo, o que influenciou profundamente suas preocupações religiosas e ideológicas ao longo de seu reinado.

Durante sua aliança com Maximiano, Constantino se apresentava como protegido de Hércules, uma divindade que havia sido associada ao imperador Maximiano na estrutura da primeira tetrarquia. Porém, ao romper com seu sogro e eliminá-lo, Constantino passou a se colocar sob a proteção de uma divindade imperial diferente, o Sol Invicto /Mitra, culto tradicionalmente associado aos imperadores militares do século anterior. Esse movimento religioso também se refletiu em sua estratégia política, à medida que Constantino procurava consolidar seu poder e afirmar sua autoridade divina perante o império.

Além disso, Constantino promovia uma ficção genealógica, segundo a qual ele seria descendente do imperador Cláudio II, famoso por suas vitórias militares e por restaurar a disciplina nas legiões romanas. Essa construção de uma linhagem imperial, com a intenção de fortalecer sua legitimidade, tornou-se parte integral de sua propaganda política e religiosa, vinculando sua imagem a uma tradição de força militar e autoridade divina, ao mesmo tempo em que buscava ser reconhecido como um líder providencial e favorecido pelos deuses.

Constantino Magno foi o primeiro imperador romano a defender o Cristianismo, em 28 de outubro de 312. A Vida de Constantino, uma obra encomendada pelo próprio imperador, foi concluída e publicada somente após sua morte. Dividida em quatro livros, a biografia descreve a famosa Batalha da Ponte Milvia e os eventos que a antecederam e sucederam, no

final de outubro de 312. A obra repete informações já apresentadas na História Eclesiástica de Eusébio, mas acrescenta detalhes adicionais.

Eusébio, bispo de Cesareia e biógrafo de Constantino, teve um papel central na construção da imagem do imperador como defensor do Cristianismo. Sua estreita relação com Constantino sugere que a Vida de Constantino foi em grande parte moldada pelo imperador, com Eusébio atuando como uma espécie de "garoto-propaganda", transmitindo a visão oficial do imperador para o público.

A relação entre Eusébio e Constantino, com o bispo se tornando figura de destaque na Igreja logo após a suposta conversão do imperador, levanta questões sobre a imparcialidade de sua narrativa. A Vida de Constantino parece ter sido uma ferramenta para promover a imagem de Constantino como um líder cristão devoto, apesar de suas ações pessoais e de sua continuidade com práticas pagãs, como o sacrifício a Zeus no dia anterior à sua morte.

Apesar de ser amplamente reconhecido como defensor do Cristianismo, Constantino nunca se dedicou plenamente à fé cristã, como atesta a enciclopédia Hidria<sup>44</sup>, que afirma: "Constantino nunca se tornou cristão". Sua postura foi mais estratégica e política do que religiosa, com Eusébio, em sua obra, ajudando a criar uma imagem de Constantino que favorecesse sua autoridade e legitimidade diante da Igreja. Seria muita coincidência Eusébio aparecer na História como bispo um ano depois de Constantino se autodeclarar cristão?

Entender esses eventos irão trazer luz a ao modo como o sábado foi substituído pelo dia do sol. A ordem para a observância do dia do Sol, ou dies Solis (domingo), em Roma veio por meio de decreto, ocorreu em 7 de março de 321 E.C., quando Constantino proclamou que o domingo seria um dia

---

<sup>44</sup> Cf. Paul Veyne, 'Quando nosso mundo se tornou cristão', Paris, Albin Michel, 2007, pgs. 111/114

de descanso em todo o Império Romano.

*“Que todos os juízes, e os habitantes da cidade, e todos os ofícios descansem no venerável dia do Sol. Contudo, aqueles situados no campo, livremente e sem impedimentos, podem atender às atividades agrícolas, pois frequentemente acontece de nenhum outro dia ser tão adequado para semear grãos ou plantar videiras; e não se deve permitir que o momento oportuno seja perdido por conta de regulamentos relacionados ao tempo.”*<sup>45</sup>

O domingo começou a ser chamado de “Dia do Sol” (dies Solis) no Império Romano devido à influência do culto ao Sol Invicto, que se tornou proeminente durante o período imperial tardio. Esse título foi formalizado culturalmente no século III EC, especialmente com o imperador Aureliano (r. 270–275), que promoveu o culto ao Sol Invicto como uma religião estatal. Aureliano inaugurou o templo do Sol em Roma e declarou 25 de dezembro, associado ao Sol Invicto, como uma celebração importante. Isso coloca ainda mais dúvida na apologia de Justino Mártir ao dizer que os cristãos se reuniam no dia do sol, afinal ele teria escrito 120 anos antes deste dia ser oficialmente chamado de dia do sol.

Interessante notar que os “pais da igreja” usaram termos semelhantes ao falar da guarda do domingo, e alguns compararam Jesus ao Sol Invicto.:

Justino Mártir (século II)

*“E no dia chamado do sol, todos os que vivem nas cidades ou nos campos se reúnem em um só lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos...”* (Primeira Apologia, Capítulo 67)

Orígenes (século III)

*“No dia do Senhor [domingo], deixamos todas as atividades e nos dedicamos ao estudo da palavra de Deus. Este é o dia*

---

<sup>45</sup> Codex Justinianus, livro 3, título 12, lei 3,

*em que o sol da justiça brilha.” (Homilia sobre o Êxodo, 7:5)*

Eusébio de Cesareia (século IV)

*“No primeiro dia da luz, ou seja, o dia do sol, quando Cristo venceu as trevas do inferno e brilhou sobre os homens...” (Comentário aos Salmos, Salmo 91)*

*“Mas Ele mesmo, o Salvador comum de todos os homens, é chamado no profético cântico de Salmos de Oriente, e o Sol da Justiça...” (Comentário aos Salmos, sobre Salmo 84)*

Cipriano de Cartago (século III)

*“Ó irmãos amados, Jesus Cristo é o verdadeiro sol e o verdadeiro dia.” (De Catholicae Ecclesiae Unitate, Capítulo 26)*

Ambrosio de Milão (século IV)

*“Cristo é o verdadeiro Sol que brilha sobre nós e traz o dia da salvação.” (Hexameron, Livro IV, Capítulo 3)*

Vários autores que pesquisam a área concordam que houve uma adoração na história da ressurreição para favorecer um sincretismo religioso junto ao império.

*“A ideia de que a ressurreição de Jesus aconteceu no domingo foi reforçada mais tarde pela Igreja primitiva para promover a substituição do sábado, não apenas por uma razão teológica, mas também por razões políticas e culturais. O dia do sol foi um dia dedicado ao culto de Sol Invictus e, ao adotar o domingo como o novo ‘dia do Senhor’, a Igreja procurou alinhar-se com o culto popular do império romano, promovendo uma transição mais suave para os convertidos.”<sup>46</sup>*

*“A adoção do domingo como o dia de culto cristão é frequentemente explicada pela ressurreição de Jesus, mas é mais*

---

<sup>46</sup> Bacchiocchi, Samuele. From Sabbath to Sunday: A Historical Investigation of the Rise of Sunday Observance in Early Christianity. Ed. Pontificio Istituto Biblico, 1977.

*plausível que a Igreja tenha escolhido esse dia para se adaptar à prática romana do culto solar. A ressurreição de Jesus não é mencionada explicitamente nas Escrituras como ocorrendo em um domingo, e sim a associação com o culto ao Sol Invictus parece ser uma forma de tornar o cristianismo mais atraente para os romanos, que já adoravam o sol nesse dia.”<sup>47</sup>*

Existiram ainda outros fatores que favoreceram a defesa de uma ressurreição no domingo, fatores esses vindo de adaptações culturais durante o domínio de um império que mudou as estruturas não apenas de Roma, mas de cristão, judeus, árabes e muitos outros povos que incorporaram novas tradições a suas culturas e crenças. Esse império pouco mencionado na história ocidental da igreja é o império Sassânida, do qual vamos falar de suas culturas e influências no próximo capítulo.

---

<sup>47</sup> Weigall, Arthur. *The Paganism in Our Christianity*. Ed. Methuen, 1928.





## Capítulo - 6

# A influencia Sassânida na cultura e religião

O Império Sassânida emergiu como uma potência dominante no início do século III E.C., substituindo o fragmentado Império Parta. Sob a liderança de Ardashir I, que derrotou o último rei parta, Artabano IV, em 224 E.C., o novo império iniciou uma política de centralização administrativa e religiosa. A ascensão dos sassânidas foi marcada pelo resgate da tradição persa dos aquemênidas, ao mesmo tempo em que promovia o Zoroastrismo como religião oficial, consolidando a união entre o poder político e espiritual.

Desde o início, o Império Sassânida encontrou em Roma um adversário natural. Os dois impérios disputavam territórios estratégicos na Mesopotâmia, na Armênia e na Síria, regiões de imenso valor econômico e cultural. A localização do império no cruzamento entre o Mediterrâneo, a Ásia Central e o subcontinente indiano conferiam aos sassânidas uma posição privilegiada no controle das rotas comerciais, especialmente a Rota da Seda. Sua capital inicial foi Ctesifonte, situada na região da antiga Babilônia, próxima ao rio Tigre, que se tornou um dos principais centros administrativos e culturais do império. O território sassânida incluía a Pérsia propriamente dita (atual Irã), abrangendo as regiões históricas de Fars, Média e Elam. Eles também controlavam a Mesopotâmia, que correspondia às regiões da Babilônia e Assíria (atualmente parte do Iraque), tornando-a uma área estratégica e fértil sob seu domínio. A Armênia, durante longos períodos, esteve sob influência sassânida, assim como regiões do Cáucaso, incluindo a Albânia do Cáucaso e a Ibéria caucasiana (atual Geórgia).

Ao Leste, o império alcançou vastas áreas da Ásia Central, dominando partes do atual Afeganistão (como Bactriana e Sogdiana), do Turcomenistão e do Paquistão (principalmente a região de Sind). Esses territórios eram importantes para o comércio. Esse domínio aumentava sua influência e fomentava rivalidades com Roma, que dependia desses intercâmbios para sustentar suas economias orientais.

As interações entre os sassânidas e os romanos não se limitaram a conflitos militares. Culturalmente, o modelo sassânida de governo centralizado, sua corte opulenta e seu uso de propaganda imperial influenciaram Roma de várias maneiras. Os reis sassânidas eram retratados como figuras divinas, legitimadas por Ahura Mazda, o deus supremo do Zoroastrismo. Essa concepção de soberania inspirou mudanças na forma como os imperadores romanos se apresentavam, particularmente após a adoção do Cristianismo, que também passou a associar o poder imperial ao favor divino.

O impacto religioso e cultural dos sassânidas foi ainda mais profundo nas comunidades cristãs e judaicas que viviam tanto em seu território quanto no Império Romano. Durante o reinado de Shapur I, por exemplo, a relação com os cristãos foi ambígua. Embora o cristianismo tenha encontrado certo espaço para florescer, especialmente entre comunidades armênias e sírias, os sassânidas viam essa religião com desconfiança crescente, particularmente após a “conversão” de Constantino ao Cristianismo em Roma. Com o cristianismo se tornando religião estatal romana, os sassânidas passaram a considerá-lo uma ameaça política e cultural, associando os cristãos persas à lealdade a um império rival.

Essa tensão levou a períodos de perseguição aos cristãos no Império Sassânida, especialmente durante os séculos IV e V. Ainda assim, comunidades cristãs como os nestorianos encontraram refúgio em algumas regiões do império e até floresceram sob domínio sassânida, desenvolvendo escolas teológicas e culturais que influenciaram a cristandade oriental. Os debates teológicos promovidos por essas comunidades,

muitas vezes em resposta ao pensamento cristão romano, moldaram profundamente o desenvolvimento do cristianismo no Oriente Médio.

Os judeus também desempenharam um papel significativo no Império Sassânida. Após a destruição do Segundo Templo em 70 E.C. pelos romanos, a comunidade judaica se espalhou pela Pérsia, onde encontrou um ambiente relativamente estável para prosperar. Foi sob domínio sassânida que o Talmude Babilônico, um dos textos mais importantes do judaísmo rabínico, foi escrito. As autoridades sassânidas geralmente mantinham uma política pragmática em relação aos judeus, reconhecendo sua autonomia comunitária em troca de lealdade política.

Esse ambiente de interação cultural e religiosa gerou um fluxo constante de influências entre os dois impérios e suas populações. O dualismo ético e cosmológico do Zoroastrismo, por exemplo, impactou o pensamento cristão e judaico, especialmente na visão apocalíptica e na teologia da luta entre o bem e o mal. Já a estrutura comunitária e a organização das minorias religiosas no Império Sassânida serviram de modelo para as práticas adotadas por Roma, sobretudo na maneira como os cristãos se organizaram em dioceses e concílios.

Ao longo dos séculos, as tensões e influências entre os dois impérios intensificaram-se. O Império Sassânida, em sua busca por reafirmar a superioridade cultural e espiritual do Zoroastrismo, via tanto os judeus quanto os cristãos como comunidades que precisavam ser reguladas ou integradas a seus objetivos políticos. As interações entre essas religiões e o Zoroastrismo criaram um ambiente de trocas intensas, onde ideias filosóficas, teológicas e administrativas se misturavam, transformando não apenas as fronteiras do Oriente Próximo, mas também as bases das tradições religiosas e culturais que moldariam o mundo medieval.

Foi no meio deste contexto que as comunidades

judaicas e nazarenas (cristãs) transformaram muitas de suas crenças e tradições, principalmente no que se refere a calendários. Nesta época haviam pelo menos três tipos diferentes de calendários comuns aos povos da região. O calendário civil com meses de 30 dias baseado na lua, o calendário solar usado para marcar períodos de jejuns e o calendário lunissolar usado posteriormente pelos maniqueístas. Ao mesmo tempo em Roma usava-se um calendário com semana de oito dias<sup>48</sup>.

Os sassânidas não possuíam ainda naquele período o conceito de semanas, era um calendário com meses de 30 dias sendo quadripartidas. Havia dias para cada deus cultuado no império e os períodos de jejuns em um período de sete dias denominados *šambad (Shambd)*.<sup>49</sup> Esses dias usados para os jejuns foram incorporados ao maniqueísmo, e tiveram influência direta na adoção de uma semana de sete dias nas comunidades dominadas pelos Sassânidas. Como funcionavam?

Os sogdianos separavam um ciclo de sete dias para jejum, sendo cada dia dedicado a uma divindade diferente. O primeiro dia era para Mitra (deus Sol), era o *yw šmbyd* ou literalmente “sábado um”. O segundo dia era dedicado a lua Gosh, era o *ōwā šambēō*, literalmente “sábado dois”. O terceiro dia era o dia de *wahrān* (Marte), chamado de *še šambēō* (She Shambd), literalmente sábado três. Assim sucessivamente, exceto pelo penúltimo dia de jejum, que era chamado de *ādēnē* (Adene), dia de *vēnus*, associada a finalização do ciclo, que terminava no dia de *kēwān* (saturno), o chamado *šmbyd* (Shmbyd), sábado.<sup>50</sup>

No terceiro século surge uma nova religião, unindo diversas crenças diferentes, o Maniqueísmo. O Criador do maniqueísmo, Mani, foi uma espécie de profeta persa, que em sua busca espiritual uniu elementos do judaísmo,

---

<sup>48</sup> cf. Belardi, p. 77

<sup>49</sup> Christensen, *Iran. Sass.*<sup>2</sup>, p. 485;

<sup>50</sup> Sundermann 1981, pp. 74-75

cristianismo, zoroastrismos, budismo, hinduísmo, crenças babilônicas e gregas. Elementos hoje comuns no judaísmo, como a gematria, conceitos da cabala e a alquimia entre os árabes, foram desenvolvidos a partir da fusão dos elementos religiosos absorvidos pelo maniqueísmo.<sup>51</sup>

No meio deste cenário cultural, as comunidades judaicas e cristãs dividiam os mesmos espaços e até mesmo tradições. Como um calendário civil de tornou comum a todos, as comunidades judaicas e cristãs também aderiram a forma de nomear os dias. Nesta época a língua aramaica sobrevivia fortemente tanto no siríaco, mandaico e judaico, essas línguas eram diferentes de fato somente na escrita e algumas pronúncias.<sup>52</sup> Segundo Al-Biruni os sogdianos já usavam um calendário com semana de sete dias ainda no segundo século,<sup>53</sup> calendário esse também encontrados nos textos maniqueístas conforme atestado por Henning.<sup>54</sup>

Nestes calendários os dias de jejum do zoroastrismos passou a ser usado como referência para os dias da semana, sendo nomeado com um numeral seguido de šambēd, exceto pela sexta-feira, o sábado é o Shambed. Até hoje no atual irã os dias são nomeados assim:

Shanbeh (شنبه), Yekshanbeh (یکشنبه), Doshanbeh (دوشنبه), Seshanbeh (سه‌شنبه), Chaharshanbeh (چهارشنبه), Panjshanbeh (پنج‌شنبه) e Jomeh (جمعه). Esse sistema de nomear os dias segundo o sábado nunca foi uma tradição dos povos semitas, é algo da cultura persa que dura até os dias de hoje.

É aqui que a interpretação de Yeshua ressuscitando no primeiro dia da semana passou a ser algo oficializado, não

---

<sup>51</sup> ranisches Personennamenbuch V, 6a, Vienna, 1990, pp. 46-48

<sup>52</sup> Klaus Bayer, The Aramaic Language Its Distribution and Subdivision, pg 45

<sup>53</sup> Kitab al-Hind, Parte I, Capítulo 16)

<sup>54</sup> “The Manichaean Fasts,” from Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland, No. 2 (Oct., 1945), pp. 146-164.

com base nos textos originais, mas devido a uma mistura cultural tardia que fez com que aqueles nascidos durante este período ao ler os evangelhos entendessem que a ressurreição ocorreu no domingo, que era o dia de mitra. Como Henning afirma, cristãos e judeus mantiveram dias próprias escritas, mas usavam a linguagem persa ou misturado ao persa naquele período.

*‘Zoroastrianos, os maniqueístas, os judeus e os cristãos daquela época usavam a língua persa, mas a escreviam com seus próprios alfabetos.’* Henning 1956 pag 87

Sobre a adoção dos nomes para os dias da semana Henning relata:

*“A prática de nomear os dias da semana com uma variação do termo “sábado” (šmbyd) ou incluindo-o em sua composição é uma característica específica observada em calendários sogdianos e tradições maniqueístas. Essa peculiaridade remonta à importância central que o sábado tinha desde o zoroastrismo. As comunidades judaica e cristã também usaram uma derivação destes calendários em mandaico médio. Textos siríacos usaram Tren bšabo para segunda e Arb’o bšabo para quarta Šabtho é sábado e Had bšabo para o domingo. É possível observar também a contagem das luas em alguns textos, e a comemoração do ano novo nowruz por parte dos cristãos.”* <sup>55</sup>

Basicamente o que os falantes de língua aramaica fizeram foi numerar os dias a partir do sábado.

*“Certamente os judeus iranianos, cristãos e maniqueus o usavam regularmente em seus ritos e sistemas de datação. Os documentos maniqueus sogdianos atestam amplamente os nomes dos sete dias da semana usando dois sistemas básicos (Gharib). Um era ancorado no sábado (šmbyd/samheō) e contava os próximos cinco dias sucessivos por números, começando com yw šmbyd (ew sambeō) “um [dia após] sábado” e terminando com pujić šmbyd (pan/jć šambeō) “cinco [dia após] sábado”. Mas designou sexta-feira como “Syng (ādēnagiādēnē). Este sistema sobreviveu até hoje. O outro*

---

<sup>55</sup> Walter Bruno Henning, *Mitteliranish*, 1955, pg 79 2:1,2

sistema seguiu o esquema planetário mesopotâmico de nomear cada dia da semana após uma divindade patrona, mas frequentemente indicava a relação pelo termo *jmmw* (j/amnu) “hora/dia de”. Assim, domingo era *myr* (mir. “Mitra/Mehr ou o Sol”) e *myhr-jmnw* (mehr j/amnu) “o dia [ou hora] de Mehr ou o Sol: segunda”<sup>56</sup>

Basicamente as comunidades falantes de aramaico adaptaram o nome dos dias da semana do Persa para a sua própria língua. Ao nomearem os dias com uma contagem a partir do sábado com a mesma estrutura persa. Algo peculiar são as diferentes formas atestadas em manuscritos de diferentes regiões. O GenizHorol:<sup>57</sup> Horologion, planetário *aramaico* judeu palestino do Cairo Geniza utiliza *יום חב בשוּבָה* (Yom Khab B'Shwba) para nomear o domingo. A mesma forma pode ser encontrada nos textos de Bereshit Rabā<sup>58</sup> e Targum sheni (Targum do livro de Ester). Em textos samaritanos palestinos encontramos *עד בשבָּה* (ad b'Shaba).

Pela primeira vez encontramos *ܠܗ ܒܫܒܐ* had b'Shaba em forma siríaca na tradução do texto de Eusébio sobre os mártires na Palestina<sup>59</sup>, usando a expressão had b'shaba no lugar de *κυριακή ημερα* (dia do Senhor), um texto do século VII-VIII. Também encontraremos algumas vezes no Talmud *חד בשבָּה* (Had bshabah) em cópias da idade média.

É importante lembrar que o Talmude começou a ser escrito no século V, pelos Amoraicos e concluído tardiamente pelos Stammaim<sup>60</sup>, e diferente do que muitos atestam, não foi feito apenas a base de tradição antiga, mas de novos conceitos adotados pelos judeus, seus textos sofreram influência Sassânida e também cristã.<sup>61</sup> Alguns trechos do Talmud são

---

<sup>56</sup> Encyclopedia Acta Iranica 1958, Hafta

<sup>57</sup> 53552: GenizHorol século IX EC

<sup>58</sup> BR 689:6(1) século XI EC

<sup>59</sup> Martyrs In Palestine, Eusébio Bishop; William Cureton pg 25

<sup>60</sup> The Formation of Talmud; David Weiss Halivni.

<sup>61</sup> The Sage in Jewish Society Of Late Antiquity; Richard Kalmin

parodias do NT. :b. Shabat116a – b foi lido como uma paródia do Sermão da montanha;b. ‘Avodá Zarah18a – b como uma paródia do grito de Jesus na cruz; e uma paródia complexa da metáfora de Jesus como uma fonte de água viva foi identificada no Sucá48b, além da adaptação do resumo dos mandamentos em dois: “amarás YHWH seu Deus de todo teu coração toda tua alma e toda sua forças e ao próximo como a ti mesmo”. Shlomo Naeh reconheceu um empréstimo da literatura cristã siríaca, heruta, em uma história talmúdica no Qidushin82b, referindo-se à abstinência de relações sexuais.

62

Neste período os cristãos se reuniam no shabat, assim como os judeus e liam a Torá (Lei) e os profetas.<sup>63</sup> Mas algo aconteceu na linha do tempo e o domingo tornou-se um dia oficial de reunião e da celebração do dia da Pessach, uma linha cronológica dos acontecimentos nos ajudará a compreender melhor

## Controvérsia sobre a Páscoa

Um fato notável é a mudança da data de comemoração da Pessach (páscoa) que gerou discordâncias entre o grupo de igrejas do oriente e as igrejas romanas. As igrejas de Edessa e as demais igrejas da síria, bem como as igrejas situadas na região dominada pelo império sassânida continuavam a guardar a comemoração de Pessach no dia 14 de Nisã, assim como os judeus, enquanto que as igrejas romanas adotaram o domingo posterior a data da Páscoa judaica para guardar, muito por conta da perseguição aos judeus.

---

<sup>62</sup> The Siríac Works; Daniel King, pg 151

<sup>63</sup> Ibidem, pg 150



Os Cânones Apostólicos, uma coleção de regras e diretrizes para a vida e adoração da Igreja primitiva, incluem um cânon que afirma a continuidade da observância da Páscoa no 14º de Nissan entre as igrejas orientais, incluindo as assírias.<sup>64</sup> Atanásio de Alexandria e Cirilo de Jerusalém fazem referência à prática de algumas igrejas, incluindo as assírias, que celebravam a Páscoa juntamente com os judeus. Atanásio, em suas cartas pascais, menciona que os cristãos da Pérsia e da Síria celebravam a Páscoa no 14º de Nissan, alinhando-se com as tradições judaicas, antes da intervenção persa.<sup>65</sup> Eusébio de Cesareia também menciona este fato, dando ênfase de que algumas igrejas não queriam mudar a tradição de guardar o dia quatorze como a data da Pessach:

*“Os bispos da Ásia, por outro lado, com Polícrates à frente, seguiam insistindo com força que era necessário guardar o costume primitivo que lhes fora transmitido desde antigamente. Polícrates mesmo, numa carta que dirige a Victor e à igreja de Roma, expõe a tradição chegada até ele com estas palavras: “Nós pois, celebramos intacto este dia, sem nada juntar nem tirar. Porque também na Ásia repousam grandes luminárias, que ressuscitarão no dia da vinda do Senhor, quando vier dos céus com glória e em busca de todos os santos: Felipe, um dos doze apóstolos, que repousa em Hierápolis com duas filhas suas, que chegaram virgens à velhice, e outra filha que, depois de viver no Espírito Santo, descansa em Éfeso. E também João, o que se recostou sobre o peito do Senhor e que foi sacerdote portador do pétalon, Mártir e mestre; este repousa em Éfeso. E em Esmirna, Policarpo, bispo e mártir. E Traseas, também ele bispo e mártir, que procede de Eumenia e repousa em Esmirna. E que falta faz falar de Sagaris, bispo e mártir, que descansa em Laodicéia, assim como o bem-Aventurado Papirio e de Meliton, o eunuco, que em tudo viveu no Espírito Santo e repousa em Sardes esperando a visita que vem dos céus no dia em que ressuscitará de entre os mortos? Todos estes celebraram como dia da Páscoa o da décima quarta lua, conforme o Evangelho, e não transgrediram, mas seguiam a regra da fé. E eu mesmo, Polícrates, o menor*

---

<sup>64</sup> Cânones Apostólicos, Capítulo 59

<sup>65</sup> H.G. Opitz, *Athanasius Werke III: Die Festbriefe und Kleinen Schriften*.

*de todos vós, (faço) Conforme a tradição de meus parentes, alguns dos quais segui de perto. Sete parentes meus foram bispos, e eu sou o oitavo, e sempre. Meus parentes celebraram o dia quando o povo tirava o fermento. Portanto, irmãos, eu com mais de sessenta e cinco anos no Senhor, que conversei com irmãos Procedentes de todo o mundo e que recorri toda a Sagrada Escritura, não me assusto com os que tratam de impressionar-me, pois os que são maiores do que eu dissera: Importa mais obedecer a Deus do que aos homens.”*

Histórias Eclesiásticas, Livro V, XXIV

Debaixo da administração sassânida, o Zoroastrismo era a religião oficial que unificava o império, e encontrou uma ameaça no fato de que Judeus e Cristão mantinham uma certa unidade, o cristianismo estava se expandindo rapidamente dentro do império, especialmente entre os judeus que se convertiam ao cristianismo. A conversão dos judeus ao cristianismo era vista como uma perda não só para a comunidade judaica, mas também para o controle social e político do império. Separar os cristãos dos judeus ajudaria a evitar essa perda. Ambos os impérios, romano e Sassânida, temiam uma homogeneização entre a fé judaica e cristã, temendo outra revolta como a que ocorreu em Jerusalém. Isso unido ao fato de que em Roma os cristãos se afastaram de tudo que fosse relacionado a fé judaica e os judeus que queriam distanciar a imagem de Yshua deles foi um prato cheio.

Esse foi um dos motivos do racha que ocorreu entre a igreja do Oriente e a igreja romana. Nesta época a adoração a Mitra havia se tornado comum entre os soldados Romanos, que adotaram o deus sassânidas como um novo deus do panteão romano, seu dia de adoração? Domingo! Com Constantino se aproveitando da Massa cristã como meio de governo e o cristianismo como instrumento do Estado, como já analisamos, em 321 EC ele instituiu o domingo como dia de descanso. Eusébio ajudou a criar a figura de autoridade romana centralizando as decisões em Roma, algo que se evidenciou

no concílio de Nicéia.

O Concílio de Nicéia foi o primeiro concílio ecumênico da história do cristianismo, realizado em 325, quatro anos após o Édito de Constantino sobre o Dies Solis, na cidade de Nicéia (atual İzmit, na Turquia). Convocado pelo imperador romano Constantino I, o concílio reuniu cerca de trezentos novos bispos e teve como objetivo principal resolver controvérsias doutrinárias e práticas que ameaçavam a autoridade da Igreja.

Além de combater o Arianismo o concílio teve foco na data de celebração da páscoa. Havia diferentes práticas para calcular a data da Páscoa. Algumas igrejas, especialmente na Ásia Menor, seguiam o calendário judaico e celebravam a Páscoa no 14º de Nisan (prática chamada quartodecimanismo), enquanto outras igrejas esperavam o domingo seguinte.

O concílio decidiu que a Páscoa deveria ser celebrada no domingo após a lua cheia do equinócio de primavera, independentemente do calendário judaico. Isso obrigou a prática em todas as igrejas do império romano. porém o efeito final ocorreu no concílio de Laodiceia.

O concílio ocorreu após o reinado de Constantino e durante o período em que o Império Romano estava consolidando o cristianismo como religião predominante. Ele foi realizado em um momento de transição e consolidação doutrinária, quando a Igreja buscava unificar práticas e enfrentar heresias locais. Momento perfeito para decretar de vez uma autoridade centralizadora no cristianismo. Era uma época em que muitas seitas surgiam e também muitos textos gnósticos pseudo epígrafo. Com uma confusão generalizada de doutrinas o concílio tentava resolver essas questões e reforçar de vez as decisões tomadas no concílio de Nicéia.

O Concílio de Laodiceia realizado em 364, emitiu 60 cânones, que abordavam questões relacionadas à disciplina eclesiástica, à organização da igreja e à liturgia. Alguns dos

mais relevantes incluem: Vários cânones condenam heresias específicas, como o montanismo, que era uma seita popular na região da Frígia. Também foram estabelecidas regras para garantir a moralidade e a conduta adequada dos clérigos e leigos.

O cânone 29 instrui os cristãos a não “judaizarem” observando o sábado, mas sim a trabalhar nesse dia, reservando o domingo como dia de adoração e descanso. Este é um ponto importante no processo de transição da observância do sábado para o domingo como o principal dia de culto cristão. O concílio regulou quais livros deveriam ser lidos nas igrejas durante os cultos, incluindo a lista inicial de textos considerados canônicos. O objetivo era evitar as confusões geradas por textos pseudo epigrafo gnósticos.

O cânone 59 prescreve que apenas as Escrituras canônicas poderiam ser lidas publicamente na igreja, excluindo textos apócrifos. Regras foram definidas para a ordenação de bispos, presbíteros e diáconos, criando uma hierarquia de autoridade centralizadora.

Regulamentações sobre o comportamento durante os cultos, como a proibição de danças ou celebrações inapropriadas. O concílio unificou a observância de festas cristãs, incluindo o papel crescente da Páscoa celebrada no domingo, seguindo o ciclo lunar.

Apesar do concílio as igrejas orientais continuavam a celebrar a Pessach no dia 14 independente do dia da semana em que caísse. Isso gerou represálias e perseguições:

*“As igrejas na Pérsia e na Síria mantinham a prática de celebrar a Páscoa no 14º de Nissan até que foram forçadas a mudar devido à perseguição” (Teodoreto de Ciro, História Eclesiástica).*

Teodoreto de Ciro, Livro 1, Capítulo 17.

Essa pressão para se adaptar a liturgia criada em Roma também é relatada por Eusébio, colocando novamente

a ressurreição como um foco dominical:

*“Victor, que presidia a igreja de Roma, tentou separar em massa da união comum toda as comunidades da Ásia e as igrejas limítrofes, alegando que eram heterodoxas, e publicou uma condenação por meio de cartas proclamando que todos os irmãos daquela região, sem exceção, estavam excomungados. Mas esta medida não agradou a todos os bispos, que por sua parte exortavam-no a ter em conta a paz e a união e a caridade para com o próximo. Conservam-se inclusive as palavras destes que repreendem Victor com bastante energia. Entre eles está Irineu, na carta escrita em nome dos irmãos da Gália, dos quais era o chefe. Irineu concorda que é necessário celebrar unicamente no domingo o mistério da ressurreição do Senhor.”*

Histórias Eclesiásticas, Livro V, XXIV

Essa pressão Romana junto a perseguição sofrida na Pérsia forçando cada vez mais a separação de judeus e cristãos fez com que houvesse uma reforma na liturgia nas igrejas do oriente. O ‘Constituições Apostólicas’ tinha um chamado para observar o sábado no sábado, além do domingo; e a data e o conteúdo da celebração da Páscoa, a sua ênfase na paixão e na morte de Cristo e não na sua ressurreição.<sup>66</sup>

As reformas litúrgicas mais importantes foram introduzidas pelo patriarca Išo‘yahb III (580-659), que revisou o *Hudraou* livro de serviço para os domingos de todo o ano. Ele reorganizou os ciclos litúrgicos e as estações e fixou sua duração, atribuiu as anáforas a cada festival e reduziu seu número às três usadas atualmente: os apóstolos Addai e Mari, Teodoro de Mopsuéstia e Nestório. Ele compôs um *Taksa*, ou a eucologia para sacerdotes, que contém as rubricas e os textos das três anáforas, além de outras cerimônias, como o batismo. Išo‘yahb foi responsável pelas formas fixas dessas cerimônias.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> The Siriac Wolrd, Daniel King, pg 151

<sup>67</sup> *Ibdem* 393

Desta forma não apenas a igreja romana, posteriormente bizantina, mas também as igrejas do Oriente aderiram ao Domingo como dia a ser guardado, e como já analisamos a influência Sassânida sobre os nomes dos dias fez com que judeus e cristãos adaptassem os nomes dos dias.

Deste modo, pessoas nascidas durante aquele período do século V e VI nas regiões falantes de aramaico não seriam culpados ao interpretar Had b'Shaba como primeiro dia da semana, ao invés de um dos sábados, pois não apenas a expressão ganhou um novo significado, como as reformas litúrgicas tinham o domingo como dia de adoração. Isso explica porque ao traduzir o texto de Eusébio para o siríaco usaram Had b'shaba no lugar de Dia do Senhor. Porém, as primeiras traduções bíblicas não passaram a traduzir os textos como primeiro dia da semana, mas continuaram a traduzir como um dos sábados, e várias comunidades permaneceram guardando o dia de sábado.

## Capítulo - 7

# As antigas traduções da Bíblia

Ao longo da história, há registros de várias Bíblias católicas e protestantes antigas que descrevem a ressurreição de Jesus como ocorrendo "em uma manhã de sábado" ou simplesmente "em um sábado". Estima-se que milhões dessas Bíblias tenham sido escritas e impressas com essa formulação, estando muitas delas ainda disponíveis em fac-símeis ou reproduções textuais. Esse detalhe, que pode parecer surpreendente hoje, reflete uma compreensão específica dos manuscritos originais e das traduções feitas na época.

As antigas Bíblias católicas, especialmente as alemãs, se destacam por sua clareza ao traduzir os textos originais. Os tradutores e escribas que trabalharam com a Vulgata Latina e os manuscritos gregos tinham plena consciência das palavras exatas e suas implicações. Por isso, muitas dessas Bíblias evitavam mencionar o domingo como dia da ressurreição e, em vez disso, descreviam o evento como acontecendo

no sábado. Enquanto as igrejas muitas vezes pregavam o "Domingo da Ressurreição" em suas liturgias, o texto bíblico em várias línguas indicava claramente o sábado.

Exemplos marcantes incluem a primeira Bíblia impressa por Johannes Gutenberg em 1452, bem como outras edições históricas como a Bíblia Mentelin de 1466, a primeira traduzida para uma língua nacional, e a Bíblia de Saur, produzida em 1743 na América. Todas elas consistentemente apontam para a chegada das mulheres ao túmulo na manhã de um sábado.

## Vetus Latina Século II

O termo *Vetus Latina* (ou “Latim Antigo”), também chamado de *Vetus Italica* ou simplesmente *Itala*, refere-se às mais antigas traduções das Escrituras para a língua latina. Essas traduções incluem partes do Antigo Testamento (AT) quanto do Novo Testamento (NT) e foram realizadas antes da consolidação da Vulgata, a tradução oficial latina promovida por Jerônimo no final do século IV. O *Vetus Latina* compreende uma coleção diversificada de textos bíblicos traduzidos diretamente do grego, cuja produção remonta ao século II E.C, embora sua forma mais antiga disponível seja de manuscritos datados entre os séculos IV e V.

Os manuscritos mais antigos do *Vetus Latina* incluem, por exemplo, o *Codex Vercellensis* e o *Codex Bobiensis*, ambos contendo fragmentos dos Evangelhos de Mateus e Marcos. Esses textos são considerados reflexos de traduções realizadas pelo menos até o século III. Entre os manuscritos mais relevantes estão:

*Codex Bezae* (E.C. 400): Apresenta um texto latino antigo que mantém semelhança com outros manuscritos do *Vetus Latina*, como o *Codex Veronensis* e o *Codex Bobiensis*.



*Codex Corbeiensis secundus* (século V): Um texto bíblico copiado na Itália.

*Codex Valerianus* (E.C 600): Outro exemplo da preservação de traduções latinas antigas.

*Codex Rehdigeranus* (E.C 675–750): Originário do norte da Itália e adaptado por Friedrich Haase no século XIX.

*Codex Sangallensis interlinearis* (E.C 860–870): Uma das primeiras Bíblias interlineares, com tradução lado a lado.

*Codex Colbertinus* (1175–1300): Embora tardio, combina características do *Vetus Latina* nos Evangelhos com a influência da Vulgata em outros livros.

Outros manuscritos, como o *Codex Sangermanensis primus* e o *Codex Sangallensis*, também refletem variações textuais entre o *Vetus Latina* e a Vulgata. Esses textos demonstram que, antes da padronização realizada por Jerônimo, havia uma ampla diversidade de traduções e adaptações, muitas vezes refletindo as comunidades e contextos em que foram produzidos.

Em 1743, Pierre Sabatier compilou e publicou uma coleção de fontes antigas relacionadas ao *Vetus Latina*, destacando a comparação entre essas versões e a Vulgata, além de seu alinhamento com o texto grego. Essa obra, intitulada *Biblitorum Sacrorum Latinae Versiones Antiquae*, ainda é uma fonte importante para o estudo das traduções bíblicas antigas e suas variações textuais.

A tradução da Vulgata, concluída por Jerônimo por volta de 382 E.C, foi uma iniciativa da Igreja para padronizar o texto bíblico, substituindo a multiplicidade de traduções não autorizadas e oferecendo uma versão oficial. No entanto, a *Vetus Latina* continua sendo uma fonte de grande valor histórico e teológico. Essa coleção de traduções anteriores revela um dado interessante: em nenhuma parte ela menciona “domingo”, “dia do Senhor”, “semana” ou o “dia depois do sábado” nos relatos da ressurreição. Em vez disso, utiliza

consistentemente os termos “sábado” (sabbati ou sabbatum), conforme encontrado nos manuscritos gregos.

Os tradutores da *Vetus Latina* estavam bem conscientes de que os textos originais gregos mencionavam o “sábado” e, portanto, evitaram qualquer alteração que pudesse sugerir outro dia. Isso fica evidente em textos como Mateus 28:1, onde palavras como *inlustrare* (“iluminar”) e *lucescite* (“brilhar” ou “resplandecer”) reforçam a ideia de que o evento ocorreu em um sábado. Não há qualquer base textual que justifique a interpretação de “domingo” no lugar de “sábado”.

Além disso, a *Vetus Latina* reflete a repetição consistente do “sábado” nos relatos da ressurreição, mencionando o termo sete vezes nos capítulos que tratam do evento e mais de 70 vezes em todo o Novo Testamento. Os tradutores antigos sabiam que não era possível interpretar o texto como se referindo a dois dias diferentes ao mesmo tempo. A expressão “no primeiro sábado” ou “em um sábado” continua referindo-se ao sábado, enquanto as palavras latinas correspondentes a “domingo”, “dia do Senhor” ou “semana” não aparecem sequer uma vez no texto latino do Novo Testamento.

Esse dado também está relacionado à contagem dos sete sábados até o Pentecostes, conforme descrito em Levítico 23:15-16. Assim, a expressão “no primeiro sábado” se encaixa perfeitamente no contexto bíblico e litúrgico judaico, reforçando a centralidade do sábado como o dia mencionado nos textos da ressurreição.

A *Vetus Latina* é, portanto, uma testemunha significativa de que a ressurreição de Jesus foi amplamente entendida como ocorrendo em um sábado. Muitos tradutores antigos, trabalhando de forma independente em diferentes regiões, confirmam essa interpretação. A uniformidade desse detalhe em uma diversidade de manuscritos é uma evidência que não pode ser ignorada, levantando questionamentos sobre como e por que as tradições posteriores alteraram a compreensão do dia da ressurreição.

### *Vulgata de Jerônimo século IV*

Na época de Jerônimo de Estridão (347 - 420), o grego antigo (koiné) ainda era a língua comum e predominante. Os tradutores dessa época eram altamente qualificados e sabiam exatamente quais termos utilizar e quais evitar. Por isso, não é surpreendente que, mesmo com o mandamento de santificação dominical imposto pelo imperador romano e pela igreja romana, a primeira Bíblia oficial da igreja católica mencione, em todos os nove versículos pertinentes, apenas os eventos ocorridos em “uma sabbati” (em um sábado).

Expressões como “depois do sábado” (post sabbati), “no primeiro dia da semana” (primus dies hebdomadae), “em um domingo” (dies solis; solis die) ou “no dia do Senhor” (dominus) não foram usadas. Jerônimo traduziu fielmente o que o texto grego realmente expressa, ou seja, que Jesus ressuscitou “num sábado” ou “no primeiro sábado”.

### *Códice Bezae século V*

O *Codex Bezae*, também conhecido como *Codex Bezae Cantabrigiensis*, é um manuscrito do Novo Testamento em grego e latim, datado do século V. Este foi o único texto bíblico do primeiro milênio disponível para os reformadores no século XVI. O códice recebeu esse nome em homenagem a Theodore Beza, sucessor de João Calvino.

O manuscrito contém os quatro Evangelhos seguindo a ordem ocidental (Mateus, João, Lucas, Marcos) e parte dos Atos dos Apóstolos. Ele consiste em 415 folhas escritas em uma única coluna de 26x21,5 cm. O lado esquerdo de cada folha apresenta o texto em grego, enquanto o lado direito traz o texto em latim.

O texto latino é uma das formas mais antigas do *Vetus Latina* e guarda grande semelhança com o *Codex Veronensis* e o *Codex Bobiensis*, embora apresente algumas características peculiares. Este códice é especialmente significativo porque, em Mateus 28:1a, mostra que a palavra “tarde” (*sero*) era

a tradução correta, em vez de "depois do sábado". Além disso, em Mateus 28:1b, até mesmo o erro da Vulgata foi corrigido, traduzindo "um sábado" ou "primeiro sábado" no lugar de "primeiro dia da semana".

Em Lucas 24:1, as palavras "um" ou "primeiro" são completamente omitidas, indicando simplesmente "manhã de sábado" (*sabbati mane*).

### *Evangelhos Latinos por volta de 800 E.C.*

Além das Bíblias completas, muitos manuscritos individuais dos Evangelhos, baseados no texto da Vulgata, foram produzidos em toda a Europa durante a Idade Média. A Biblioteca Estadual da Baviera, em Munique, disponibiliza fac-símiles de várias obras dessa época. Um exemplo impressionante é o *Evangeliarium purpureum*, do início do século IX, com páginas roxas e texto em dourado. Outras obras notáveis incluem o livro dos Evangelhos de Otto III, com uma encadernação decorada com pedras preciosas, pérolas e marfim, encomendado pelo próprio imperador.

Outro destaque é o *Evangelário da Sainte-Chapelle* de 983, considerado uma das principais obras de iluminura do período otôniano, atualmente localizado na Biblioteca Nacional da França (Lat. 8851). Também merece menção o *Evangelhos de Reichenau de Henrique II*, que possui decoração rica e uma capa adornada com pedras preciosas, sendo um testemunho da arte medieval.

Esses livros, muitas vezes de posse de reis e imperadores, eram obras luxuosas e caras. Por exemplo, Otto III (980–1002), rei romano-germânico e imperador, e Henrique II (973–1024), também imperador e posteriormente canonizado, foram figuras associadas a algumas dessas obras.

E o que esses evangelhos dizem sobre a ressurreição? Eles relatam que Yshua ressuscitou “numa manhã de sábado” (uma *sabbati*) ou “no primeiro sábado” (*prima sabbati*), até o Pentecostes (Mt 28:1; Mc 16:9). Não há menção à

ressurreição “num domingo”.

*Codex Aureus de St. Emmeram* (por volta de 879)

O *Codex Aureus* (latim: “livro de ouro”) é o nome dado a várias obras de iluminura criadas com tinta dourada, tornando-as especialmente valiosas. Entre elas, encontram-se diversos evangelhos latinos, que estão entre os maiores tesouros literários da Idade Média. E o que eles proclamam? A ressurreição de Yshua “em um sábado”, naturalmente.

O *Codex Aureus de St. Emmeram*, datado de 879 e originário da Francia Ocidental, também é conhecido como Evangelhos de Ouro de Carlos, o Calvo. Este livro extraordinário foi produzido a partir de 870 pelos irmãos Berengar e Luithard, a mando de Carlos, o Calvo, e preservado no mosteiro beneditino de St. Emmeram, em Regensburg.

A capa frontal é uma obra-prima, feita de ouro cinzelado, pedras preciosas e pérolas. Carlos II, também chamado Carlos, o Calvo (823 - 877), pertencia à família nobre dos carolíngios. Ele foi rei da Francia Ocidental de 843 a 877, além de rei da Itália e imperador romano de 875 a 877. Ele encontrou no Novo Testamento a referência ao sábado.

*Códice Áureo Epternacensis* (1040)

Os Evangelhos Dourados de Echternach (*Latim Codex aureus Epternacensis ou Codex Gothanus*) foram criados por volta de 1040 na diocese de Trier, na Abadia Beneditina de Echternach, atualmente no Luxemburgo, que era o scriptorium mais importante da época. A capa do livro é uma obra-prima da arte de ourivesaria de Trier, feita de ouro, marfim, esmalte, pedras preciosas e pérolas, já por volta de 985 - 990. O códice foi criado para uso no mosteiro de Echternach e permaneceu lá até a Revolução Francesa. Em 1801, Ernst II. Ludwig de Saxe-Gotha-Altemburgo (1745-1804), o soberano do Ducado de Saxe-Gotha-Altemburgo, comprou o códice. Hoje, o livro está no Germanisches Nationalmuseum em Nuremberg.

O texto é o mesmo encontrado em todos os outros evangelhos da Europa e de 879, sendo fácil de traduzir. Em Marcos 16:9, é mencionado “cedo no primeiro sábadó” (mane prima sabbati).

#### *Bíblia Gigante de Henrique IV (1060)*

Henrique IV (1050-1106) foi o filho mais velho do imperador Henrique III (1017-1056) e da imperatriz Inês (1025-1077). Ele foi co-rei em 1053, rei romano-germânico a partir de 1056, e imperador de 1084 até sua abdicação em 31 de dezembro de 1105, forçada por seu filho Henrique V (1090-1125). Henrique subiu ao trono ainda jovem e foi o último rei da Idade Média romano-germânica. Em uma disputa entre poder espiritual e secular, foi sucedido pelo papa Gregório VII (1030- 1085), excomungado. Henrique IV tornou-se famoso por sua caminhada até Canossa em 1077, onde se submeteu ao papa e implorou seu perdão.

A Bíblia completa de Henrique IV, também conhecida como a Bíblia Gigante (*Bibliorum veteris Testamenti pars secunda... Libri novi Testamenti*), era chamada assim por causa de suas dimensões extraordinárias. Assim como as Bíblias de reis anteriores, esta Bíblia também menciona a ressurreição de Yshua “em um sábadó” (uma sabbati/sabbatorium), ou seja, “no início do primeiro sábadó” (mane prima sabbati) dos sete sábados semanais até o Pentecostes.

Além disso, a reunião da igreja também ocorre “em um sábadó”.

Há ainda uma lista enorme de bíblias em Latin, cujos textos mantêm o ‘una Sabati’.

#### *Alto Alemão Antigo – Taciano (830 E.C.)*

Esta harmonia dos Evangelhos (alemão: *Althochdeutscher Tatian*) NÃO relata nas línguas latina e alemã antiga a ressurreição de Jesus “num domingo” (latim dies solis; alemão antigo sunnuntag), mas sim “num sábadó” (alto-alemão antigo: sambaztac, sambaztag; latim: sabbati). A questão

levantada é: quando “o Messias” apareceu aos discípulos? A resposta está clara: “naquele mesmo dia, um sábado”. Esta é uma das muitas evidências que demonstram de forma inequívoca que, mesmo há 1.200 anos, as pessoas eram capazes de distinguir claramente entre a referência ao primeiro sábado, semana e domingo em textos tanto latinos quanto alemães.

### *Livro do Evangelho de Beheim (1343)*

O Evangelho de Matthias von Beheim 1343 (alemão: *Matthias von Beheims Evangelienbuch*) não menciona a palavra “Sabbath” em todo o Evangelho, mas emprega o equivalente antigo em alemão médio sunabint (Sonnabend), que designa o sábado, por exemplo, em Mateus 12:1, 2, 5, 8, 10, 11, 12, etc. O tradutor demonstrou uma compreensão refinada ao distinguir entre as palavras “um” e “primeiro”. Em várias passagens, ele se refere ao que ocorreu “em um sábado”, com exceção dos dois versos onde a Vulgata menciona o primeiro sábado (Mateus 28:1b; Marcos 16:9) dos sete sábados até o Pentecostes.

Este fenômeno destaca a necessidade de cuidado e precisão na tradução bíblica, sublinhando que tanto os evangelistas em seu texto grego quanto Jerônimo na Vulgata Latina e Beheim na antiga língua alemã média possuíam uma compreensão clara do significado e da intenção dos textos. Todos esses autores referem-se a um evento de ressurreição “em uma manhã de sábado”.

### *Manuscrito em pergaminho de Augsburg 1350*

O manuscrito em pergaminho de Augsburg (alemão: *Augsburger Pergamenthandschrift*) é uma tradução da Bíblia da Vulgata. Portanto, o erro de Hieronymus em Mt 28:1b foi automaticamente assumido, que fala do “primeiro sábado” em vez de “um sábado”. No entanto, o texto é sensacional porque confirma claramente a ressurreição de Yshua “no sábado” (Lc 24:1) ou “num sábado” (Mc 16:2; Jo 20:1), “no primeiro sábado” (Mc 16:9; Mt 28:1) e até mesmo “num sábado”.

*Livro do Evangelho do Mosteiro Beneditino de Oberaltaich, século XIII/XIV*

Os Evangelhos para o ano inteiro (alemão: *Evangelistar aus dem Benediktiner-Kloster Oberaltaich*). Esta caligrafia católica é sensacional, porque a Vulgata foi traduzida corretamente em todos os lugares. As doutrinas da Igreja não eram observadas, então sempre se fala da ressurreição de Jesus “em um sábado “de manhã. Uma distinção foi feita entre “um” e “primeiro” no texto da Vulgata. Na Idade Média, o latim era a língua da igreja, então os tradutores eram especialistas e sabiam exatamente o que a Vulgata diz e o que não diz. A palavra latina “uma sabbati”, que sempre foi usada antes da tradução real no texto como manchete, significa “em um sábado” e não “em um domingo” nem “no primeiro dia da semana”.

*Crônica mundial com perícopes evangélicas da Paixão*  
1385

Crônica Mundial (alemão: *Weltchronik mit Evangelien-Perikopen der Passion*);. Idioma: Alto-alemão médio. Autores: Rudolf von Sem Jansen Enikel, Jans Philipp von Seitz, Gregorius Koehler (Biblioteca Universitária de Kassel, Shelfmark: 2° Ms. Theol. 4). Perikpopes são passagens da Bíblia que são destinadas à leitura em serviços religiosos. Várias vezes a palavra “Páscoa” é mencionada, mas em um lugar a ressurreição de Jesus “em um sábado santo” (não “em um domingo santo”) é mencionada. Então a Igreja Católica originalmente ensinou o sábado sagrado da ressurreição. Literalmente significa na forma de um poema: “No Sábado Santo”.

*“Num sábado isso aconteceu, então a Páscoa também é chamada: Maria Madalena e as outras Marias foram ver o túmulo.... Então isso significa: “num sábado santo Maria foi ao túmulo”*

*A Bíblia de Ottheinrich 1425/30*

A Bíblia Ottheinrich 1425/30 tem muitas ilustrações



produzidas de modo elaborado, mas ainda mais importante é seu texto, porque fala (como as Bíblias alemãs antes dela) da ressurreição de Yshua “em uma manhã de sábado”. Embora a palavra “semana” tenha sido contida várias vezes nesta Bíblia (por exemplo, Lc 18:12; 1Co 16:2), o tradutor evitou declarar explicitamente a chegada das mulheres ao túmulo como “no primeiro dia da semana”. Esta Bíblia também poderia diferenciar entre “um” e “primeiro” e fala de “em um sábado” ou de “em um dia do sábado”, ou seja, de um dia de sábado em que Maria foi ao túmulo. O tradutor tinha um excelente conhecimento da língua latina, como pode ser comprovado pela tradução correta de vários versículos para o alemão. Mc 16:9 também foi traduzido corretamente como “cedo no primeiro sábado” no genitivo singular (früe ersten sabbats), assim como diz o texto original grego. Com isso, Marcos quis dizer o primeiro dos sete sábados até o Pentecostes. Também a partilha do pão da primeira igreja cristã ocorreu “num sábado “em vez de “num domingo”.

É um exemplo impressionante e de advertência que as pessoas sempre foram capazes de traduzir como Deus e os evangelistas queriam dizer. As interpretações da Igreja foram deliberadamente omitidas. A Bíblia *Ottheinrich* não era a Bíblia de um pequeno grupo cristão ou de uma seita religiosa, mas a Bíblia católica alemã oficial de reis, cavaleiros e condes. Mesmo que as pessoas comuns não tivessem a oportunidade de lê-lo, pelo menos os governantes mundanos poderiam aprender que a ressurreição de Jesus realmente ocorreu “em uma manhã de sábado”, mesmo que os padres ensinassem oficialmente algo diferente no culto de domingo

Poderia listar aqui muitas outras centenas de bíblias antigas, desde manuscritos a impressas, mas seria muito repetitivo, e creio que a esta altura já tenha ficado evidente que as traduções mais antigas não usavam uma ideia de ressurreição no domingo. Outro ponto importante é que muitas comunidades seguiram guardando o shabat mesmo depois dos primeiros séculos.

### *Século III*

o sábado do sétimo dia, instituído na criação e reafirmado na Torah (Lei), continuou sendo praticado por Yshua, pelos apóstolos e pelos primeiros cristãos como um dia especial de adoração e descanso. O Messias, ao longo de Seu ministério, observou o sábado e o declarou como um dia feito para o benefício do ser humano, reforçando seu valor espiritual e comunitário.

Os apóstolos e os cristãos das primeiras gerações seguiram esse exemplo, mantendo a prática do sábado em suas comunidades, especialmente entre os cristãos de origem judaica. No entanto, com o passar do tempo, à medida que o cristianismo se expandia para regiões predominantemente gentias e se desvinculava gradualmente do judaísmo, novas práticas começaram a surgir.

*“O sábado do sétimo dia foi solenizado por Cristo, pelos apóstolos e pelos cristãos primitivos, até que o Concílio de Laodiceia aboliu completamente suas observâncias.”* <sup>68</sup>

Diversos historiadores já trouxeram estes assuntos a luz, existem muitas evidências que não podem ser ignoradas sobre este tema:

*Egito (Papiro Oxyrhynchus) (200-250 E.C.)*

*“Se não fizerdes do sábado um verdadeiro sábado (‘sabbatizar o sábado’ em grego), não vereis o Pai.”* <sup>69</sup>

*Primeiros cristãos –*

*“Observarás o sábado, por causa daquele que cessou sua obra de criação, mas não cessou sua obra de providência: é um*

---

<sup>68</sup> Dissertação sobre o Dia do Senhor, pp. 33, 34.

<sup>69</sup> The Oxyrhynchus Papyri, pt. 1, p. 3, Logion 2, versos 4-11 (London Offices of the Egypt Exploration Fund, 1898).

*descanso para meditação da lei, não para ociosidade das mãos.*"<sup>70</sup>

*Constituições dos Santos Apóstolos* reflete a forma como os cristãos dos séculos III e IV entendiam a observância do sábado. Esse documento, atribuído aos apóstolos, mas escrito posteriormente, apresenta uma orientação que usa práticas Israelitas ao cristianismo primitivo, reinterpretando o significado do sábado à luz da nova fé. A recomendação de "*observarás o sábado*" mostra que havia a continuidade da importância desse dia, mas com uma abordagem diferente. O sábado, fundamentado no descanso de Deus após a criação, não era visto como um período de ociosidade, mas como uma oportunidade de meditar na lei de Deus e refletir sobre Sua providência contínua. A ideia de que Deus cessou Sua obra de criação, mas não Sua obra de providência, trazia um significado mais espiritual ao descanso, indicando que o sábado era menos sobre abstenção de atividades físicas e mais sobre comunhão com Deus e estudo da Sua palavra. Isso reflete uma transição na prática cristã, em que os rituais e mandamentos da Torah (Lei) eram reinterpretados no contexto da fé cristã. As *Constituições dos Santos Apóstolos*, como documento histórico, mostram esse momento de adaptação em que o cristianismo primitivo buscava conciliar suas raízes judaicas com a identidade emergente de uma nova comunidade de fé.

#### *África (Alexandria):*

*"Após o festival do sacrifício incessante (a crucificação), é colocado o segundo festival do Sabbath, e é apropriado para quem é justo entre os santos guardar também o festival do Sabbath. Portanto, resta um sabbatismo, isto é, uma guarda do Sabbath, para o povo de Deus (Hebreus 4:9)."*<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> The Anti-Nicene Fathers, Vol. 7, p. 413. De Constitutions of the Holy Apostles, um documento dos séculos III e IV.

<sup>71</sup> — Homilia sobre Números 23, par. 4, em Migne, Patrologia Graeca, Vol. 12, cols. 749, 750.

Na África, onde Alexandria desempenhava um papel central como centro intelectual e teológico do cristianismo, encontramos evidências de que a guarda do sábado continuava sendo praticada e valorizada entre os cristãos. A citação atribuída a Orígenes, um dos mais influentes teólogos e eruditos de sua época, reflete a interpretação cristã do sábado como um elemento significativo na vida espiritual.

Palestina para a Índia (Igreja do Oriente):

A Igreja do Oriente, uma das mais antigas tradições cristãs, desempenhou um papel importante na expansão do cristianismo em regiões que iam desde a Palestina até a Índia. Segundo Mingana, já em 225 d.C., havia grandes bispados e conferências dessa igreja, destacando sua presença significativa em áreas amplas e culturalmente diversas. Um dos aspectos marcantes dessa tradição era a prática da observância do sábado, que continuava sendo respeitada por essas comunidades cristãs.

A observância do sábado entre os cristãos da Igreja do Oriente reflete um forte vínculo com as raízes judaico-cristãs e uma fidelidade às práticas que tinham sido mantidas por Jesus e os apóstolos. Embora o cristianismo estivesse se diversificando e novas tradições, como a observância do domingo, ganhassem força em outras regiões, especialmente no Ocidente, a Igreja do Oriente manteve o sábado como um dia especial para descanso e adoração.

Essa prática se espalhou pelas rotas comerciais e culturais que conectavam o Oriente Próximo à Ásia Meridional, incluindo a Índia. Os cristãos nessas regiões estavam frequentemente em contato com diferentes culturas e religiões, mas continuavam a preservar tradições que consideravam essenciais para sua identidade espiritual. A guarda do sábado era uma dessas tradições, vista como uma forma de honrar o mandamento divino e refletir sobre o descanso em Deus.

A existência de grandes bispados em locais tão

distantes quanto a Palestina e a Índia mostram não apenas a extensão geográfica da Igreja do Oriente, mas também a resiliência de sua fé e de suas práticas. A ênfase no sábado era um testemunho de sua continuidade com a prática dos primeiros cristãos e de sua interpretação particular das Escrituras. Essa continuidade destaca como o cristianismo, apesar de sua adaptação a diferentes contextos culturais, manteve elementos fundamentais que remontam às suas origens. A Igreja do Oriente oferece, assim, uma janela para entender como o cristianismo primitivo se desenvolveu em regiões além da esfera do Império Romano, preservando práticas que, em outros lugares, estavam sendo reinterpretadas ou abandonadas.

*“Já em 225 E.C., existiam grandes bispados ou conferências da Igreja do Oriente (observação do sábado) que se estendiam da Palestina à Índia.”*<sup>72</sup>

#### Índia (Controvérsia Budista, 220 E.C.):

Segundo relatos históricos, um conselho de monges budistas foi convocado em Vaisalia para unificar a prática do sabbath semanal entre as várias comunidades budistas. Esse evento demonstra não apenas a diversidade de interpretações dentro do budismo, mas também a interação entre diferentes tradições religiosas na região.

Durante essa época, havia contatos culturais e comerciais entre a Índia e outras partes do mundo, incluindo comunidades judaicas e cristãs que já estavam estabelecidas na região. Os escritos da Tanak (Velho Testamento), com sua ênfase na guarda do sábado como um dia sagrado de descanso e adoração, parecem ter exercido influência sobre alguns monges budistas. Esse grupo, impressionado com os conceitos bíblicos, passou a adotar a prática de santificar o sábado.

*“A Dinastia Kushan do Norte da Índia convocou um famoso*

---

<sup>72</sup> Mingana, *Early Spread of Christianity*, Vol. 10, p. 460.

*conselho de sacerdotes budistas em Vaisalia para trazer uniformidade entre os monges budistas na observância de seu Sabbath semanal. Alguns ficaram tão impressionados com os escritos do Antigo Testamento que começaram a santificar o Sabbath.*"<sup>73</sup>

#### Itália e Leste – C. 4º

*"Era a prática geral das Igrejas Orientais; e algumas igrejas do Ocidente... Pois na Igreja de Milão (Milão); parece que o sábado era tido em grande estima... Não que as Igrejas Orientais, ou qualquer uma das demais que observavam aquele dia, estivessem inclinadas ao judaísmo; mas que se reuniam no dia de sábado para adorar Jesus Cristo, o Senhor do sábado."*<sup>74</sup>

#### Itália – Milão:

*"Ambrósio, o célebre bispo de Milão, disse que quando estava em Milão observava o sábado, mas quando estava em Roma observava o domingo. Isso deu origem ao provérbio: 'Quando estiver em Roma, faça como Roma faz.'"*<sup>75</sup>

#### Abissínia – Remanescentes da Evangelização de Filipe:

*"Na última metade daquele século, Santo Ambrósio de Milão declarou oficialmente que o bispo abissínio, Museus, tinha 'viajado quase por todo lugar no país dos Seres' (China). Por mais de dezesseis séculos, a Igreja Abissínia continuou a santificar o sábado como o dia santo do quarto mandamento."*<sup>76</sup>

#### Arábia, Pérsia, Índia, China:

Mingana prova que em 370 E.C. o cristianismo abissínio (uma igreja que guardava o sábado) era tão popular que seu famoso diretor, Musacus, viajou extensivamente pelo Oriente promovendo a igreja na Arábia, Pérsia, Índia e

---

<sup>73</sup> Lloyd, The Creed of Half Japan, p. 23.

<sup>74</sup> História do sábado (grafia original mantida), Parte 2, parágrafo 5, pp. 73, 74. Londres: 1636. Dr. Heylyn.

<sup>75</sup> Heylyn, A História do Sábado (1612)

<sup>76</sup> Ambrósio, De Moribus, Brachmanorium Opera Ominia, 1132, encontrado em Migne, Patrologia Latina, Vol.17, pp.1131,1132.

China.<sup>77</sup>

#### Espanha – Conselho Elvira (AD305)

O Cânon 26 do Concílio de Elvira revela que a Igreja da Espanha naquela época guardava o sábado, o sétimo dia. “*Quanto ao jejum em todos os sábados: Resolvido, que o erro seja corrigido de jejuar em todos os sábados.*” Esta resolução do concílio está em oposição direta à política que a igreja em Roma havia inaugurado, a de ordenar o sábado como um dia de jejum para humilhá-lo e torná-lo repugnante ao povo.

Pérsia-335-375 E.C. (40 anos de perseguição sob Shapur II)

A perseguição aos cristãos na Pérsia durante o reinado de Shapur II é um período que evidencia as tensões entre o cristianismo primitivo e o zoroastrismo, como já mencionamos anteriormente na Pérsia inicialmente não se guardava o domingo. Essas tensões foram exacerbadas por acusações populares contra os cristãos, que eram vistos como subversivos por rejeitarem as práticas religiosas locais, particularmente a veneração do deus-sol, Mitra e a observância do domingo, uma tradição já estabelecida no zoroastrismo.

Os cristãos na Pérsia mantinham a prática de realizar serviços religiosos no sábado, em contraste com o domingo, que havia sido elevado a um dia sagrado no contexto zoroastriano. A adoção do domingo em honra ao sol era uma tradição milenar no zoroastrismo, atribuída a Zoroastro, o fundador da religião. Para os seguidores do zoroastrismo, a continuidade da observância do sábado pelos cristãos representava um desafio direto à hegemonia cultural e religiosa da prática do domingo.

---

<sup>77</sup> Truth Triumphant,” p.308 (Nota de rodapé 27). (Os números das páginas variam nesta versão online de Truth Triumphant)

Além disso, os cristãos também eram criticados por práticas que os diferenciavam ainda mais, como o enterro de seus mortos na terra, uma conduta que os zoroastrianos consideravam uma profanação sagrada. Para os zoroastrianos, a terra era considerada pura e intocável pelos corpos dos mortos, que deveriam ser dispostos em torres de silêncio, longe do contato com os elementos naturais.

As queixas contra os cristãos, documentadas em fontes como *The Syriac Church and Fathers*, refletem a percepção de que a comunidade cristã representava uma ameaça não apenas religiosa, mas também social e cultural, resistindo a práticas estabelecidas e reafirmando sua identidade distinta. A rejeição ao culto ao sol e à substituição do sábado pelo domingo reforça o compromisso dos cristãos persas com as tradições bíblicas e com sua fé, mesmo sob intensa pressão.

A queixa popular contra os cristãos: “*Eles desprezam nosso deus-sol, eles têm serviços divinos no sábado, eles profanam o sagrado da terra enterrando seus mortos nela.*” (Verdade Triunfante, Versão Online p. 261)

“*Eles desprezam nosso deus -sol. Zorcaster, o santo fundador de nossas crenças divinas, não instituiu o domingo há mil anos em honra ao sol e suplantou o sábado? No entanto, esses cristãos têm serviços divinos no sábado.*”<sup>78</sup>

O Mundo – Agostinho, Bispo de Hipona (Norte da África)

Agostinho mostra aqui que o Sabbath era observado em seus dias “*na maior parte do mundo cristão*”, e seu testemunho a esse respeito é ainda mais valioso porque ele próprio era um observador do domingo sincero e consistente.<sup>79</sup>

Papa Inocêncio (402-417)

---

<sup>78</sup> O’Leary, “The Syriac Church and Fathers,” pp.83, 84.

<sup>79</sup> Nicene and Post-Nicene Fathers,” 1st Series, Vol.1, pp. 353



O Papa Silvestre (314-335) foi o primeiro a ordenar que as igrejas jejuassem no sábado, e o Papa Inocêncio (402-417) tornou isso uma lei vinculativa nas igrejas que o obedeciam (para desacreditar o sábado). *“Inocêncio ordenou que o sábado ou o sábado fossem sempre jejuados.”* Dr. Peter Heylyn, *“História do sábado, parte 2, p. 44.*

Nos dias de Jerônimo (420 E.C.), os cristãos mais devotos faziam trabalho comum no domingo. *“Tratado do Dia de Sábado”,* pelo Dr. White, Lord Bishop de Ely, p. 219.

Sidônio (Falando do Rei Teodorico dos Godos, 454-526 E.C.)

*“É um fato que antigamente era costume no Oriente guardar o sábado da mesma maneira que o dia do Senhor e realizar assembleias sagradas: enquanto, por outro lado, o povo do Ocidente, lutando pelo dia do Senhor, negligenciou a celebração do sábado.”*<sup>80</sup>

#### Igreja Escocesa - Século VI

*“Neste último caso, eles pareciam ter seguido um costume do qual encontramos vestígios na igreja monástica primitiva da Irlanda, pelo qual eles consideravam o sábado como o dia em que descansavam de todos os seus trabalhos.”*<sup>81</sup>

#### Escócia, Irlanda

*“Parece que vemos aqui uma alusão ao costume, observado na primitiva Igreja monástica da Irlanda, de guardar o dia de descanso no sábado, ou no Sabbath.”*<sup>82</sup>

#### Escócia – Columba

São Columba (521–597 E.C.), um dos missionários

---

<sup>80</sup> Apollinaries Sidonli Epistolae, lib.1, 2; Migne, 57.

<sup>81</sup> WT Skene, “Adamnan Life of St. Columbs” 1874, p.96.

<sup>82</sup> “História da Igreja Católica na Escócia”, Vol.1, p. 86, pelo historiador católico Bellesheim.

mais influentes do cristianismo celta, é frequentemente associado à observância do sábado e a elementos das leis mosaicas nas práticas religiosas da Igreja Celta. Essa tradição cristã, que se desenvolveu nas Ilhas Britânicas em relativa independência das influências de Roma, manteve algumas características que diferiam da Igreja oficial, especialmente em termos de calendário litúrgico, práticas e interpretações bíblicas.

Há indícios de que São Columba e a comunidade monástica de Iona, por ele fundada, respeitavam o sábado como um dia especial de devoção e descanso. Embora isso não signifique necessariamente uma guarda idêntica à observância judaica do sábado, há registros que sugerem que os celtas consideravam o sábado um tempo para descanso espiritual e atividades religiosas. Essas práticas podem ter sido influenciadas por uma leitura literal das Escrituras, especialmente da Torá, que era amplamente estudada nos mosteiros celtas.

Os monges celtas frequentemente demonstravam um profundo apreço pela Bíblia hebraica e, em algumas práticas, pareciam adotar preceitos inspirados na lei mosaica. Isso incluía elementos como padrões de pureza, respeito pelo ciclo semana, a celebração da Páscoa que seguiam tinha cálculos próprios e divergentes do sistema romano.

A Igreja Celta, sob a liderança de figuras como São Columba, valorizava uma vida de simplicidade, obediência às Escrituras e uma forte ligação com as práticas dos cristãos primitivos. O foco no sábado e na aplicação de aspectos das leis mosaicas reflete o desejo de permanecer fiel às origens bíblicas da fé cristã, mesmo em um contexto geograficamente distante e culturalmente distinto do cristianismo romano.

No entanto, com o tempo, especialmente após o Sínodo de Whitby em 664 d.C., as práticas celtas começaram a ser assimiladas pela Igreja Católica Romana, que promovia a observância do domingo como o principal dia de adoração. Apesar disso, a tradição celta preservada por São Columba e seus

seguidores representa um exemplo único de como o cristianismo pode se desenvolver de maneira independente, mantendo traços significativos de suas raízes bíblicas.<sup>83</sup>

*“Tendo continuado seus labores na Escócia por trinta e quatro anos, ele previu clara e abertamente sua morte, e no sábado, mês de junho, disse ao seu discípulo Diermit: “Este dia é chamado de Sabbath, que é o dia de descanso, e assim será verdadeiramente para mim; pois porá fim aos meus labores.”<sup>84</sup>*

O editor da melhor biografia de Columba diz em uma nota de rodapé: *“Nosso sábado. O costume de chamar o dia do Senhor de Sabbath não começou até mil anos depois.”* Adamnan’s *“Life of Columba”* (Dublin, 1857), p. 230.

*“A observância do sábado do sétimo dia era generalizada e duradoura entre os crentes da Igreja do Oriente e os cristãos de São Tomás da Índia, que nunca estiveram conectados com Roma. Também era mantida entre aqueles corpos que se separaram de Roma após o Concílio de Calcedônia, a saber, os abissínios, os jacobitas, os maronitas e os armênios,”<sup>85</sup>*

#### China – 781 E.C.

Em 781 E.C., o famoso Monumento da China foi inscrito em mármore para contar sobre o crescimento do cristianismo na China naquela época. A inscrição, consistindo de 763 palavras, foi descoberta em 1625 perto da cidade de Changan e agora está na “Floresta das Tábuas”, Changan. O seguinte extrato da pedra mostra que o Sabbath foi observado:

*“No sétimo dia oferecemos sacrifícios, depois de termos purificado nossos corações e recebido a absolvição por nossos pecados. Esta religião, tão perfeita e tão excelente, é difícil de nomear, mas ela*

---

<sup>83</sup> “The Celtic Church in Britain and Ireland” – James E. Ritchie

<sup>84</sup> Butler’s Lives of the Saints Vol.1, AD 597, art. “St. Columba” p. 762

<sup>85</sup> Schaff-Herzog, The New Encyclopedia of Religious Knowledge,” art. “Nestorians”; também Real encyclopaedie fur Protestantische Theologie und Kirche,” art. “Nestorianer.”

*ilumina a escuridão por seus brilhantes preceitos.*”<sup>86</sup>

#### Bulgária Século IX:

*“Os búlgaros, no início da sua evangelização, foram ensinados que nenhum trabalho deveria ser realizado no sábado.”*<sup>87</sup>

#### Escócia:

*“Eles trabalhavam no domingo, mas guardavam o sábado de forma sabática.”*<sup>88</sup>

#### Igreja do Oriente – Curdistão:

*“Os nestorianos não comem carne de porco e guardam o sábado. Eles não acreditam nem na confissão auricular nem no purgatório.”*<sup>89</sup>

#### Valdenses:

*“E porque eles não observavam nenhum outro dia de descanso além dos dias de sábado, eles os chamavam de Insabathas, como se não observassem nenhum sábado.”*<sup>90</sup>

Escritores católicos romanos tentam fugir da origem apostólica dos valdenses, de modo a fazer parecer que a romana é a única igreja apostólica, e que todas as outras são novidades posteriores. E por essa razão eles tentam fazer parecer que os valdenses se originaram com Peter Waldo do século XII. O Dr. Peter Allix diz:

*“Alguns protestantes, nesta ocasião, caíram na armadilha que foi armada para eles... É absolutamente falso que essas igrejas tenham sido encontradas por Peter Waldo... é uma falsificação pura.”*

---

<sup>86</sup> Cristianismo na China, M. l'Abbe Huc, Vol. I, cap.2, pp. 48, 49

<sup>87</sup> Resposta Nicolai Papae I e Com-Consulta Bulllllgarorum, Responsum 10, encontrado em Mansi, Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Colectio, Vol.15; pág. 406; também Hefele, Conciliengeschichte, Vol.4, sec. 478

<sup>88</sup> Uma história da Escócia desde a ocupação romana, Vol. I, p.96. Andrew Lang

<sup>89</sup> Schaff-Herzog, “The New Encyclopaedia of Religious Knowledge,” art. “Nestorianos.”

<sup>90</sup> “Precursores” de Lutero (grafia original), PP. 7, 8

Ancient Church of Piedmont, pp.192, Oxford: 1821

Escócia – Século XI:

*“Eles sustentavam que o sábado era propriamente o Sabbath em que se abstinham do trabalho.”*<sup>91</sup>

*“Eles trabalhavam no domingo, mas mantinham o sábado de forma sabática... Essas coisas Margaret aboliu.”*<sup>92</sup>

Era outro costume deles negligenciar a reverência devida ao dia do Senhor, dedicando-se a todo tipo de negócio mundano nele, assim como faziam em outros dias. Que isso era contrário à lei, ela (Rainha Margaret) provou a eles tanto pela razão quanto pela autoridade. ‘Vamos venerar o dia do Senhor’, disse ela, ‘por causa da ressurreição de nosso Senhor, que aconteceu naquele dia, e não façamos mais obras servis nele; tendo em mente que neste dia fomos redimidos da escravidão do diabo. O abençoado Papa Gregório afirma o mesmo.’<sup>93</sup>

(Historiador Skene comentando sobre o trabalho da Rainha Margaret) *“Seu próximo ponto foi que eles não reverenciavam devidamente o dia do Senhor, mas neste último caso eles pareciam ter seguido um costume do qual encontramos vestígios na Igreja primitiva da Irlanda, pelo qual eles consideravam o sábado como o sábado em que descansavam de todos os seus trabalhos.”*<sup>94</sup>

Escócia e Irlanda

*“T. Ratcliffe Barnett, em seu livro sobre a fervorosa rainha católica da Escócia que em 1060 foi a primeira a tentar a ruína dos irmãos de Columba, escreve: ‘Neste assunto, os escoceses talvez tenham mantido o uso tradicional da antiga Igreja irlandesa que*

---

<sup>91</sup> Celtic Scotland,” Vol. 2, p. 350

<sup>92</sup> Uma História da Escócia a partir da Ocupação Romana,” Vol.1, p. 96.

<sup>93</sup> Vida de Santa Margarida, Turgot, p. 49 (Biblioteca do Museu Britânico)

<sup>94</sup> Skene, “Celtic Scotland,” Vol.2, p. 349

*observava o sábado em vez do domingo como o dia de descanso.”*<sup>95</sup>

## País de Gales

*“Há muitas evidências de que o Sabbath prevaleceu na universidade de Gales até 1115 E.C., quando o primeiro bispo romano estava sentado em St. David. As antigas igrejas galesas que guardavam o Sabbath nem mesmo então se curvaram completamente a Roma, mas fugiram para seus esconderijos.”*<sup>96</sup>

## Família Lichenstein

(propriedades na Áustria, Boêmia, Moróvia, Hungria. Lichenstein no Vale do Reno não era seu país até o final do século VII). *“Os sabatistas ensinam que o Sabbath externo, ou seja, o sábado, ainda deve ser observado. Eles dizem que o domingo é uma invenção do Papa.”*<sup>97</sup>

## Instituto Smithsonian:

*“A avaliação do domingo, o dia tradicionalmente aceito da ressurreição de Cristo, variou muito ao longo dos séculos da Era Cristã. De tempos em tempos, ele foi confundido com o sétimo dia da semana, o Sabbath. Os povos de língua inglesa têm sido os mais consistentes em perpetuar a suposição errônea de que a obrigação do quarto mandamento passou para o domingo. Na fala popular, o domingo é frequentemente, mas erroneamente, chamado de Sabbath.”* – FM SETZLER, Curador-chefe, Departamento de Antropologia, Instituto Smithsonian, de uma carta datada de 1º de setembro de 1949.

Ao longo dos séculos a doutrina de uma ressurreição dominical não foi unanimidade, e foi imposta a força segundo a autoridade da igreja. O fato principal de não haver consenso demonstra que está doutrina não era fundamentada nas escrituras, tampouco podia ser defendida a não ser segundo a

---

<sup>95</sup> Barnett, “Margaret of Scotland: Queen and Saint”, p.97

<sup>96</sup> Lewis, “Seventh Day Baptists in Europe and America,” Vol.1, p.29

<sup>97</sup> Refutação do Sabbath, por Wolfgang Capito, publicado em 1599

autoridade estatal da Igreja.

Com a descoberta dos manuscritos de Qunram esperava-se que pudessem haver provas concretas que apoiassem a ideia de que Had b'shaba fosse usado como referência ao domingo, porém os documentos de calendários vão na contramão do que se esperava.

## O Paganismo no Cristianismo

No século IV, o mundo romano era um mosaico de culturas, crenças e tradições religiosas profundamente enraizadas no cotidiano das pessoas. Antes do cristianismo se tornar a religião dominante, o paganismo moldava praticamente todos os aspectos da vida no Império Romano. Esse não era um sistema religioso uniforme, mas uma diversidade de cultos politeístas, rituais e festivais que reverenciavam a natureza, os deuses e, frequentemente, os próprios imperadores. Foi nesse cenário que o cristianismo começou a se expandir e, inevitavelmente, encontrou no paganismo um campo fértil para adaptações e transformações.

As celebrações pagãs desempenhavam um papel central na vida romana. Uma das mais populares era a Saturnália, realizada entre 17 e 23 de dezembro, em homenagem a Saturno, deus da agricultura. Durante esse período, a ordem social era temporariamente invertida: escravos participavam de banquetes ao lado de seus senhores, presentes eram trocados e a alegria dominava as ruas. Pouco depois da Saturnália, outro festival ganhava destaque: o culto ao Sol Invictus, celebrado em 25 de dezembro. Essa festividade, instituída pelo imperador Aureliano no ano 274 d.C., marcava o solstício de inverno, um momento simbólico de "renascimento" do

sol, quando os dias começavam a se alongar novamente após o período de maior escuridão do ano.

O Sol Invictus, ou "Sol Invencível", era um símbolo poderoso de unidade no Império Romano. Em uma sociedade composta por povos diversos, com suas próprias divindades e costumes, o culto ao Sol apresentava uma figura universal que transcendia fronteiras culturais. Sua popularidade cresceu rapidamente, sendo adotada por soldados, governantes e pelas massas. O próprio imperador Constantino, antes de sua conversão ao cristianismo, era devoto do Sol Invictus, utilizando sua imagem em moedas e estandartes.

Foi nesse contexto que a Igreja Cristã começou a fazer adaptações estratégicas para consolidar sua influência. Com o cristianismo ganhando espaço após o Édito de Milão, em 313 d.C., que legalizou a religião, os líderes da Igreja enfrentaram o desafio de substituir as festividades pagãs sem alienar os recém-convertidos. A solução encontrada foi reinterpretar as tradições existentes à luz da nova fé. Assim, 25 de dezembro, anteriormente associado ao renascimento do Sol, passou a ser celebrado como o nascimento de Jesus Cristo, o "Sol da Justiça", conforme descrito em Malaquias 4:2.

Essa decisão foi profundamente simbólica. Ao transferir o foco do Sol físico para Cristo, a Igreja transformou um festival que celebrava a luz natural em uma comemoração espiritual. Jesus passou a ser apresentado como a verdadeira luz do mundo, em contraste com o sol terreno. Essa estratégia não apenas facilitou a aceitação do cristianismo entre os povos pagãos, mas também reforçou a ideia de que a nova fé não estava em contradição com a cultura existente, mas sim em continuidade com ela, oferecendo uma interpretação superior e definitiva.



No entanto, a adoção de 25 de dezembro como data do nascimento de Cristo não foi universalmente aceita de imediato. Comunidades cristãs no Oriente continuaram a celebrar a Epifania em 6 de janeiro como a data principal, enquanto outras nem sequer comemoravam o nascimento de Jesus. Foi apenas ao longo dos séculos que o Natal em 25 de dezembro se tornou amplamente reconhecido e integrado à tradição cristã.

Com a ascensão do cristianismo como religião oficial do Império Romano no século IV, sob o imperador Teodósio I, a Igreja enfrentou o desafio de consolidar sua influência em uma sociedade multicultural profundamente ligada ao paganismo. Essa transição não aconteceu por imposição brusca, mas através de uma estratégia inteligente de sincretismo religioso e político, em que elementos pagãos foram reinterpretados à luz da nova fé.

Essa adaptação foi uma ferramenta crucial para a Igreja Cristã, que buscava não apenas converter indivíduos, mas unificar o Império em torno de uma religião que também servisse como base para a autoridade estatal. A fusão de credos tornou-se, assim, um meio eficaz de integrar as massas e consolidar o poder central.

Conforme mencionado, a celebração do Natal em 25 de dezembro substituiu festivais pagãos, como o do Sol Invictus e a Saturnália. Essa adaptação foi essencial para atrair pagãos que já estavam acostumados a celebrar a luz e o renascimento durante o solstício de inverno.

O historiador E. Gibbon, em *Declínio e Queda do Império Romano*, observa:

"O cristianismo foi amplamente auxiliado pela confusão sincrética de tradições religiosas, que permitiram à Igreja assimilar elementos culturais populares e adaptá-los para seu propósito espiritual."<sup>98</sup>

Templos pagãos foram convertidos em igrejas cristãs. O Panteão, em Roma, originalmente dedicado a todos os deuses, foi consagrado como igreja em 609 d.C., sob o papa Bonifácio IV, e renomeado como Igreja de Santa Maria e dos Mártires.

O uso de símbolos como o halo em torno de santos cristãos também possui raízes na iconografia pagã, onde deuses como Apolo e Mitra eram representados com raios solares.

Com o Édito de Tessalônica, em 380 d.C., o cristianismo foi declarado a religião oficial do Império Romano por Teodósio I. Essa aliança entre Igreja e Estado criou um sistema em que a religião era usada para legitimar a autoridade imperial, e o poder político era usado para expandir e proteger a fé cristã.

A partir de então, a conversão ao cristianismo não era apenas uma questão de crença pessoal, mas um ato de lealdade ao Império. Em troca, a Igreja assegurava estabilidade política ao promover a ideia de um império unido sob uma única fé.

Teodósio implementou políticas que marginalizavam práticas pagãs, mas, em vez de erradicá-las abruptamente, as integrou ao cristianismo. Como o estudioso Ramsay MacMullen explica em *Christianizing the Roman Empire*:

---

<sup>98</sup> E.Gibbon; Declínio e Queda do Império Romano pg 511

"A adaptação do cristianismo ao mundo pagão foi uma tática consciente da Igreja, que percebeu que o sucesso da conversão em massa dependia de moldar a nova fé para que ela ressoasse com a cultura existente."<sup>99</sup>

A fusão de credos não apenas facilitou a aceitação do cristianismo, mas também solidificou sua posição como uma religião universal. Essa universalidade foi essencial para o projeto imperial de unificação:

**Integração Regional:** Cada província do Império, com suas tradições e cultos locais, encontrava pontos de continuidade dentro do cristianismo, como celebrações ou símbolos adaptados.

**Centralização do Poder:** A Igreja, ao controlar a interpretação da fé, tornou-se um instrumento de centralização política. Bispos passaram a atuar como figuras administrativas, além de líderes religiosos.

Esse modelo, no entanto, gerou tensões. Muitos pagãos resistiram à nova ordem, enquanto outros se convertiam apenas superficialmente, mantendo práticas sincréticas. O processo de cristianização, portanto, foi gradual e nem sempre pacífico.

Com a força de Estado, o cristianismo passou a tomar decisões de Estado, sempre visando maior controle e expansão de poder.

Após a queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C., a Itália mergulhou em um período de instabilidade, com invasões bárbaras, disputas territoriais e o colapso da

---

<sup>99</sup> Ramsey Macmillen; *Christianizing the Roman Empire*, p. 56

administração imperial. Nesse cenário, a Igreja Romana começou a preencher o vácuo de poder deixado pelos imperadores. A cidade de Roma, embora politicamente enfraquecida, ainda era um centro espiritual, e o bispo de Roma (o papa) começou a ser visto como uma figura de autoridade não apenas religiosa, mas também política.

Gregório I foi nomeado papa em 590 d.C., em meio a essa turbulência. Ele herdou uma cidade devastada por guerras, fome e epidemias. Em resposta, Gregório assumiu o controle administrativo de Roma, organizando a defesa contra os lombardos, supervisionando o abastecimento de alimentos e coordenando a reconstrução da infraestrutura. Além disso, ele negociou tratados com os lombardos, agindo de fato como um governante secular.

Gregório Magno consolidou o papel do papa como uma autoridade política ao assumir responsabilidades típicas de um monarca:

**Administração de Territórios:** Ele governou os territórios sob controle direto da Igreja (chamados de Patrimônio de São Pedro), arrecadando impostos e mantendo exércitos.

**Diplomacia:** Atuou como mediador entre os reinos bárbaros e o Império Bizantino, reforçando a posição do papado como uma força política independente.

**Caridade e Gestão Social:** Gregório distribuiu recursos da Igreja para combater a fome e a pobreza, ganhando apoio popular e legitimidade política.

Embora Gregório Magno tenha evitado se autodenominar “rei” e mantido um discurso de humildade, suas ações efetivamente o colocaram como um líder político de Roma e precursor do modelo de “Papa-Rei” que se consolidaria nos séculos seguintes.

O processo de transformação do papado em um poder monárquico pleno continuou nos séculos seguintes, atingindo seu auge em 754 d.C., quando o papa Estêvão II fez uma aliança com Pepino, o Breve, rei dos francos. Em troca de apoio militar contra os lombardos, Estêvão coroou Pepino como “rei dos francos” e recebeu como recompensa o controle de territórios na Itália central, formando o núcleo dos Estados Pontifícios.

Os Estados Pontifícios representaram a institucionalização do papado como um poder temporal. De 754 até 1870, os papas governaram diretamente como soberanos desses territórios, combinando autoridade espiritual e política em uma única figura.

Com o cristianismo estabelecendo sua posição como religião oficial do Império Romano e, posteriormente, consolidando-se como uma força política independente, o poder da Igreja começou a ser utilizado para moldar a sociedade e assegurar a adesão universal à nova fé. Esse processo, que inicialmente envolvia persuasão e diplomacia, evoluiu para práticas mais coercitivas, especialmente quando a religião foi entrelaçada ao poder secular dos papas e monarcas. A imposição da conversão ao cristianismo, portanto, foi tanto uma ferramenta de expansão religiosa quanto um instrumento de controle político.

O processo de conversões forçadas começou a ganhar destaque ainda na época do Império Romano. No final do

século IV, o imperador Teodósio I, através do Édito de Tessalônica em 380 d.C., declarou o cristianismo niceno como a única religião verdadeira e proibiu práticas pagãs. Embora essa medida fosse implementada com diferentes graus de severidade, marcou o início de uma era em que a adesão religiosa passou a ser uma questão de lealdade política. Edward Gibbon descreve esse período como uma época em que “o cristianismo foi promovido não apenas como uma crença espiritual, mas como uma ferramenta do Estado para unificar o Império” (Declínio e Queda do Império Romano, p. 497).

Com o colapso do Império Romano do Ocidente em 476 d.C., o cristianismo assumiu um papel ainda mais central na organização política. Os bispos de Roma, que mais tarde se tornariam papas com poder temporal, começaram a atuar como líderes não apenas religiosos, mas também civis. Essa transformação culminou no pontificado de Gregório Magno (590-604 d.C.), que liderou Roma durante tempos de instabilidade, administrando territórios, negociando com invasores e consolidando a autoridade da Igreja. Sob seu governo, a conversão das tribos germânicas na Inglaterra, por exemplo, foi conduzida de forma diplomática, mas com uma pressão crescente para que as populações locais aceitassem o cristianismo como parte de sua integração ao mundo romano-cristão.

No entanto, foi durante o século VIII, com a aliança entre o papado e os francos, que as conversões forçadas começaram a se tornar uma prática mais explícita. Em 754, o papa Estêvão II buscou apoio militar de Pepino, o Breve, em troca de legitimidade religiosa para sua coroação como rei dos francos. Essa aliança deu origem aos Estados Pontifícios e consolidou o papel do papado como uma potência política. Carlos Magno, filho de Pepino, intensificou esse processo durante suas campanhas contra os saxões (772-804). Após

derrotar essas tribos pagãs, ele frequentemente exigia o batismo como condição para poupar vidas ou conceder terras. Ramsay MacMullen relata que “a cristianização forçada, liderada por Carlos Magno, era vista não apenas como uma questão de fé, mas como um meio de dominação política” (*Christianizing the Roman Empire*, p. 83). Um exemplo marcante é o Capitular de Partida, de 782, que decretava pena de morte para aqueles que recusassem o batismo ou voltassem ao paganismo.

Na Alta Idade Média, a prática das conversões forçadas alcançou novos níveis com as Cruzadas, incentivadas diretamente pelo papado. Inocêncio III (1198-1216) desempenhou um papel central ao sancionar tanto as Cruzadas no Oriente quanto a repressão contra os cátaros no sul da França. O resultado foi a dizimação de comunidades inteiras, forçadas a escolher entre a conversão ao cristianismo ou a morte. Sobre essa época, Peter Brown destaca que “a coerção religiosa era amplamente justificada como um meio necessário para salvar almas e fortalecer a unidade cristã” (*The Rise of Western Christendom*, p. 234).

Na Península Ibérica, durante a Reconquista, judeus e muçulmanos enfrentaram uma crescente pressão para se converter ao cristianismo. Em 1492, os reis Fernando e Isabel, com o apoio do papa, emitiram o Édito de Expulsão, exigindo que os judeus deixassem a Espanha ou se convertessem. Os convertidos, conhecidos como conversos, muitas vezes enfrentavam desconfiança e perseguição por parte da Inquisição, uma instituição sancionada pela Igreja para garantir a pureza da fé cristã. Essa prática se estendeu ao Novo Mundo no século XVI, quando as populações indígenas foram submetidas à evangelização forçada pelos missionários católicos, com o respaldo dos papas que legitimaram as conquistas coloniais.

Após a consolidação do cristianismo como a religião predominante no Império Romano e, mais tarde, como a religião oficial em várias partes da Europa, a Igreja Católica começou a exercer um controle rigoroso sobre a interpretação das Escrituras e a prática religiosa. Esse controle visava centralizar a autoridade da Igreja, evitando divergências doutrinárias e práticas que poderiam desafiar sua hegemonia. Entre essas práticas, estavam a leitura e interpretação individual da Bíblia e a guarda de preceitos israelitas, como o sábado e outras observâncias judaicas.

No século IV, o cristianismo começou a se distanciar de suas raízes judaicas, um processo intensificado após os concílios de Nicéia (325 d.C.) e Laodiceia (363-364 d.C.). Em Nicéia, sob a liderança do imperador Constantino, a Páscoa cristã foi oficialmente dissociada da Páscoa judaica, marcando um esforço deliberado de separar as práticas cristãs daquelas dos judeus. Já no Concílio de Laodiceia, foi estabelecido que os cristãos não deveriam “judaizar” descansando no sábado, mas deveriam honrar exclusivamente o domingo como o “dia do Senhor”. Esse decreto enfatizava: “Os cristãos não devem judaizar descansando no sábado, mas devem trabalhar nesse dia e honrar o domingo como o dia de descanso” (Canons of the Council of Laodicea, Canon 29). Essa proibição tinha um duplo objetivo: reafirmar a autoridade da Igreja na definição das práticas religiosas e afastar os cristãos de influências judaicas, consideradas uma ameaça à unidade da fé.

Além disso, a Igreja desencorajava a interpretação individual das Escrituras. Durante a Idade Média, a Bíblia permaneceu acessível principalmente em latim, na tradução da Vulgata, realizada por Jerônimo no século IV. Essa tradução foi amplamente aceita pela Igreja e tornou-se a única versão oficial autorizada. O controle da interpretação era exercido



pelo clero, sob a justificativa de que o texto bíblico era complexo e aberto a interpretações errôneas pelos leigos. Como argumenta David Daniell, “o monopólio da interpretação garantiu à Igreja não apenas a autoridade espiritual, mas também o controle social e político” (*The Bible in English: Its History and Influence*, p. 95).

Durante esse período, esforços para traduzir a Bíblia para línguas vernáculas muitas vezes foram reprimidos. Um exemplo marcante é o caso de John Wycliffe (1328-1384), que traduziu a Bíblia para o inglês. Suas traduções foram condenadas pela Igreja, e Wycliffe foi rotulado como herege. Mais tarde, no Concílio de Constança (1415), a Igreja declarou suas ideias como subversivas, e seus seguidores, os lollardos, enfrentaram severas perseguições. Esse episódio demonstra como a interpretação individual das Escrituras era vista como uma ameaça à hierarquia eclesiástica.

O distanciamento das práticas israelitas também era reforçado pela teologia antijudaica promovida por alguns dos principais líderes da Igreja. Agostinho de Hipona, por exemplo, embora tenha defendido que os judeus deveriam ser tolerados como testemunhas vivas da antiga aliança, via as práticas judaicas como obsoletas. Em sua obra *Contra Faustum*, ele afirma que a guarda do sábado foi substituída pelo domingo, considerado um sinal da nova criação em Cristo (*Livro XIX*, p. 352).

Durante a Reforma Protestante, no século XVI, a centralização da interpretação bíblica foi desafiada. Reformadores como Martinho Lutero e João Calvino argumentaram que a Bíblia deveria ser acessível a todos os cristãos e que a autoridade da Igreja não poderia se sobrepor ao texto sagrado. Essa reivindicação provocou uma resposta dura da Igreja

Católica, que reafirmou sua posição durante o Concílio de Trento (1545-1563). Nesse concílio, foi decretado que somente a Igreja tinha o direito de interpretar oficialmente as Escrituras (Canons and Decrees of the Council of Trent, Sessão IV).

Além disso, a Inquisição desempenhou um papel crucial na repressão de qualquer prática ou interpretação considerada herética. Aqueles que tentavam guardar práticas judaicas ou outras práticas não autorizadas pela Igreja eram frequentemente acusados de judaísmo secreto e perseguidos. Isso foi particularmente evidente na Espanha e em Portugal durante os séculos XV e XVI, quando muitos judeus convertidos ao cristianismo (conversos) foram investigados por supostamente continuar a observar o sábado e outras tradições judaicas.

As descobertas de Qumran, feitas entre 1947 e 1956, revelaram uma vasta coleção de manuscritos do Mar Morto, que forneceu novos insights sobre os textos e práticas do judaísmo durante o período do Segundo Templo. Embora essas descobertas fossem inicialmente estudadas principalmente dentro do contexto da história do judaísmo, elas também exerceram uma influência significativa sobre a compreensão do cristianismo primitivo e a relação entre as tradições judaicas e cristãs. O controle e a interpretação desses textos, especialmente em relação à Igreja Católica, revelaram como a hegemonia interpretativa católica, particularmente sob a liderança do Vaticano e de estudiosos como André Devaux, procurou manter uma visão centrada na autoridade e nas doutrinas estabelecidas pela Igreja.

A Igreja Católica, ao longo de sua história, exerceu um controle rigoroso sobre a interpretação das Escrituras, e as descobertas de Qumran não foram uma exceção a essa regra. A partir do momento em que os Manuscritos do Mar Morto

começaram a ser publicados, os estudiosos católicos, especialmente aqueles ligados ao Vaticano, passaram a ter um papel predominante na análise e interpretação dos textos. Uma figura central neste processo foi o sacerdote e biblista francês André Devaux, que, ao lado de outros estudiosos, procurou integrar os achados de Qumran na narrativa cristã tradicional.

Devaux foi um dos estudiosos católicos que se dedicou ao estudo dos Manuscritos do Mar Morto, sendo parte da equipe que participou da tradução e interpretação dos textos em francês, além de dar contribuições importantes no campo da exegese bíblica. Ele e outros estudiosos do Vaticano estavam preocupados com as implicações teológicas que esses documentos poderiam ter sobre o entendimento tradicional da Bíblia, particularmente em relação às suas raízes judaicas. A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto revelou uma série de práticas e crenças que estavam presentes no judaísmo do Segundo Templo, muitas das quais pareciam semelhantes ao cristianismo primitivo.

Um dos maiores desafios que a Igreja Católica enfrentou diante das descobertas de Qumran foi o fato de que muitos dos textos encontrados, como os Manuscritos de Isaías e o Regimento da Comunidade, indicavam práticas que pareciam estar em estreita conexão com as raízes judaicas do cristianismo, especialmente em relação à guarda do sábado e outras observâncias ritualísticas, que a Igreja Católica já havia afastado de suas práticas oficiais. A doutrina católica tradicional havia desviado essas práticas judaicas, especialmente após o Concílio de Nicéia (325 d.C.), quando a Igreja começou a enfatizar o domingo como o “dia do Senhor”, distanciando-se das raízes judaicas do cristianismo.

Devaux e outros estudiosos católicos procuraram minimizar ou reinterpretar as semelhanças entre as práticas descritas em Qumran e aquelas do cristianismo primitivo. Como argumenta John J. Collins, “os estudiosos católicos, como Devaux, estavam interessados em manter uma linha clara entre o cristianismo e o judaísmo, a fim de reforçar a autoridade da Igreja como a única verdadeira interprete da mensagem cristã” (*The Bible After Babel*, p. 112). De fato, a Igreja Católica, ao manter uma hegemonia interpretativa sobre as Escrituras, procurava evitar que o cristianismo fosse visto como uma ramificação de um movimento judaico dissidente, como alguns estudiosos da época começaram a sugerir.

O papel da Igreja, especialmente em relação às descobertas de Qumran, também refletiu uma tentativa de reforçar a sua autoridade sobre os textos sagrados. O controle da exegese bíblica significava, em muitos casos, que a interpretação dos manuscritos seria filtrada através das lentes da tradição e autoridade católica, o que poderia enfraquecer as implicações teológicas que os achados de Qumran tinham para uma visão mais aberta do cristianismo primitivo.

A Igreja também teve que lidar com a revelação de textos como o Cântico dos Cânticos de Qumran, que poderiam sugerir uma relação mais direta entre o cristianismo e o judaísmo que a Igreja estava disposta a admitir. Em vez de ver esses textos como uma continuidade de práticas judaicas, muitos estudiosos católicos preferiram focar nas diferenças teológicas entre as seitas judaicas descritas em Qumran e o cristianismo emergente, para reforçar a ideia de que o cristianismo não era apenas uma continuidade do judaísmo, mas uma “nova religião” com doutrinas exclusivas.

A hegemonia interpretativa católica nas descobertas

de Qumran pode, portanto, ser vista como uma tentativa de preservar a singularidade da Igreja Católica e sua autoridade na interpretação das Escrituras, ao mesmo tempo que minimizava as implicações de que o cristianismo era, em grande parte, uma evolução das práticas judaicas do período do Segundo Templo. A figura de André Devaux, com suas contribuições acadêmicas e teológicas, representou uma faceta dessa estratégia de preservar a identidade e a autoridade da Igreja Católica diante dos novos desafios apresentados pelos Manuscritos do Mar Morto.

Os estudos realizados por André Devaux, especialmente no contexto dos Manuscritos do Mar Morto, foram fundamentais para o entendimento das descobertas de Qumran, mas também estiveram no centro de controvérsias, particularmente no que diz respeito ao uso de fontes e à interpretação de certos textos. Devaux, um dos principais estudiosos católicos envolvidos no estudo dos pergaminhos, teve que lidar com o desafio de traduzir e interpretar documentos que ofereciam uma visão sobre o judaísmo do Segundo Templo, um contexto que parecia muito próximo das raízes do cristianismo, mas que, ao mesmo tempo, apresentava práticas que não estavam em consonância com a teologia cristã oficial da Igreja Católica.

Um dos problemas significativos relacionados ao trabalho de Devaux e outros estudiosos católicos foi a questão da datação e da tradução dos pergaminhos. A datagem dos Manuscritos de Qumran, que varia entre os séculos III a.C. e I d.C., tem sido uma questão controversa. A maioria dos estudiosos concorda que os textos encontrados em Qumran são de uma época próxima ao cristianismo primitivo, o que os torna cruciais para compreender a evolução das tradições religiosas que levariam ao cristianismo. No entanto, a maneira como os textos foram datados, especialmente nas primeiras edições e traduções, foi amplamente influenciada por visões teológicas e, muitas vezes, ajustadas para acomodar a

narrativa dominante sobre a separação entre judaísmo e cristianismo.

Devaux, sendo um estudioso vinculado ao catolicismo, não estava imune a essas pressões. Sua abordagem para a tradução e interpretação dos Manuscritos de Qumran foi, em muitos casos, criticada por adotar uma perspectiva que buscava minimizar as semelhanças entre o cristianismo primitivo e os grupos encontrados em Qumran, como os essênios. Como argumenta Geza Vermes, um dos principais estudiosos dos Manuscritos do Mar Morto, “Devaux e outros estudiosos católicos, por causa de sua vinculação à hierarquia eclesástica, muitas vezes interpretaram os achados de forma que reforçavam a ideia de uma ruptura definitiva entre o judaísmo e o cristianismo” (*The Complete Dead Sea Scrolls in English*, p. 58). Isso ficou evidente em suas traduções, onde certas passagens que pareciam indicar uma prática cristã ou uma tradição comum entre o cristianismo e o judaísmo eram suavizadas ou até ignoradas.

Além disso, as traduções de Devaux, como as de outros estudiosos da época, foram feitas sob uma abordagem que poderia ser descrita como teológica em vez de puramente acadêmica. Ele foi cuidadoso ao traduzir os textos de maneira a não permitir interpretações que pudessem sugerir uma continuidade direta entre as práticas judaicas e as do cristianismo primitivo. Por exemplo, no Regimento da Comunidade, um dos textos mais reveladores encontrados em Qumran, há uma série de rituais e doutrinas que têm ressonâncias com a teologia cristã, como a expectativa de um Messias e uma comunidade eleita. No entanto, as traduções iniciais, incluindo as de Devaux, tendiam a minimizar essas conexões para evitar o que poderia ser interpretado como uma continuidade judaico-cristã.

Além das questões de tradução e datagem, houve também erros evidentes na interpretação dos textos. Um exemplo notável é o uso de termos que foram lidos e traduzidos de forma a colocar um maior distanciamento entre os grupos judaicos descritos em Qumran e os cristãos primitivos. A datação dos textos também foi controversa, uma vez que a maioria dos pergaminhos foi inicialmente atribuída a um período que coincidia mais estreitamente com o desenvolvimento do cristianismo, o que causou desconforto entre aqueles que queriam evitar uma visão de continuidade entre as duas religiões. Nos primeiros anos de pesquisa, a tendência era atribuir aos manuscritos uma data anterior ao cristianismo, a fim de evitar qualquer ligação direta com as primeiras comunidades cristãs. Como nota Lawrence H. Schiffman, “muitos dos primeiros estudiosos estavam mais preocupados em evitar que os manuscritos de Qumran pudessem desafiar a história tradicional do cristianismo, do que com uma leitura objetiva dos textos” (*The Dead Sea Scrolls: A New Translation*, p. 147).

Com o tempo, à medida que as traduções de Devaux e de outros foram revistas e novas descobertas foram feitas, tornou-se claro que muitas das suposições iniciais estavam incorretas. Em particular, o fato de que muitos dos grupos em Qumran, como os essênios, compartilham várias crenças fundamentais com as primeiras comunidades cristãs começou a ser reconhecido. No entanto, as interpretações e traduções que dominaram por décadas ainda têm uma influência considerável no entendimento atual dos Manuscritos do Mar Morto, especialmente entre aqueles que desejam manter uma clara distinção teológica entre judaísmo e cristianismo.

A equipe de André Devaux, como parte do grupo de estudiosos envolvidos na pesquisa e tradução dos Manuscritos do Mar Morto, de fato enfrentou uma série de dificuldades e desafios ao longo do processo de divulgação desses textos, e demorou mais de duas décadas para permitir o acesso

público completo a todos os documentos. Esse atraso foi resultado de uma série de fatores, incluindo disputas acadêmicas, questões de propriedade dos manuscritos e, de maneira significativa, o controle rígido sobre as descobertas por parte de uma pequena elite de estudiosos.

Após a descoberta inicial dos manuscritos de Qumran em 1947, as primeiras edições dos textos começaram a ser traduzidas e estudadas, mas, por muitos anos, o acesso a esses documentos foi restrito. Isso ocorreu principalmente por causa da maneira como as descobertas foram gerenciadas pelas autoridades responsáveis. O principal obstáculo foi o controle da publicação e da tradução dos manuscritos, que, inicialmente, estavam nas mãos de uma pequena equipe de estudiosos e tradutores, muitos dos quais estavam ligados a instituições religiosas e acadêmicas. Essa equipe foi composta, em grande parte, por estudiosos católicos e judeus, incluindo André Devaux, que se tornou uma das figuras centrais na análise e tradução dos textos.

Porém, a decisão de centralizar o controle sobre os manuscritos e manter as traduções e edições dentro de um círculo restrito de estudiosos gerou grande frustração e crítica no mundo acadêmico. Isso se deveu principalmente ao fato de que, durante esse período, o acesso aos textos foi fortemente limitado, e os pesquisadores que não faziam parte dessa equipe tinham pouca ou nenhuma oportunidade de examinar os manuscritos originais. Além disso, a edição das traduções iniciais foi feita de forma gradual e com um grande cuidado, o que resultou em um processo lento de publicação.

A principal razão para esse atraso no acesso público aos manuscritos foi, em parte, o esforço de controlar como as descobertas seriam interpretadas. A Igreja Católica,



representada por estudiosos como Devaux, estava particularmente interessada em garantir que a interpretação dos textos de Qumran não colocasse em risco a narrativa tradicional do cristianismo. Como mencionado anteriormente, muitos dos textos encontrados em Qumran, especialmente os que lidavam com temas messiânicos e apocalípticos, apresentavam semelhanças com os primeiros cristãos. A preocupação era que esses manuscritos pudessem reforçar a ideia de uma continuidade entre judaísmo e cristianismo, o que desafiaria a visão estabelecida da Igreja de que o cristianismo era uma religião completamente separada do judaísmo. Esse controle editorial, portanto, teve um impacto direto na velocidade e na transparência com que os textos foram divulgados.

Além disso, a edição e tradução dos manuscritos também estavam marcadas por dificuldades técnicas e acadêmicas. Muitos dos pergaminhos estavam fragmentados, o que tornava o trabalho de tradução e interpretação extremamente desafiador. As condições de preservação dos textos também eram precárias, o que dificultava ainda mais o processo de análise.

Foi somente em 1967, aproximadamente 20 anos após a descoberta inicial dos manuscritos, que o acesso a uma versão mais completa dos textos foi liberado ao público. Essa mudança ocorreu devido a uma crescente pressão de acadêmicos e pesquisadores, que argumentaram que a restrição do acesso estava prejudicando o desenvolvimento do estudo das origens do cristianismo e do judaísmo. Nesse ano, a edição final dos Manuscritos do Mar Morto foi finalmente publicada, permitindo que um número maior de estudiosos tivesse acesso ao material original e pudesse realizar suas próprias pesquisas.

Ao longo desses 20 anos, a situação de controle e sigilo dos manuscritos gerou uma série de críticas, e a demora em liberar o acesso completo aos textos foi vista como uma tentativa de manter uma certa visão teológica e acadêmica dominante. Como argumenta o pesquisador Lawrence H. Schiffman, “o controle sobre os Manuscritos do Mar Morto foi um reflexo da preocupação de algumas instituições em proteger certas interpretações religiosas e evitar que novas descobertas questionassem as tradições estabelecidas” (*The Dead Sea Scrolls: A New Translation*, p. 154).

O trabalho de tradutores como Robert Eisenman nos Manuscritos do Mar Morto, especialmente no que se refere aos textos encontrados em Qumran, é uma questão que tem sido debatida entre os estudiosos. Embora Eisenman seja amplamente reconhecido por suas contribuições significativas ao estudo dos manuscritos, sua abordagem ao traduzir e interpretar os textos de Qumran é vista por alguns como influenciada por uma perspectiva cristã, especialmente em relação à busca por paralelos entre o cristianismo primitivo e as comunidades de Qumran, como os essênios.

Robert Eisenman, conhecido por seu trabalho sobre os Essênios e o cristianismo primitivo, foi um dos estudiosos que procurou destacar as conexões entre o movimento essênio, que se acredita ser o responsável pelos Manuscritos de Qumran, e o cristianismo nascente. Eisenman sugeriu que certas ideias e práticas presentes em Qumran, incluindo a expectativa messiânica e o apocaliptismo, poderiam ter influenciado diretamente os primeiros cristãos. Ele propôs que figuras-chave do cristianismo, como Tiago, o Justo, irmão de Jesus, estavam mais alinhadas com as doutrinas essênias do que com a tradição farisaica dominante na época.

Esse foco nas possíveis relações entre Qumran e o cristianismo primitivo é uma característica importante do

trabalho de Eisenman, e sua abordagem foi interpretada por alguns como uma forma de enquadrar os textos de Qumran dentro de uma ótica cristã. Em seu livro seminal, *James the Brother of Jesus* (1997), Eisenman vai além de uma simples tradução dos textos de Qumran, oferecendo uma interpretação onde se busca entender como essas comunidades e seus escritos se relacionam com os primeiros cristãos e, em particular, com a figura de Tiago. O autor, portanto, tentou reconstruir a relação entre as práticas e crenças de Qumran e o cristianismo primitivo.

A sua interpretação é uma das mais controversas no campo dos estudos dos Manuscritos de Qumran, pois Eisenman coloca grande ênfase na ideia de que o cristianismo não foi apenas uma evolução do judaísmo farisaico, mas também profundamente influenciado pelas ideias e práticas dos essênios. Nesse sentido, sua tradução dos textos e suas análises estavam profundamente imbuídas da ótica cristã de uma tentativa de explorar a conexão entre esses grupos judeus e o cristianismo nascente, algo que poderia ser interpretado como uma tentativa de reforçar a continuidade entre judaísmo e cristianismo, mais do que uma ruptura.

Eisenman não foi o único tradutor ou estudioso a adotar essa perspectiva. Muitos outros acadêmicos que abordaram os Manuscritos de Qumran, principalmente aqueles ligados à tradição cristã ou ao cristianismo evangélico, tentaram enfatizar as relações entre os textos de Qumran e as primeiras comunidades cristãs. A ideia de que as comunidades essênias e outras seitas judaicas do período do Segundo Templo tinham crenças semelhantes às dos primeiros cristãos também foi explorada por outros estudiosos como Geza Vermes, embora ele fosse mais cauteloso em fazer tais associações diretas.

Contudo, a interpretação cristã dos textos de Qumran, seja de Eisenman ou outros, tem sido criticada por alguns estudiosos, que argumentam que esses esforços podem obscurecer aspectos cruciais do judaísmo do Segundo Templo e os contextos históricos mais amplos dos quais o cristianismo surgiu. Lawrence Schiffman, em seu livro *The Dead Sea Scrolls: A New Translation* (2017), aponta que a interpretação dos Manuscritos de Qumran deve ser feita com um cuidado extremo, pois “enquadrar os textos de Qumran como um prelúdio direto ao cristianismo pode levar a uma simplificação excessiva e a uma leitura tendenciosa, que ignora as complexidades e as várias correntes dentro do judaísmo daquela época” (p. 176).

Problemas com datações e traduções tem sido discutidos desde então. Já é amplamente aceito que a datação feita com rádio carbono não é eficaz quando se trata de manuscritos, isso porque o material sofreu com diversas contaminações de amostras, muito por conta dos métodos de preservação utilizadas pela equipe de Devaux que usava óleo de rícino para “preservar” os manuscritos.

O método mais aceito para a datação é a paleografia, o que também não deixa de ser problemático, uma vez que o ponto de partida é a interpretação dada por Albright.

William F. Albright, um dos mais proeminentes estudiosos da arqueologia bíblica no século XX, teve um papel fundamental na datação dos Manuscritos do Mar Morto. Sua abordagem para a datação dos textos de Qumran foi baseada principalmente em dois métodos: a análise da cerâmica e a paleografia. Albright acreditava que a cerâmica poderia ser um indicador preciso de períodos históricos, dado que os estilos de cerâmica evoluíam com o tempo, refletindo mudanças culturais e políticas. Ele usou essas mudanças na cerâmica encontrada nas escavações de Qumran para correlacionar com os manuscritos encontrados nas mesmas camadas estratigráficas. Além disso, ele utilizou a paleografia, que é o estudo das características da escrita antiga, como uma

ferramenta adicional para estimar as datas dos textos.

A cerâmica encontrada em Qumran e em outros sítios arqueológicos de importância no Judaísmo do Segundo Templo permitiu a Albright fazer associações entre estilos de cerâmica e períodos específicos da história judaica. Ele usou a cerâmica de Qumran para traçar um paralelo com estilos conhecidos de outras escavações no Oriente Próximo, o que permitiu determinar um intervalo de datas para os manuscritos. Em particular, Albright associou o estilo de cerâmica encontrado nas camadas superiores das escavações de Qumran com a era do final do século II a.C. até o século I d.C. Isso foi feito com base na correspondência entre os estilos cerâmicos de Qumran e os datados de escavações em locais como Jericó, que, por sua vez, tinham sido estabelecidos como representações precisas de certos períodos históricos.

Adicionalmente, Albright utilizou a paleografia, a análise das características das letras nos manuscritos, para fornecer uma estimativa mais precisa da datação. A partir de seu estudo dos estilos de escrita, ele sugeriu que os Manuscritos de Qumran datavam de uma ampla faixa de tempo, mas principalmente do final do século II a.C. até o século I d.C. Essa análise paleográfica foi muito influente no início, mas também gerou controvérsias à medida que outros estudiosos passaram a questionar suas conclusões.

A datação proposta por Albright se tornou amplamente aceita nas décadas seguintes, especialmente a ideia de que os manuscritos eram contemporâneos de Jesus e dos primeiros cristãos. No entanto, com o tempo, os estudos mais aprofundados e novas abordagens metodológicas começaram a questionar as conclusões de Albright. Uma das críticas principais está no fato de que a cerâmica não é sempre um

indicador infalível de datação. Embora os estilos de cerâmica possam fornecer informações úteis sobre a cronologia de um sítio, os métodos de Albright foram limitados pela falta de uma abordagem mais abrangente que levasse em consideração outras variáveis arqueológicas e contextuais.

A utilização dos métodos de Albright na datação dos Manuscritos de Qumran, portanto, embora inovadora e crucial para os primeiros estudos sobre os textos, foi também envolta em controvérsias. A dependência de cerâmica e paleografia para estabelecer uma cronologia precisa foi questionada ao longo do tempo, e novas abordagens mais sofisticadas começaram a desafiar as conclusões de Albright. Enquanto a cerâmica ainda continua sendo uma ferramenta útil no estudo arqueológico, a sua capacidade de fornecer uma datação exata de eventos históricos e textos arqueológicos tem limitações evidentes.

A questão da datação dos Manuscritos do Mar Morto permanece um campo de debate, e a abordagem de Albright, com suas ênfases em cerâmica e paleografia, continua sendo uma parte importante dessa discussão, mas também uma área de crítica e refinamento. Como observa Lawrence Schiffman, “a datação dos Manuscritos de Qumran deve ser feita com uma combinação de métodos e cautela, pois depender de uma única abordagem, seja cerâmica ou paleografia, pode ser arriscado” (*The Dead Sea Scrolls: A New Translation*, p. 134).

A paleografia não leva em conta a mão do escriba, ou seja, características próprias de escribas que são atemporais. Palavras e expressões que são de um período pós herodiano encontrados em textos marcados como sendo do período Asmoneu e outras diversas características que colocam as datações dos manuscritos sob prova.

Algumas traduções de textos calendricais, por exemplo, foram usadas para embasar que Had b' shabá fosse mesmo

usado em referência ao primeiro dia da semana, porém ao comparar com outro texto calendrical do mesmo estilo esse argumento cai por terra.

Trata-se do manuscrito 'pesher bereshit'(comentário em Gênesis), onde o dilúvio é marcado segundo datas de um calendário de 364 dias com um dia de acréscimo no equinócio.

Esses textos utilizam אחר שבת (achar shabat) יום אחד (Yom echad) e יום רישון (Yom Rishon) para se referir ao primeiro dia da semana, enquanto há uma contagem de sábados festivos e semanais em sua estrutura. No Pesher bereshit a palavra Echad b'shabat aparece na forma singular, diferente do echad b'shabah que surge nos evangelhos na forma plural enfática, ainda assim tradutores como Eiseman traduziram como domingo. Vamos analisar dois textos calendricais para comoreenderO que realmente o texto diz:.

#### 4Q252 (plate 5) Pesher Bereshit

ובשבת ארבע מאות ושמונים לחיי נוח בא קצם לנוח ואלוהים .

2. אמר לא ידור רוזי בארם לעולם ויחתכו ימיהם מאה ועשרים

3. שנה עד קץ מי מבול ומי מכול היו על הארץ בעה שש מאות שנה

4. לחיי נוח כחודש השני באחד בשבת בשבעה עשר בו ביום ההוא

5. נבקעו כול מעינות תהום רבה וארבות השמים נפתחו ויהי הגשם על

6. הארץ ארבעים יום וארבעים לילה עד יום עשרים וששה בחודש

7. השלישי יום חמשה בשבת וינברו המים על הארץ חמשים ומאה יום.
8. עד יום ארבעה עשר בחודש השביעי יום שולטת בשבת ובסוף חמשים.
9. ומאת יום הסרו המים שני ימדים יום הרביעי ויום הדמישי ויום.
10. חששי נחה התכה על תרי הוררם הוא יום שבעה עשר בחודש השביעי.
11. והמים חיו הלוך והסיר עד החודש העשירי באחד בו יום רביעי.
12. לשכת נראו] ראשי ההרים ויהי מקץ ארבעים יום להראות ראשי.
13. ההרים ויפתח נוח את הלון החבה יום אחר בשבת הוא יום עשרה.
14. בעשתי עשר החודש וישלח נוחן את היונה לראות הקלו המים ולוא.
15. [מצאה מנוח וחבוא אליו אל התבה ויחל עור שבעת ימים אחרים.
16. ויוסף לשלחה ותבוא אליו ועלי זית טרף בפיה הוא יום עשרים.
17. [וארבעה לעשתי עשר החודש באחד בשבת וידע נוח כי קלו הנוים.
18. מעל הארץ ומקץ שבעת ימים אחרים וישלה נוח את היונה ולואן.



[יספה לשוב עוד הוא יום אחד לשנים עשר החודש יום אחר. 19]

[בשבת ומקץ שלושים ואחד יום משלחה אשר לא יספה. 20]

שוב עוד חרבו חמים מעל הארץ) ויסר נוח את מכסה החבה. 21

(וירא והנה חרבו המים מעל פני האדמה באחד בחודש הראשון. 22)

עמודה 2

באחת ושש מאותן שנה לחיי נוח ובשבעה עשר יום לחודש השני. 1

יבשה הארץ באחד בשבת כיום ההוא יצא נוח מן החבה לקיץ שנה. 2.

חמימה לימים שלוש מאות ששים וארבעה באחר בשבת בשכעה 3

נוח מן החבה למועד שנה

תמימה. 5.

ויקץ נוח מיינו וידע את אשר עשה

לו בנו הקטן ויאמר ארוד כנען עבר עבדים יתייה לאחיו לא. 6.

קלל את חם כי אם בנו כי בדך אל את בני נוח ובאהלי שם ישכון. 7.

ארץ נתן לאברהם אהבו ם בן מאה וארבעים שנה תרח בצאתו. 8.

מאור כשדיים ויכוא חרן ואברם בן שבעים שנה וחמש שנה ישב. 9.

(אברם בחרן ואחר יצא אברם אל ארץ כנען ששים וחמש שנה. 10.

העגלה והאיל וחרצו. 11.

| | אברם לאל |

tradução

1. E no sábado quatrocentos e oitenta da vida de Noé, chegou o fim de Noé, e Deus

2. disse: "Meu espírito não permanecerá no homem para sempre; seus dias serão reduzidos a cento e vinte anos."

3. Até o fim, as águas do dilúvio e as inundações estavam sobre a terra por seiscentos anos.

4. No segundo mês, em um sábado, no décimo sétimo

dia do mês, naquele dia,

5. todas as fontes do grande abismo foram rompidas, e as comportas dos céus foram abertas, e a chuva

6. caiu sobre a terra por quarenta dias e quarenta noites, até o vigésimo sexto dia do terceiro mês,

7. no quinto é um sábado, as águas prevaleceram sobre a terra por cento e cinquenta dias,

8. até o décimo quarto dia do sétimo mês, no terceiro é um sábado . E ao fim de cento e cinquenta dias,

9. as águas começaram a recuar. Dois sábados depois,

10. a arca repousou sobre os montes de Ararate no dia dezessete do sétimo mês.

11. As águas continuaram a diminuir até o décimo mês, no primeiro dia, na quarta feira.(Yom Rebi'i)

12. quando os topos das montanhas foram vistos. Após quarenta dias, Noé

13. abriu a janela da arca no domingo (Yom achar b'shabat, literalmente dia após o sábado.), no décimo dia do

décimo primeiro mês,

14. e enviou uma pomba para ver se as águas haviam diminuído. Mas a pomba não encontrou descanso,

15. então voltou para ele na arca. Ele esperou mais sete dias

16. e enviou a pomba novamente. Ela voltou com uma folha de oliveira no bico no dia vinte e quatro

17. do décimo primeiro mês, em um sábado. Noé sabia que as águas haviam diminuído.

18. Ele esperou mais sete dias e enviou a pomba novamente, mas ela não retornou.

19. Será acrescentado mais um dia ao ano, no décimo segundo mês, um dia a mais."

20. Trinta e um dias depois, ficou claro que a terra estava seca.

21. Noé removeu a cobertura da arca e viu que a superfície da terra estava seca,

22. no primeiro dia do primeiro mês.

---

## Coluna 2

1. No ano seiscentos e um da vida de Noé, no décimo sétimo dia do segundo mês,

2. a terra estava completamente seca. Em um sábado , Noé saiu da arca.

3. Cem dias para os trezentos e sessenta e quatro, no último sábado (B'acher shabat), ao pôr do sol.

4. Ele saiu da arca na primeira contagem de sábados de um novo ciclo completo de um ano.

5. Foi um ano completo.

6. Noé despertou de seu vinho e percebeu o que seu filho mais novo havia feito com ele.

7. Ele disse: "Maldito seja Canaã! Servo dos servos ele será para seus irmãos."

8. Ele não amaldiçoou Cam, mas seu filho, pois Deus

abençoou os filhos de Noé. "Ele habitará nas tendas de Sem."

9. A terra foi dada a Abraão, o amado. Terá tinha cento e quarenta anos quando saiu de Ur dos Caldeus

10. e foi para Harã. Abraão tinha setenta e cinco anos quando se estabeleceu em Harã.

11. Depois, ele saiu de Harã e foi para a terra de Canaã, onde viveu por sessenta e cinco anos.

O texto já inicia com B'shabat para se referir a vida de Noé, que não ironicamente, em Hebraico Noé significa descanso. O texto menciona quarta feira como Yom Rebi'i e não como Rebi'i b'shabá, e domingo como Yom Achar b'shabat. Não há aqui referência ao domingo, mas uma contagem de sábados e semanas, em um ano de 364 dias.

Comparação com outro texto calendrical.

4Q394-398 (Plates 13,14)

בחדש הראשון 2 בארבעה בו שבת 4 בעשתי עשר) 11

בו שבתן 6. בארבעה 7. עפר בו הפסחא. בשמונה 9. עשר כו שבת

10. [בעשרים 11, וחמשה 12, בו שבת 13. אחר בעשרים]

שעה 15 בו הנף העמר 14

בשניים 17. בחודש המנין 18. בו שבה 19. (בתשעה 20. כו שבת 162.

בארבעה עשר 22 בו הפפר חנין 23. בששה כפר 24. בו שבת 21

בשרים ושלושת 27. בו שבת 28. בשלישים 29 בו שבת 25

בחודש הפליטין 31 בשבעה 32, בו שבת 33. [בארבעת עשרן 39 303  
ואחר 40 שבת 11. בעשרים 42, ומונחן 43 בי שבהן

בו שבה 35. (אחר) 36. בחמשת עשר [37. כי הן השבועות 18 34  
בעשרים

עליו אחר 45, האחד והפני 46 יום שלישי 47, נוסף

(בחודש חרביעי) 19. בארבעה 50, בו שבת 51, עשתי עשר [52 484  
כו שבהן 53. בשמונה 54. עשר בו שכתן 35. בעשרים 56, וחמשה

כו שבה 57

בשניים [59. בחודש החמשי) 60. בו שבת 61. אחר [62 58. 5  
בשלושה 63. בו מועד החירום 64 בשעה 65, כו מבחן 66, בשש אשר 67, בו שבה  
בעשרם 69, ושלוש 70, בו שבה 71, בשלושים 72. כו שבה 68.

כחודש השטין 73.

בשבעה 75, (כו מבת) 76. בארבעה עשר 27, כי שבת 78. 746.  
בעשרים 79 ואחד 80, כו שכה 81 בעשרים 82 ישנים 83, בו מעד 84. השמן  
אחר בעשרים 86, ושלושה 87. קרבן העצים 88. בעשרים 89. ושמונה 90. 85.  
כי מבה 91. עליו אחר 92, (האחר והשני, 95, יום שלישי 94 נוסף

באחד בחורם 96, (השביעי 97, בו יום זכרון) 98 (בארבעה. 957.

בו שבת 100. כעשרה 101, בו יום 102. הכפורים 105. בעשתי 99.  
עטר 1004 במפה בטר 106 בו חנן 107. (הסכות 108. בשמונה 109. עשר בו  
מבה 110. בעשרים 111. ושניים 112, בו עצרת 113. בעשרים 114. וחמשה

כו שבהן. 115.

בשניים 117. בחודש השמיני 118. (בו שבת) 119. בהצעה. 1168.  
בו שבת 121. בששה עשר 122. כו מבת 125. בעשרים 124. ופלישה 120.  
בו שבת 126. בשלושים 127 כו שבה 128. בחודש התשיעי. 125.

בשנים 117. בחודש השמיני 118. (בו שבת) 119. (בהשעה. 1168.  
כו שבת 121. בששה עשר 122. בו שבת 123. בעשרים 124. ופלישה 120.  
בשלושים 127, בו שבת 128. (בחודש הת החשיכי. 126. 125

בעשרים ואחד בו שבת 15. בעשרים 156 כון שכ עליו אחד 139. 135.  
האהרן והשני 140. יום ישמונה שלישי 199. (בשבעה) 130. (בו שבת 131  
בארבעה פמרן 132, בו שבת 138 137) 141 (נוסף

בחודש העשי 143 בארבעה 144 145, בעפתי עשר 142 10

מושכת 147. כשמתה 148. עשר ובה 149. בעמדים דים 150, 146,



והמבה

בו מכה 152. בפנים 153. בדרום 15-411 העפחי עשר. 151.

בכו שבת 156, בתשעה 157. בו 160 159. בו מבחן שבת 15511  
בשם בעטרים 161 16 ושלושה 162. [בו שכת] בת 16. בשלושים. 158.

בחודש 16, (השנים 167. עשר 168. (בשבעה 165. בחודש 164. בו)  
שכת

בו שבת. 169.

שליטי 17012. בארבעה עשר בו בו שבת בעשרים ואחד כו שכר שבת  
בעשרים 171. ושמונה בון שכח לי אחר האחד והשני יום

נוסף ושלמה השנה שלוש מאה וששים וארבעה. 172.

חלק 2-משפטי

יום 173

---

Parte 1: Exposição Calendária

1. primeiro mês, no quarto dia (Arbi'i) é um sábado."
2. No décimo primeiro dia, é um sábado
3. No décimo quarto dia, é a Páscoa;
4. No décimo oitavo dia, é um sábado;
5. No vigésimo quinto dia, é um sábado;
6. Após isso, no vigésimo sexto dia, ocorre a Oferenda do Ômer.
7. No segundo mês, no segundo dia, é um sábado;
8. No nono dia, é um sábado;
9. No décimo quarto dia, é o Segundo Pessach (Páscoa);
10. No décimo sexto dia, é um sábado;
11. No vigésimo terceiro dia, é um sábado;
12. No trigésimo dia, é um sábado.

13. No terceiro mês, no sétimo dia, é um sábado;

14. No décimo quarto dia, é um sábado;

15. Após isso, no décimo quinto dia, é o Festival das Semanas (Pentecostes);

16. No vigésimo primeiro dia, é um sábado;

17. No vigésimo oitavo dia, é um sábado;

18. Após o domingo (Yom Echad) e a segunda-feira, um (extra) terça-feira é adicionada.

19. No quarto mês, no quarto dia, é um sábado;

20. No décimo primeiro dia, é um sábado;

21. No décimo oitavo dia, é um sábado;

22. No vigésimo quinto dia, é um sábado.

23. No segundo dia do quinto mês, é um sábado;

24. Após isso, no terceiro dia, é o Festival do Novo Vinho;

25. No nono dia, é um sábado;

26. No décimo sexto dia, é um sábado;

27. No vigésimo terceiro dia, é um sábado;

28. No trigésimo dia, é um sábado.

29. No sexto mês, no sétimo dia, é um sábado;

30. No décimo quarto dia, é um sábado;

31. No vigésimo primeiro dia, é um sábado;

32. No vigésimo segundo dia, é o Festival do Novo Óleo;

33. Após isso, no vigésimo terceiro dia, é a Oferenda de Madeira;

34. No vigésimo oitavo dia, é um sábado;

35. Após o domingo (Echad) e a segunda-feira(, um

(extra) terça-feira é adicionada.

36. No primeiro do sétimo mês, é o Dia da Memória.

---

Essa exposição calendária lista os principais eventos e festivais conforme descritos, organizados por mês e dia, destacando a frequência dos sábados e a inclusão de dias adicionais em alguns meses.

Há aqui uma contagem de sábados, שבת. Usando Yom Echad e Yom Achar Shabat para Domingo, Yom sheni para segunda, shlishi para terça, etc...

Essa tradição era comum em textos calendricais, baseados em um calendário Solar de 364 dias. Textos calendricais eram comuns desde o período asmoneano até pós herodiano variando de calendários solares a luni solares nas comunidades, era muito utilizado porque nem gregos nem romanos possuíam semanas de 7 dias.

Ambos textos de tradições calendricais possuem a mesma estrutura com pequenas diferenças, a diferença entre "בו שבת" (bo shabat) e "בשבת" (b'shabat) está mais relacionada à ortografia e vocalização do que à morfologia em si, sendo a forma בשבת a contração de שבת.

"בו שבת" (bo shabbat):

Aqui, as palavras são escritas separadas.

A frase é uma expressão de tempo que significa "no sábado", onde "בו" (bo) significa "nele, neste" e "שבת" (shabbat) significa "sábado".

A forma separada sugere que a expressão é vista como uma combinação de palavras distintas.

"בשבת" (b'shabbat):

Aqui, as palavras são escritas juntas.

A forma contraída é uma variante ortográfica que une as palavras em uma única expressão.

Essa contração reflete uma forma mais comum de escrita em textos antigos e na literatura bíblica, facilitando a leitura e a pronúncia.

Portanto, a diferença entre essas duas formas é mais uma questão de vocalização e convenções ortográficas do que de morfologia. A forma contraída "בשבת" é vista como uma simplificação ou abreviação da expressão completa "בו שבת".

Como podemos observar, um esforço enorme foi dispendido para modificar não apenas a história, mas a própria leitura dos textos dos evangelhos, dando uma nova roupagem e criando uma autoridade religiosa desligada de Israel. A verdade não pode ser escondida por muito tempo.

A adoção de costumes e tradições pagãs visando domínio e poder, e uma separação entre cristãos e judeus foi a maior responsável por toda essa distorção. A figura solar em volta da figura de Cristo foi de fato proposital, afastando

assim o Sábado como dia de adoração.

Vimos como a adoção de costumes persas possibilitaram ainda mais essa confusão, e como a centralização de poder em Roma dividiu as primeiras comunidades de discípulos. Não dispenderei mais tempo falando sobre o Paganismo presente no cristianismo, pois o objetivo desta obra é falar sobre o dia de adoração.<sup>1</sup>

Claro que reconhecemos a importância do cristianismo no alcance pessoas em todas as nações, mas também sabemos que a restauração é necessária para que possamos retornar ao caminho da aliança.

O fato de que a Casa de Israel se espalhou entre as nações e se tornou gentio não pode ser ignorado, já que tentam de toda forma desvincular a igreja (congregação) de Israel.

O Shabat é uma aliança perpétua, e como vimos, Yshua (Jesus) é o Senhor do sábado, sendo este o verdadeiro dia do Senhor. O reinado Messiânico é representado pelo sábado, o descanso de Deus, como apresenta Hebreus 4.

A aliança perpétua continua mesmo com a dispersão de Israel antes de seu ajuntamento. Dispersão essa que permitiu que pessoas de todas as nações se misturassem a Israel e se unissem a aliança, aliança essa marcada pelo Shabat:

Is 56:1-8: “Assim disse YHWH: Observai a justiça e sede íntegros; pois prestes a vir está Minha salvação e a se manifestar Minha integridade. Louvável é aquele que assim se porta e o homem que nisto se firma; que guarda o Shabat [sábado] para não o profanar e resguarda sua mão de praticar o mal. Não fale o estrangeiro, que a YHWH se uniu, dizendo: ‘Certamente o YHWH me excluirá da recompensa que der ao Seu povo’; tampouco diga o Fiel: ‘Eis que sou uma árvore seca’. Pois assim disse YHWH: A respeito dos féis que guardam os Meus sábados, escolhem para si as coisas em que Me agrado, e abraçam firmemente Minha aliança. Em Minha

casa e no recinto de Meus muros darei a eles um lugar de honra e de destaque que signifique mais do que filhos e filhas; renome lhes darei, que para sempre há de durar. Também farei com os estrangeiros que se unem a YHWH, para O servirem, para amarem Seu Nome, sendo deste modo Seus servos, e Meus sábados guardarem, para não o profanarem e assim abraçarem Minha aliança. EU os conduzirei a Meu santo Monte e os alegrarei na Minha casa de oração. Suas ofertas de elevação e os seus sacrifícios serão aceitos com agrado no Meu altar, porque a Minha casa será chamada de Casa de Oração para todos os povos. E YHWH Deus, que congrega os dispersos de Israel, diz: Ainda aos vossos, que reunirei, ajuntarei outros (povos).”

Que possamos nos esforçar em guardar esta aliança perpétua, retornar aos caminhos que nos foram escondidos, e novamente nos integrar ao povo de Israel para que possamos entrar por uma das doze portas da nova Jerusalém, no Sábado de Descanso de Yahwah.



